



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**O Mal Político e o Impacto da Guerra Fria no
Pensamento de Jorge Semprún**

Tânia Alexandra de Matos Varandas

Orientação: Prof. Silvério Rocha e Cunha

Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus

Dissertação

Évora, 2014

Universidade de Évora
Escola de Ciências Sociais
Departamento de Economia

Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus

Dissertação

O Mal Político e o Impacto da Guerra Fria no Pensamento de Jorge Semprún

Tânia Alexandra de Matos Varandas

Orientador

Prof. Silvério Rocha Cunha

Universidade de Évora, Junho de 2014

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente, ao Prof. Silvério Rocha Cunha pela ajuda dada na escolha do tema e no auxílio que me prestou durante a execução deste estudo. Ainda que por vezes me tenha sentido perdida, a sua ajuda foi sem dúvida uma mais-valia, não só para mim mas também enquanto contribuição inestimável na dissertação.

Quero agradecer à minha família, principalmente aos meus avós e à minha mãe, que nunca me deixaram desanimar e me eram o ânimo necessário para continuar e acreditar em mim e neste estudo. Sem a sua ajuda nunca teria chegado tão longe. Quero agradecer à minha avó por não me ter deixado desistir de continuar a estudar, ao meu avô pela sua enorme paciência comigo e à minha mãe por estar sempre a meu lado nos melhores e nos piores momentos.

Quero agradecer ainda aos meus amigos e colegas de trabalho, que me ouviram tantas vezes sobre esta dissertação que provavelmente a conhecem tão bem quanto eu. Quero agradecer a sua paciência, atenção e amizade.

Muito obrigada a todos.

O Mal Político e os Impactos da Guerra Fria no Pensamento de Jorge Semprún

Tânia Varandas

Resumo: Através da análise das obras de Jorge Semprún, é feita uma ponte entre o pensamento do autor e os dois maiores totalitarismos europeus do século XX. A ligação entre estes dois objetos de estudo centra-se, principalmente, em Jorge Semprún como deportado no campo de concentração de Buchenwald e, mais tarde, na sua expulsão do Partido Comunista Espanhol.

O estudo centra-se, por isso, em duas questões, primeiramente no conceito de mal político e na sua relação com o regime nazi e com os campos de concentração, analisando neste contexto autores como Hannah Arendt e Zygmunt Bauman. E, numa segunda fase, na questão da Guerra Fria e das razões por detrás da cisão de Semprún com o comunismo.

Numa última fase, é estabelecida a relação entre estas duas experiências na vida do autor e os seus impactos no pensamento político do autor, principalmente nas suas considerações sobre o futuro da Europa.

Palavras-Chave: Totalitarismo, Guerra Fria, Holocausto, Mal, Comunismo, Europa.

The Political Evil and the Impacts of the Cold War in the Thought of Jorge Semprún

Tânia Varandas

Abstract: Through the analysis of Jorge Semprún's works, it's made a bridge between the author's thought and the two biggest european totalitarian regimes of the twentieth century. The connection between these two objects of study it's focused on Jorge Semprún as a deported in the Buchenwald's concentration camp, and later, on his expulsion from the Spanish Communist Party.

The study is focused on two issues, primarily the concept of political evil and its connection with the nazi regime and the concentration camps, analyzing in this context authors as Hannah Arendt and Zygmunt Bauman. Later, in a second stage, the study is focused on the issue of the Cold War and the reasons behind the split of Semprún with the communism.

At the final stage, it's established the connection between these two experiences in the author's life and its impacts in the author's political thought, especially in his considerations about Europe's future.

Keywords: Totalitarianism, Cold War, Holocaust, Evil, Communism, Europe.

Índice Geral

Agradecimentos	2
Resumo.....	3
Abstract	4
INTRODUÇÃO	6
1. VIDA E OBRA DE JORGE SEMPRÚN	10
1.1 OS PRIMEIROS ANOS.....	10
1.2 RESISTÊNCIA E O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE BUCHENWALD.....	11
1.3 LIBERTAÇÃO DO CAMPO DE BUCHENWALD E O PAPEL DA MEMÓRIA DOS SOBREVIVENTES	18
1.4 INÍCIO DA VIDA POLÍTICA E INGRESSÃO NO PARTIDO COMUNISTA ESPANHOL	21
1.5 EXPULSÃO DO PCE E O INÍCIO DA VIDA COMO ESCRITOR	24
2. O MAL POLÍTICO.....	32
2.1 CONCEITO MAL AO LONGO TEMPOS.....	32
2.2 TOTALITARISMO COMO INSTRUMENTO DO MAL	36
2.2.1 O CASO DO NAZISMO.....	38
2.3 MAL POLÍTICO NA ATUALIDADE.....	53
3. COMPREENSÃO DO HOLOCAUSTO – MAL POLÍTICO EM SEMPRÚN.....	65
3.1 OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZIS.....	74
3.2 CONCEÇÃO DO MAL NO PENSAMENTO DE JORGE SEMPRÚN.....	77
4. O TEMPO DA GUERRA FRIA – JORGE SEMPRÚN E A EXPULSÃO DO PARTIDO COMUNISTA ESPANHOL	81
4.1 REORGANIZAÇÃO DO PÓS-GUERRA E O INÍCIO DA GUERRA FRIA.....	81
4.2 OS ANOS DA GUERRA FRIA.....	82
4.3 OS ANOS DIFÍCEIS DA GUERRA FRIA – PRINCIPAIS FOCOS DE TENSÃO	83
4.4 O BLOCO CAPITALISTA E O BLOCO COMUNISTA.....	88
4.4.1 Sistema de Alianças	88
4.4.2 Organização Política	89
4.4.3 Economia do Pós-Guerra.....	91
4.5 FIM DA GUERRA FRIA	93
4.6 JORGE SEMPRÚN E A SUA RELAÇÃO COM O COMUNISMO	95
5. JORGE SEMPRÚN E O FUTURO – CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O IMPACTO DAS DUAS EXPERIÊNCIAS TOTALITÁRIAS NA VIDA DO AUTOR.....	103
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA.....	116

INTRODUÇÃO

Os totalitarismos de que o território europeu foi alvo durante o século XX, representaram não só a redefinição do poder mundial, como representaram também o extremo da vida humana.

Tal como Eric Hobsbawm nos relembra, o século XX foi a “era dos extremos”¹, afinal este foi o único século que presenciou duas guerras à escala mundial. Porém, não é apenas o facto de o mundo ter assistido às duas maiores guerras jamais travadas que faz do século XX, por si só, um século de extremos.

O século XX significou sobretudo um século de mudanças e de progresso. A emancipação feminina, a descolonização de países outrora nas mãos dos imperialistas europeus, maior liberdade política, mudança de mentalidades, entre muitas outras coisas.

Porém, nem sempre as mudanças foram positivas. O início da vaga totalitária na Europa e a II Guerra Mundial trazem na sua história uma sombra negra, não apenas devido à destruição a níveis nunca antes vistos, fruto do progresso técnico e militar (especialmente com a criação das armas nucleares), mas porque incluem na sua história negra, a história trágica das possibilidades aterradoras da natureza do Homem.

O genocídio dos judeus pelas mãos do nazismo é uma das manchas mais negras da civilização moderna, despertando ainda hoje sentimentos de revolta e choque. Nunca antes a perseguição a um grupo populacional, por motivos étnicos, tinha atingido a dimensão a que se assistiu durante o regime nazi. Não só porque a perseguição e captura de judeus foi de tal modo bárbara, como também devido ao facto de por detrás das mortes em massa de milhares de judeus, estar um organismo político de Estado que funcionava, planeava e executava com total eficácia os seus objetivos macabros.

Ainda assim, o nazismo alemão não foi o único sistema totalitário na Europa a caracterizar-se pela barbárie. O comunismo soviético, mais propriamente a sua ramificação estalinista, teve tanto de regime repressivo como de violento, sendo culpado de mais mortes que aquelas cometidas pelos nazis.

¹ Hobsbawm, 1995 – Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991.

Portanto, ainda que a União Soviética tenha sido uma das responsáveis pela queda do regime de Adolf Hitler, Estaline enquanto chefe da Rússia comunista foi um dos homens que mais perseguiu, torturou e assassinou os seus chamados “inimigos políticos”, instalando também ele, à semelhança de Hitler, campos de concentração por toda a Europa comunista.

Porém, o comunismo soviético significou muito mais que um sistema repressivo e violento, assente numa ideologia baseada na força e defesa do proletariado, nos princípios de justiça e igualdade e na eliminação da sociedade de classes, o comunismo espalhou-se não só pela Europa como por todo o mundo.

Do lado contrário ao mundo comunista, prevalecia o sistema capitalista, liderado pelos Estados Unidos da América e pelo mundo ocidental em geral. Assim, saídos da II Guerra Mundial, os EUA e a União Soviética representavam agora duas superpotências em tudo opostas, a este afrontamento vir-se-ia a dar o nome de Guerra Fria.

Com o final da Guerra Fria e o medo constante de uma guerra nuclear, o mundo pôde respirar fundo outra vez² e analisar os acontecimentos que tinham marcado o século.

Jorge Semprún, o autor que me proponho analisar, é dos poucos homens que viveu na primeira pessoa estas duas experiências totalitárias, primeiro como deportado num campo de concentração nazi e depois como militante do Partido Comunista Espanhol.

Com ligações familiares à política e à cultura, Jorge Semprún cresceu na base dos valores e princípios da justiça, da fraternidade, da liberdade e, principalmente, da luta contra a repressão, fruto do ambiente vivido pela família na Espanha franquista.

Assim, mais tarde, no exílio em França, o jovem Semprún alia-se à Resistência e é capturado e deportado para o campo de concentração de Buchenwald.

Ali, além de aprender o que significa realmente o mal, convive com a fraternidade dos membros comunistas que também se encontram presos.

² Ainda que a Guerra Fria tenha representado um período de grande instabilidade e receio de uma guerra nuclear, também é frequentemente caracterizada por ter sido o período mais seguro, principalmente porque é considerado que a confrontação entre EUA e União Soviética funcionava como sistema de ameaças mas também de medos, em relação ao que a outra parte poderia fazer.

Por isso, não é de estranhar que mais tarde o autor se alie ao Partido Comunista Espanhol, num ideal de justiça e de fraternidade, na luta pelo que considerava correto: a liberdade.

Após, vários anos como militante comunista, tendo desempenhado um papel ativo enquanto agente clandestino, Semprún inicia a sua rota de distanciamento do partido.

Acaba por se tornar totalmente contra as políticas do partido e contra as políticas soviéticas, vendo nelas não só um reflexo da violência que ele mesmo sofreu no campo de concentração, mas como medidas falhadas no seu princípio e no seu objetivo.

Assim, e devido à bibliografia rica que o autor oferece, proponho-me a analisar estes dois eventos do século XX, o Holocausto e a Guerra Fria, através da sua experiência pessoal em ambos os fenómenos e através do seu pensamento como intelectual e pensador político.

Portanto, numa primeira fase irei abordar um tema que acho essencial para a compreensão do restante estudo, que se refere à análise da vida e obra de Jorge Semprún, dando particular importância à sua vida dentro do campo de Buchenwald, e ao seu papel como comunista.

Como apoio bibliográfico nesta primeira parte, irei recorrer não só, e obviamente, ao seu trabalho literário e entrevistas feitas ao autor ao longo dos anos, mas também à sua biografia *Lealtad y Traición*, da autora Franziska Augstein, assim como também alguns ensaios sobre o autor que considero bastante pertinentes.

Numa segunda fase, a análise recairá sobre a temática do mal político, especialmente no que respeita ao totalitarismo nazi como instrumento do mal, focando-me principalmente naquilo que foi o auge da sua violência e segregacionismo: os campos de concentração.

Ainda assim, irei procurar transmitir uma ideia mais geral do conceito, fazendo uma análise da evolução do conceito, fazendo, obviamente, uma aproximação ao conceito de mal radical de Immanuel Kant e ao de banalidade do mal de Hannah Arendt.

De uma forma mais atual, analisarei como o mal político se afigura na atualidade, através da soberania e do neoliberalismo, recorrendo principalmente ao autor

Patrick Hayden e Alan Wolfe, discutindo ainda de que forma será possível combatê-lo.

Assim, apesar de analisar como o mal político se apresenta atualmente, irei mostrar também como se apresenta o conceito de mal político no pensamento de Jorge Semprún que, está obviamente, relacionada com a sua experiência no campo de concentração.

Portanto, apesar de o centro da análise ser, então, o mal político através dos olhos de Semprún, relacionarei o pensamento do autor com outros dois autores que considero essenciais no estudo do mal no Holocausto: Hannah Arendt e Zygmunt Bauman.

Nesta fase, confrontarei as teorias destes dois autores, salientando as diferenças e os seus pontos em comum. Conceitos como a burocracia, hierarquia, antissemitismo e superfluidade serão os aspetos centrais a focar nesta análise ao Holocausto e, de certo modo, como forma de desvendar as condições que o permitiram.

Numa última fase, focarei a minha atenção para a questão da Guerra Fria e o envolvimento de Semprún com a ideologia comunista.

Pretendo, portanto, através da análise do ambiente vivido durante a Guerra Fria, procurar explicar de que forma esse ambiente terá ou não influenciado o afastamento do autor do Partido Comunista Espanhol e do comunismo em geral.

Em suma, o que pretendo com a escolha e estudo deste tema, é uma nova abordagem a temas tão estudados, mas que ainda assim suscitam tantas dúvidas, como o Holocausto e a Guerra Fria. Eventos esses, que não só alteraram a geopolítica mundial, mas também mentalidades e perceções sobre a vida humana e o pensamento do homem, tendo em comum serem ambos frutos do totalitarismo europeu do século XX.

Jorge Semprún, afigura-se assim, como uma figura através do qual podemos ganhar outra perspetiva daquilo que significou, na primeira pessoa, fenómenos tão drásticos como estes.

1. VIDA E OBRA DE JORGE SEMPRÚN

1.1 OS PRIMEIROS ANOS

Jorge Semprún Maura, é um homem que, como ele mesmo disse, já viveu muitas vidas. Porém, a sua vida, ou pelo menos o início das muitas que ele teve, começou a 10 de Dezembro de 1923, em Madrid, Espanha.

Semprún nasce no seio de uma família abastada, com tradição na cultura e na política. O seu avô era Antonio Maura y Montaner (1853-1925), várias vezes Ministro e Presidente do Conselho de Ministros durante o reinado do Rei Alfonso XIII (1886-1941) e o seu pai, José María de Semprún Gurrea (1893-1966), era professor catedrático de direito da Universidade de Madrid e, mais tarde, durante a Guerra Civil de Espanha, foi Embaixador da República no exílio em Haia, Paris e Roma.

Em 1936, quando rebenta a Guerra Civil em Espanha e Franco sobe ao poder, a família de Semprún vê-se obrigada a cruzar as fronteiras durante a noite para fugir à perseguição franquista.

Primeiro, instalam-se em Haia, na Holanda, onde o seu pai está em contacto contínuo com outros republicanos no exílio. Depois, mudam-se para Paris, em França, onde o nosso autor agora adolescente começa a sua vida académica.

A partir daqui, França e a língua francesa ocuparão para sempre um papel central na vida de Semprún, quer na literatura (a maior parte das suas obras são escritas originalmente em francês) quer no que respeita à sua identidade, pois é a partir daí que não se considera nem espanhol nem francês, mas um cidadão europeu. Até porque, como refere: "*mi patria es el lenguaje*"³.

É em França que inicia o curso de Filosofia na Universidade de Sorbonne, onde tem como professor o célebre Maurice Halbwachs (1877-1945), conhecido pelos seus estudos nos campos das classes sociais e da importância da memória coletiva, que, não sabendo ele na altura, seria uma questão bastante relevante anos mais tarde, no que diz respeito à memória dos sobreviventes do Holocausto.

³ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 146.

Mais tarde, em Buchenwald, os dois, aluno e professor, voltam-se a encontrar, sendo essa convivência com Halbwachs no campo, uma das situações que mais marcaram emocionalmente e intelectualmente Semprún.

É aqui, em Sorbonne, que Jorge Semprún desenvolve gosto e interesse por filósofos como Kant, Heidegger, e outros, que mais tarde, durante a permanência no campo, lhe serão úteis para manter a mente ocupada e perspicaz.

1.2 RESISTÊNCIA E O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE BUCHENWALD

Enquanto se encontra em Paris, o jovem Semprún envolve-se mais no mundo em que vive. Contacta com comunistas e revolucionários, e é aqui que se começam a estabelecer na sua mente as ideias de liberdade, solidariedade, justiça e, no fundo, da luta contra a opressão. Assim, alia-se à luta da Resistência francesa.

É numa das ações levadas a cabo pela Resistência, em 1943, que Semprún cai nas mãos da GESTAPO (Geheime Staatspolizei: Polícia Secreta do Estado). É levado para interrogatório sob identidade espanhola, com o nome falso de Sorel: *“Los alemanes se extrañaron de que fuera un español; un aliado, a fin de cuentas”*⁴.

Após, a sua captura, é conduzido então, para o comboio que o levará ao campo de concentração de Buchenwald, nos arredores da cidade de Weimar, na Alemanha. A viagem demoraria cinco dias e quatro noites, dentro de um vagão de mercadorias onde se encontravam 120 pessoas. Sobre esta viagem podemos ler a sua obra *Le grand voyage*, em espanhol *El Largo Viaje*. Obra que o autor escreveu no ano de 1963, e que apesar de, ser um livro de ficção, tem bastantes comparações com a sua experiência pessoal.

Na noite de 29 de Janeiro de 1944, Jorge Semprún chega finalmente ao campo de Buchenwald. Semprún descreve a chegada como bastante agitada e surreal, o latir dos cães dos SS⁵, os focos intensos de luz, o corrupio de pessoas e após o portão da entrada do campo, o silêncio:

⁴ SEMPRÚN, 2007 - El País: Sin memoria, yo no existiría, parágrafo 36.

⁵ As SS, Schutzstaffel, que em português significa “tropa de proteção”, era uma organização paramilitar que tinha inicialmente como objetivo a proteção de Adolf Hitler e outras altas figuras do partido nazi. Com o tempo, os SS tornaram-se os guardas dos campos de concentração, sob a direção do seu chefe Heinrich Himmler.

“A los deportados les habían despojado de los zapatos para que no pudieran escapar. Los prisioneros saltaban descalzos sobre el suelo frío, azuzados por los guardianes, cegados por la luz de los focos y agotados. A esta iniciación, que a él le pareció wagneriana, siguió el procedimiento habitual de la degradación: le afeitaron todo el cuerpo, tuvo que someterse después a un líquido desinfectante, luego, impelido por vociferantes guardianes, corrió desnudo por el túnel subterráneo que unía la «Desinfección» con el «Depósito de efectos» requisados a los presos, subió unas escaleras, le arrojaron ropas y chanclos de madera de talla equivocada hasta finalmente, vestido como un espantapájaros, se encontró delante de la mesa donde un prisionero alemán rellenó su ficha”⁶.

A partir deste ponto, Jorge Semprún sería conhecido como o preso número 44.904.

Nesta mesa de “inscrição”, acontece algo que o nosso autor só viria a descobrir mais tarde, em 1992, mas que provavelmente lhe salvou a vida.

Quando questionado sobre a sua ocupação, sobre o que fazia antes de chegar ali, Semprún respondeu prontamente que era estudante, um intelectual no fundo. O alemão, que era simpatizante dos comunistas, diz-lhe claramente que essa não é a sua ocupação e Semprún protesta (dentro do que lhe era possível) afirmando que era verdadeiramente um estudante na Universidade de Sobornne.

Por isso, até 1992, altura em que visitou o campo pela primeira vez após a sua saída em 1945, Jorge Semprún pensava que na sua documentação do campo estava declarado que ele era, enfim, estudante. Porém, ao contar este pequeno fragmento de memória, um dos funcionários da receção discordou dele e rapidamente mostrou a Semprún os documentos originais da sua inscrição do campo. Na ocupação não constava “estudante” mas sim “estucador”. O alemão tinha-se recusado a inscrevê-lo como intelectual, o que, segundo Semprún, certamente lhe salvou a vida, pois dentro do campo um estucador tinha utilidade, um ofício. Aos intelectuais, como os estudantes, eram-lhes encarregados os trabalhos mais difíceis, mas desgastantes.

Já dentro do campo, apesar de ter sido encaminhado para uma oficina, o facto de o jovem Semprún saber o idioma alemão valeu-lhe a ida para um trabalho menos brutal, um departamento de “estatísticas”, como era chamado. Aqui, o trabalho de Semprún era o de contabilizar os presos que entravam e os presos que “saíam”,

⁶ AUGSTEIN, 2010 - Lealtad y Traición, p. 148.

sendo que estas saídas eram, naturalmente, o número de presos que tinham falecido ou transferidos para outros campos.

Este posto que ocupa dentro do campo, será bastante útil, não apenas para ele mas para a organização comunista dentro campo. Pois Buchenwald era um campo especial neste sentido, apesar de controlado pelos nazis, internamente era governado pelos comunistas, pelos antifascistas: *“todos los campos no eran así, en éste los antifascistas tenían el poder interno, era un campo muy especial”*⁷.

Semprún tem a certeza que sem a ajuda dos camaradas comunistas nunca teria sobrevivido a Buchenwald. Lembra que, certa vez, os comunistas souberam que os nazis tinham começado a procurar informações sobre um espanhol que se dava pelo nome de Jorge Semprún. Inevitavelmente, Semprún ficou receoso e a possibilidade de correr risco de vida levou os seus camaradas a traçar um plano: trocar a sua identidade com a de um preso moribundo, pois se estivesse “morto” já não seria perseguido pelos nazis.

A experiência resultante desta troca, seria bem mais brutal do que Semprún esperava: seria necessário ao autor passar uma noite deitado ao lado deste rapaz (para a troca de identidade ser mais fidedigna), no barracão onde se situava o ambulatório.

Não será preciso salientar o peso que esta memória tem para Semprún. Assistir à morte lenta daquele desconhecido, que iria morrer no seu lugar, para que ele pudesse sobreviver. Ainda que, a morte do rapaz não viesse das suas mãos, ou das dos seus camaradas, o peso daquela morte iria persistir na sua consciência, a morte de um pela sobrevivência de outro.

O autor homenageia este rapaz em duas obras, sendo aquela que mais reflecte directamente esta história *Le Mort qu'il faut*, em espanhol *Viviré con su nombre, morirá con el mio*.

É ainda feita uma referência a este jovem na obra *Le grand voyage*, como o “rapaz de Semur”: *“Semprún cumpre o tenebroso percurso de trem até o campo de concentração ao lado de um personagem identificado como «o rapaz de Semur», numa espécie de homenagem afetiva, ou humana, ao menino que, em Buchenwald morreria com seu nome”*⁸.

⁷ SEMPRÚN, 2007 - El País: Sin memoria, yo no existiría, parágrafo 41.

⁸ BELING, 2007 - Uma Poética de Memória: O Holocausto na obra de Jorge Semprún, p. 20.

Porém, mais tarde vem a descobrir que os nazis apenas procuravam informações sobre ele a pedido de pessoas influentes da sua família, que o procuravam.

Mas apesar das coisas positivas que trazia a administração comunista do campo, em Buchenwald e noutros campos de administração semelhante, estas organizações são, muitas vezes criticadas e apontadas como sendo também elas responsáveis pelas mortes de muitos deportados nos campos.

Na biografia de Semprún *Von Treue und Verrat*, em espanhol *Lealtad y Traición* (2010), escrita pela biógrafa alemã Franziska Augstein, é referido o facto de, certa vez no campo, terem sido pedidos três mil trabalhadores para trabalhos pesados. Segundo conta a biógrafa, Semprún, tirando partido da sua função nas “estatísticas” do campo, retirou o nome dos seus camaradas da lista e substituiu-os pelos nomes de outros presos.

Sobre esta questão em particular, Semprún explica que as tarefas de escolher trabalhadores eram muitas vezes delegadas ao chefe da resistência do campo. No dia em que Semprún foi informado desta tarefa, ele esclarece que não era uma questão de escolher três mil homens ou nenhum de todo, e que claramente essa não era uma decisão que ele queria tomar, mas que era preferível que fossem os comunistas a fazê-lo que as SS:

“Either the SS will make the selection or we will do it in their place, thereby using the process to save some prisoners. We will make up a list of three thousand men who are already dying, who are quarantined, or who have not yet been assigned to jobs. And we will confer secretly with the national organizations in the camp, asking them if there is anyone on this list we should save”.⁹

Independentemente, das explicações de Semprún, este assunto é muitas vezes apontado como a razão para o autor não ter falado da sua experiência até muitos anos mais tarde, quando escreve *Quel Beau Dimanche!*, em espanhol *Aquel Domingo*, em 1980.

Porém, sobre esta questão, Semprún apenas recorda que teria sido demasiado cedo para falar daquela experiência, a morte ainda estava muito presente, e se o tivesse feito provavelmente não lhe teria sobrevivido. O autor fala deste assunto na obra *L'écriture ou la vie*, em espanhol *La Escritura o La Vida*.

⁹ SEMPRÚN - The Paris Review: The Art of Fiction Nº. 192, parágrafo 75.

Assim, dentro do campo, apesar dos maus tratos, da fome e do desespero, sentidos por todos os presos, Semprún não estava na “base da pirâmide”. Ou seja, no meio de todos os prisioneiros, havia um grupo que sofria mais que todos os outros: os judeus.

Semprún, pertencia ao grupo de presos políticos, era comunista e tinha tido parte ativa na Resistência, era um antifascista dos mais convictos, portanto. Mas para os nazis, continuava a não haver crime pior do que nascer judeu.

Contudo, apesar de permanecer no campo como preso político, Semprún não fecha os olhos às atrocidades que os judeus e outros presos passavam às mãos das SS, e, mais tarde, já na qualidade de escritor, o autor faz questão de retratar aquela realidade e homenagear todos aqueles que não sobreviveram: “*Semprún tem a consciência de que, pelas agressões e pelas circunstâncias de desumanidade que presenciou, seu depoimento, seu testemunho, assume igualmente (...) o contexto de uma «memória coletiva»*”¹⁰, remetendo ao conceito que Maurice Halbwachs tinha desenvolvido.

Agora, e dentro do campo de Buchenwald, Semprún teria a oportunidade de, aos domingos, discutir esse e outros assuntos com o próprio Halbwachs, que também ele tinha sido capturado pelas SS e deportado para o campo.

Assim, ali em Buchenwald, todos os domingos à tarde, na única folga que os presos tinham, o jovem Semprún dirigia-se ao barracão número 56 (o barracão dos inválidos e doentes) para reunir com outros presos, onde se encontravam não só presos anónimos, mas muitos intelectuais conhecidos: Maurice Halbwachs, Henri Maspero (1882-1945)¹¹, Julien Cain (1887-1974)¹², entre outros.

Estas reuniões de domingo tinham vários propósitos: por vezes serviam para os membros da organização comunista se encontrarem e discutirem assuntos relacionados com o campo, ou traçar novos planos, uma vez que aquele era o sítio perfeito: apenas muito raramente os militares das SS ali entravam, por medo de apanharem alguma infeção.

¹⁰ BELING, 2007 - Uma Poética de Memória: O Holocausto na obra de Jorge Semprún, p. 27.

¹¹ Henri Maspero foi um conhecido intelectual francês, conhecido pelos seus estudos sobre a civilização chinesa. Exerceu também, como Halbwachs, um cargo como professor na Universidade de Sobornne. Acabou em Buchenwald após ter-se juntado à luta da Resistência, onde acabaria por morrer em 1945.

¹² Julien Cain, detinha o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional de França aquando da ocupação alemã. O facto de ser judeu levou-o a ser capturado pelos nazis e enviado para o campo de concentração.

Outras vezes, as reuniões apenas serviam para conversas mundanas entre os homens, sobre mulheres ou a gastronomia.

Mas, ocasionalmente, essas reuniões tinham um carácter mais filosófico e académico, de discussão das grandes obras e dos grandes autores.

De qualquer das formas, fosse qual fosse a razão das discussões daqueles domingos, aquela era uma forma de se alienarem, de se focarem em algo para além da morte e da dor de todos os dias.

Porém, a saúde de Halbwachs deteriorava-se rapidamente:

“Aquella primavera, aquel verano, yo veía a Maurice Halbwachs todos los domingos. Bajaba al Pequeño Campamento de Buchenwald, al pie de la colina donde se pasearan antaño Goethe Y Eckermann¹³, y acudía al barracón 56, la barraca de los inválidos, los deportados incapacitados para trabajar . Maurice Halbwachs se consumía en un catre, junto a Henri Maspero”¹⁴.

Semprún tem, pouco tempo depois, uma experiência que nunca mais iria esquecer. Num desses domingos, no último domingo, como refere, ao dirigir-se ao barracão 56 apercebe-se do estado frágil em que Halbwachs se encontrava: tinha chegado ao fim das suas forças, não lhe restava mais nada a não se uns breves momentos de vida.

A visão do seu professor moribundo tinha tanto de aterrador como de venerável:

“La angustia, la vergüenza que le producía su cuerpo en delicuescencia resultaban patentes. Pero también una llama de dignidad, el fulgor inmortal de una vida de hombre que percibe la cercanía de la muerte, que sabe a qué atenerse, que se enfrenta cara a cara con esse reto, libremente, soberanamente”¹⁵.

Num ato de fraternidade, Semprún aproxima-se, então, de Halbwachs e recita-lhe uns versos de Baudelaire sobre a morte, naquele momento em que a vida começa a deixar o corpo cansado e doente do professor.

Mas, os encontros dos domingos à tarde no campo, para além da sua função prática (discussões e planeamentos entre os presos comunistas sobre o campo)

¹³ Johann Wolfgang von Goethe e Johann Peter Eckermann eram amigos e duas figuras importantes da literatura alemã.

¹⁴ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 55.

¹⁵ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 67.

tinham também a função, direta ou indiretamente, de agir como um fator de “distração” da dura realidade que todos os presos viviam.

Porém, ou pelo menos para Semprún, essa não era a sua única forma de combater os pensamentos de dor, de solidão e de desespero.

O facto de estar no campo por razões estritamente políticas, e não por uma questão de religião tinha benefícios, não apenas físicos (os trabalhos mais pesados pertenciam aos judeus), mas psicológicos também.

Semprún, não tinha sido arrancado da sua casa, do seu emprego, da sua vida por apenas ter uma religião diferente, ele foi preso enquanto lutava pelas suas convicções, pelo que achava justo, e sabia exatamente o que isso significava se fosse apanhado: a deportação para o campo de concentração fazia parte das consequências que os revolucionários sabiam que iriam enfrentar caso fossem capturados.

Ou seja, havia uma razão moral e ideológica para estar ali, e a força de saber que estava do lado da verdade e da justiça, que fazia a diferença mesmo dentro do campo ajudando os seus camaradas, era a compensação diária que o levava a sentir-se útil e com vontade de sobreviver.

Assim, Semprún encontrava formas de não cair no desespero, não só nas ações comunistas dentro do campo como também na função que ali desempenhava.

As funções que ali tinha no “centro de estatísticas”, permitia-lhe abstrair um pouco da vida a que estava sujeito. Ocupar a mente permitia-lhe que não se entregasse ao desespero.

E não era apenas o seu trabalho que lhe permitia isso: Semprún encarregou-se de estipular a ele mesmo uma rotina, algo que tivesse que fazer todos os dias, algo que lhe permitisse sobreviver a Buchenwald.

Dentro do campo, uma das coisas mais importantes, obviamente, era a alimentação. A fome era, obviamente, uma preocupação entre os presos.

Por isso, Semprún tinha o cuidado de se alimentar devidamente sempre que podia, ainda que mesmo assim fosse insuficiente.

Além disso, tentava não ter momentos vazios no seu pensamento. Como estudante de filosofia, e um curioso das artes e da cultura, o autor tentava preencher a sua mente com poemas, pequenas partes de obras que tinha lido, músicas ou quadros.

Tudo o que lhe pudesse ocupar o pensamento e não o deixasse na solidão e entregue aos pensamentos de morte e dor.

1.3 LIBERTAÇÃO DO CAMPO DE BUCHENWALD E O PAPEL DA MEMÓRIA DOS SOBREVIVENTES

No dia 11 de Abril de 1945, finalmente, o campo é libertado com a chegada dos primeiros soldados americanos, pertencentes ao Terceiro Exército de Patton. Semprún recorda que alguns dias antes já se sentia no ar que o rumo da guerra tinha mudado, a agitação dos SS, o sobrevoar de aviões americanos pelo campo, assim como o apagar do fogo do crematório para não atrair atenções:

“A las ocho de la mañana se oyen las sirenas de alarma, los altavoces avisan a las SS de que deben replegarse. Luego los aviones americanos empiezan a volar muy bajo, por encima del campo. Se retiran las SS. Los primeros americanos que entran en el campo llegan a las cinco de la tarde, y se encuentran que allí dentro hay un verdadero ejército en armas. Y fuimos saliendo, unos con fuziles, otros con bazucas, un arma absurda”.¹⁶

Assim, à chegada dos militares americanos a Buchenwald, já não se encontrava nenhum oficial das SS no recinto, apenas um grupo de homens, que ostentavam não mais que a pele sobre os ossos e uns farrapos a cobri-los. Ainda assim, como lembra o autor na citação acima, muitos deles carregavam armas, essas que tinham sido escondidas pela resistência do campo durante o tempo que ali permaneciam. Aquela visão, os homens armados, refere Semprún, “*não teve nenhum valor militar, mas teve um valor sentimental, simbólico*”¹⁷, era a confirmação de que não tinham desistido, que mesmo depois de tudo o que tinham passado, de alguma forma tinham encontrado forma de lhe resistir.

Um dos momentos a que faz mais referência é a altura em que uns dos militares se dirigem a ele, o momento em que ele mesmo se apercebe da sua condição:

“Están delante de mí, abriendo los ojos enormemente, y yo me veo de golpe en esa mirada de espanto: en su pavor. Desde hacía dos años, yo vivía sin rostro. No hay espejos en Buchenwald. Veía mi cuerpo, su delgadez

¹⁶ SEMPRÚN, 2007 - El País: Sin memoria, yo no existiría, parágrafo 47.

¹⁷ SEMPRÚN, 2005 - TSF – Jorge Semprún, o sobrevivente.

creciente, una vez por semana, en las duchas. Ningún rostro, sobre esse cuerpo irrisório”¹⁸.

Apesar de, todos aqueles em Buchenwald estarem oficialmente libertados a dia 11, Semprún e muitos outros ainda permaneceram no campo por mais alguns dias: era necessário providenciar transportes para levarem todos dali.

Contudo, o autor conta que não tem nenhuma memória entre o dia da libertação e o dia em que efetivamente saiu do campo, apenas alguns curtos episódios entre esse dia e o dia do seu retorno a França.

Seria de pensar que logo após a sua libertação, teria começado Jorge Semprún como escritor porém, não foi isso que aconteceu.

Ainda houve uma tentativa, da sua parte, de tentar contar aquilo que tinha vivido, contudo, depressa se apercebeu que não lhe seria possível fazê-lo: havia uma escolha a fazer, ou a escrita ou a vida.

Título de uma das suas obras, editada muito mais tarde, a escrita ou a vida foi no início daqueles tempos como ex deportado, um lema, ou melhor, uma decisão que tinha de ser tomada.

Obviamente, que Semprún sabia a importância de contar a sua história, a história de todos aqueles que não tinham sobrevivido para a contar. Mas o autor apercebeu-se que se mergulhasse no mundo do campo, ainda que apenas para o relatar, isso provavelmente levaria à sua morte.

A memória dos acontecimentos era demasiado recente, a memória da morte ainda era demasiado dolorosa para que ele pudesse reviver tudo de novo, ter-lhe-ia sido impossível sobreviver à escrita.

Sendo assim, chegamos à questão central relativa ao testemunho dos sobreviventes: é necessário dar testemunho mas este acarreta consequências de carácter psicológico muito fortes.

Primo Levi (1919-1987), é um exemplo disso. Um dos muitos sobreviventes dos campos de concentração que simplesmente não conseguiu resistir ao sentimento de culpa e de dor, mesmo após passados muitos anos da sua libertação.

Levi, era um químico de nacionalidade italiana, antes de o fascismo se ter instalado na Alemanha com Hitler e na Itália com Mussolini.

¹⁸ SEMPRÚN, 1995 - La escritura o la Vida, p. 15.

É capturado pela milícia fascista italiana devido ao seu envolvimento num movimento de resistência e por ser judeu, é enviado para o campo de concentração de Auschwitz, na Polónia.

Após, a sua libertação, em 1947 edita a sua obra mais célebre: *Se Questo è un Uomo*, em português *Se Isto é um Homem*. Onde fala da sua experiência como deportado em Auschwitz.

Independentemente, dos verdadeiros motivos que o levaram a fazê-lo (porém é claro que em parte Levi nunca se conseguiu libertar de Auschwitz), em 1987, Primo Levi suicida-se, assim como aconteceu a muitos outros sobreviventes: tinham sido impossível sobreviver realmente aos campos de concentração.

Aliás, Elie Wiesel, também ele sobrevivente do Holocausto, disse sobre a morte de Primo Levi: "*Primo Levi morreu em Auschwitz quarenta anos depois*"¹⁹.

Contudo, apesar do quão doloroso fosse para estes sobreviventes tomarem o lugar como testemunhos dos campos de concentração, existia também, em praticamente todos eles, um sentimento de dever para com aqueles que tinham morrido às mãos dos nazis. E isso implicava contar a sua história, honrar aqueles que não se podiam mais exprimir.

Esta necessidade, este dever de relatar os acontecimentos relativos ao Holocausto, não se refere apenas ao psicológico e à vida dos sobreviventes, é algo que deve ser feito não só para existir uma melhor compreensão do que aconteceu, mas também para garantir que não se voltará a repetir.

Além disso, atualmente existem muitos grupos e seitas que consideram que o Holocausto nunca aconteceu. Ideias de discriminação, perseguição, antissemitismo continuam a existir, e é por isso que as memórias dos ex deportados são tão importantes: não se pode deixar o mundo esquecer o que o Homem, há pouco mais de meio século foi capaz de fazer, para que se entenda que não pode, de maneira alguma, voltar a acontecer.

“Dentro de poucos anos, não restará mais nenhuma testemunha ocular ou testemunha viva do *Lager*²⁰. Se hoje, mesmo com as marcas da perseguição ainda visíveis na pele de muitas pessoas, com a tatuagem de seu número de

¹⁹ Cit. por GAMBETTA, Elie Wiesel - Boston Review – Primo Levi's Last Moments, parágrafo 4.

²⁰ Conceito utilizado frequentemente para descrever os campos de concentração.

deportação, revisionistas²¹ conseguem negar o Holocausto de modo veemente, o que se poderá esperar dessa mesma sociedade dentro de mais alguns anos? (...) Por isso, todo o esforço e toda a tentativa para advertir, para fazer lembrar, para fixar a real dimensão histórica, social e existencial do Holocausto devem ser considerados válidos, quase uma tarefa ética do indivíduo de todas as idades”.²²

Mais tarde, esta divulgação memorialística do Holocausto na voz de Semprún viria a ganhar o apelido de “poética da memória”. Em que, no seu próprio estilo literário, o autor revive uma e várias vezes a sua experiência e as suas implicações. Porém, esta sua “poética da memória” só viria anos mais tarde. Apesar de editar um livro em 1963, e muitos outros depois até chegar à primeira obra em que fala abertamente da sua experiência, estas são obras mais de ficção do que de relato, apenas com alguns episódios da sua própria vida.

Assim, Jorge Semprún, admitiria mais tarde, que uma das formas de se libertar da experiência de Buchenwald foi a escrita, a par com o fator tempo. Mas primeiro era-lhe necessário viver, abstrair-se de certo modo da presença constante da morte no seu pensamento:

“I did want to write. I longed for it, to be honest, but strangely enough I found it impossible. I realized that in order to do so I would have to delve deep inside the memory of the camp, which was the memory, and the womb, of our deaths. And I just knew I could neither relive that experience nor survive it if I worked on the memoir at that time. It is a contradiction I realize – and although saying it today feels almost indecent, I will say it anyway because it is the truth – but for me, remembering would have meant death with absolute certainty, suicide that is, and I was very much aware of it”.²³

1.4 INÍCIO DA VIDA POLÍTICA E INGRESSÃO NO PARTIDO COMUNISTA ESPANHOL

Portanto, e tendo escolhido de facto a vida, em 1945, Semprún volta-se para a atividade política.

²¹ Designação atribuída a indivíduos que negam a ocorrência do Holocausto e da existência dos campos de concentração, assim como a perseguição e morte de milhares de pessoas pela mão do regime nazi.

²² BELING, 2007 - Uma Poética de Memória: O Holocausto na obra de Jorge Semprún, p. 13-14.

²³ SEMPRÚN - The Paris Review: The Art of Fiction Nº192, parágrafo 27.

Não só existia o desejo de se afastar da sua experiência como deportado, como numa tentativa de pôr de parte as suas lembranças, o autor desejava também perseguir os seus ideais de justiça e de liberdade, conseguir um lugar ativo na luta contra as injustiças tanto em França (onde se encontrava ainda em exílio), como no seu país onde ainda governava Franco.

Assim, ingressa como militante clandestino do Partido Comunista Espanhol (PCE) em França.

Em 1953, Santiago Carrillo (1915-2012), uma das mais importantes figuras do PCE (mais tarde será nomeado Secretário-Geral do partido), procurava alguém que se pudesse infiltrar em Madrid.

Semprún, agora com os seus 30 anos, apareceu como o candidato perfeito: militante do partido há já alguns anos, falava espanhol, francês e alemão, bastante culto e com uma facilidade patente em se relacionar socialmente sem levantar suspeitas.

Jorge Semprún é, então, destacado para trabalhar como agente clandestino do partido comunista, dividido durante cerca de vinte anos entre Madrid e Paris.

Durante a clandestinidade, Semprún teve diversas identidades, como seria de esperar. Porém, a mais conhecida de todas acabaria por ser a de Federico Sánchez, nome que levaria o autor a escrever mais tarde *Autobiografía de Federico Sánchez* (1977) e *Federico Sánchez se Despide de Ustedes* (1993).

Durante esse tempo na clandestinidade, Semprún permanecia a exercer o seu cargo como tradutor oficial nas Nações Unidas e na UNESCO, em França²⁴ (cargo que detinha desde a sua libertação de Buchenwald em 1945), o que lhe facilitava não só um pretexto para as saídas do país mas também um melhor disfarce para Federico Sánchez.

A sua principal função durante o tempo que permaneceu na clandestinidade era a reorganização das células comunistas e antifascistas na Espanha de Franco, também elas clandestinas:

“My mission for the Communists was to reorganize the underground anti-Franco cells, mostly made up of intellectuals and academics. When I first got to Madrid in 1953, there were almost no cells left, Franco’s repression had been so brutal. But there was deep discontent, and one felt that culturally

²⁴Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

and politically there was a growing thirst for freedom, for democracy. I spoke to the generation of people who had not lived through the Spanish Civil War, and I found hundreds of them eager to build another future for their country”.²⁵

O facto de Semprún ter estudado as obras de Karl Marx e a compreensão daquilo que tinha por base a sua ideologia, tornou Federico Sánchez num excelente orador e persuasor, o que lhe seria bastante útil na mobilização dos estudantes e intelectuais espanhóis descontentes com a situação do país.

Semprún considerava que os estudantes seriam uma força inegável contra o franquismo.

Em meados dos anos 60, o sucesso de Federico Sánchez tinha colocado Jorge Semprún nos mais altos cargos do Partido Comunista Espanhol.

Mas, também eram cada vez mais crescentes as suas diferenças com o agora Secretário-Geral, Santiago Carrillo.

Este prosseguia a sua luta comunista contra Franco, em estreita colaboração com as políticas comunistas soviéticas, deixadas a Nikita Khrushchev por Estaline.

Semprún, por seu lado, defendia um maior afastamento das políticas que caracterizavam o Estado soviético, defendia que após a queda de Franco deveria haver uma transição democrática para o novo governo, e em geral, considerava que as observações que o PCE fazia da sociedade espanhola estavam erradas.

A questão era que, Semprún não se podia livrar da sua visão ética e filosófica que fazia parte da sua identidade desde jovem.

Como poderia ele, um ex deportado, uma ex vítima do autoritarismo, concordar que se difundissem ideias e se praticassem políticas semelhantes em muito àquelas praticadas pelos nazis e por Hitler? A URSS e as políticas soviéticas não eram mais do que outra forma de totalitarismo.

Ainda assim, isso não significava que Semprún discordasse dos ideais comunistas, a luta de classes, a necessidade de reformular a sociedade, um mundo mais igualitário, esses ideais continuavam a ser também os de Jorge Semprún. Mas, para ele, a diferença entre a ideologia proposta por Marx e a sua execução na prática mostrava uma discrepância enorme.

²⁵ SEMPRÚN - The Paris Review: The Art of Fiction Nº. 192, parágrafo 32.

Além disso, Semprún não deixou de parte os ideais de justiça, liberdade, fraternidade, apenas deixou de acreditar no comunismo como um sistema económico viável, como mais tarde se viria a confirmar, em 1990 com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética.

Portanto, medidas as críticas de Semprún, não é de admirar que, em 1964, o autor fosse expulso do partido, juntamente com Fernando Claudín.

1.5 EXPULSÃO DO PCE E O INÍCIO DA VIDA COMO ESCRITOR

A expulsão do Partido Comunista Espanhol foi bem mais devastadora a nível psicológico para Semprún do que a tortura física no campo de concentração, como ele próprio admite.

O autor, explica que no campo apesar de, todo o horror de que era vítima, existia uma razão racional para ali estar: tinha sido preso pelo seu trabalho na Resistência e pela luta daquilo que considerava certo, por valores mais altos que a sua própria vida. Além disso, existia diariamente uma compensação moral pois, foi-lhe possível dada a sua função, salvar muitas pessoas em Buchenwald.

A expulsão do partido, ou melhor, não o ato de expulsão em si mas o que aquilo significava (a sua compreensão do fracasso das políticas comunistas), teve um impacto tremendo a nível emocional:

“En cambio, cuando fui expulsado del PCE, se vino abajo un proyecto de vida que había empezado en mi adolescencia y me había explicado siempre. La expulsión me produjo un sufrimiento moral insoportable para el que no había compensación posible. Mi problema es que, tras tantos años, tuve que reconstruir mi vida entera, a partir de otras ilusiones. Y ese desencanto, ese dejar de ser, ese no ser, provocó en mí un efecto mayor que la tortura física de la Gestapo.”²⁶

Ou seja, o que estava aqui em causa era o facto de que deixar de ser comunista, significava que tudo aquilo em que Semprún acreditava desde jovem, todas as “ilusões” como lhe chama, tinham caído por terra.

E aquilo que mais o perturbou foi exatamente isso, como poderia agora ele seguir em frente quando tudo aquilo em que acreditava, todos os ideais e máximas que

²⁶ SEMPRÚN, 2010 - El Cultural: La Literatura me facilitó la ruptura política y la política, la ruptura literaria, parágrafo 10.

ele tinha perseguido e lutado para conseguir, no fundo, tudo aquilo que fazia dele a pessoa que era, tudo isso tinha agora desaparecido.

Assim, seria necessário para Semprún, mais uma vez, reinventar-se. E assim como a vida no PCE e na política em geral o fizeram recuperar da experiência de Buchenwald, a escrita apareceria agora como a terapia para o fim de Semprún como comunista.

Ainda, durante a sua permanência no Partido Comunista Espanhol, Jorge Semprún começou a sentir que a sua ligação a Buchenwald seria algo que o iria perseguir sempre, afinal ele mesmo afirma que “*soy en primer lugar y ante todo un ex deportado de Buchenwald*”²⁷.

E é assim que, ainda na clandestinidade, nas temporadas que passava em Madrid, Semprún começa a escrever.

Era normal, enquanto se encontrava em Espanha como Federico Sánchez, ficar hospedado em casas de famílias, amigas da causa comunista. E foi numa dessas casas que o autor começa a redigir a sua primeira obra.

O casal que o hospedava tinha uma particularidade: o homem também tinha passado pela experiência dos campos de concentração nazis.

E foi ao ouvir o relato deste homem que Semprún, pela primeira vez, se apercebeu realmente da necessidade de partilhar a sua história: a descrição feita por aquele homem era totalmente sem nexos, sem nenhuma ordem e, mais importante, sem conseguir passar verdadeiramente a dura realidade da vida (e da morte) nos campos.

Em 1963, é assim editado *Le Grand Voyage*, uma obra de ficção, mas como em praticamente todas as obras de Semprún, era no geral um misto de ficção e realidade.

O autor costuma explicar, que o facto de aliar frequentemente a ficção à realidade, que no seu caso é a sua realidade, a sua história e experiência, deve-se a que por vezes a sua memória, ainda que recorde tudo bastante fielmente, ainda existem nela muitos espaços em branco, que sem a ajuda da ficção não poderiam ser “recuperados” e que se tornariam em buracos na verdadeira história a ser contada.

Neste livro em particular, Semprún fala, da (sua) viagem de comboio até ao campo de concentração. A viagem demora cinco dias e quatro noites, e é narrada

²⁷ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 294.

na voz do personagem Gérard, que a faz na companhia do “rapaz de Semur”, para além de outras dezenas de pessoas.

Apesar de este rapaz aparecer como uma personagem fictícia, esta personagem é comparada com o rapaz que teria morrido em Buchenwald com o nome de Semprún, como já referi anteriormente. No final da viagem, esta personagem jaz deitada no chão do vagão, mais uma vez reforçando a ideia da presença permanente da morte.

É no desenrolar desta história, que o leitor se apercebe que aquela não é apenas a viagem de comboio, mas a viagem entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Entre o que separa as personagens da sua vida e a morte que os espera.

Le Grand Voyage, significa o primeiro impacto que o autor teve com a realidade brutal do campo de concentração.

Semprún, iria receber em 1964, por *Le Grand Voyage*, o Prémio Formentor, tornando-se numa obra bastante estudada e das mais importantes a nível da literatura dos campos de concentração.

É certo que, foi a sua recente expulsão do PCE o acontecimento catalisador da sua escrita, mas o autor entendeu-o também como uma oportunidade, afinal ser escritor estava nos planos de Semprún desde muito jovem.

Além disso, este momento no tempo foi favorável para a escrita em todos os sentidos. Não só, o afastamento da política lhe permitia dedicar-se à literatura como, já lhe tinha sido possível entender que aquela era a altura certa para contar a sua história.

“Todos los supervivientes, todos aquellos que han vuelto a salir a la luz, todos nosotros hemos conocido la tentación del silencio; (...) Con todo, en ocasiones nos vemos obligados a actuar en contra de nuestro intento de olvidar, de nuestro deseo de conseguir una identidad nueva con ayuda de la amnesia voluntaria; (...) Entonces se produce esa súbita, intimíssima necesidad de hablar, de comparecer otra vez como testigos, de indagar hasta en los rincones más recônditos de nuestra memoria, de vaciarla, de acrisolar, de contar en voz alta todo lo que sabemos de esa experiencia en los campos de concentración nazis, lo que sabemos de esa vivencia de la muerte”.²⁸

²⁸ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 158.

Certo, de querer dar a sua cara, ou melhor, a sua escrita pelo testemunho, Semprún começa efetivamente a sua carreira de escritor.

Ainda assim, os livros que se seguiram a *La Grand Voyage* e até à edição em 1980 de *Aquel Domingo*, pouco se relacionariam com a experiência de Buchenwald.

Em 1967, Semprún edita um outro livro de ficção, *El Desvanecimiento*, com fortes traços da temática do existencialismo, relata a vida de Manuel, um espanhol no exílio. E em 1969, *La Segunda Muerte de Ramón Mercader*, merece o Prémio Fémina.

Este último, tece uma história de conspiração e perseguição, fortemente inspirada na experiência da clandestinidade de Semprún. Ficará conhecido como uma das obras do autor onde mais explicitamente demonstra os seus conhecimentos na arte, na cultura e na literatura.

Em 1977, Semprún edita um dos seus livros mais conhecidos: *Autobiografía de Federico Sanchez*, a que seria atribuído o Prémio Planeta.

Apesar de, quase todas as suas obras serem originalmente escritas em francês, este livro tem como língua original o espanhol, por dois motivos. Primeiro, porque a história e a ação se realizam de facto, em ambiente espanhol, e segundo, porque esta é uma obra especialmente dedicada à crítica ao PCE e a Santiago Carrillo.

Como o título indica, o livro conta a história da vida de Semprún durante o tempo em que permaneceu na clandestinidade e também quando ocupava lugar no Comité Executivo do PCE.

Aquel Domingo, chega em 1980, como a obra de testemunho de Semprún por excelência.

Somente, passados cerca de quarenta anos após a sua libertação do campo de Buchenwald, o autor consegue descrever, na primeira pessoa, a sua experiência como deportado e, depois, como sobrevivente e comunista.

A história tem como pano de fundo os domingos à tarde no campo. Era o único tempo de folga que os presos tinham. Porém, Semprún explica, ele não o passava a dar um merecido descanso ao seu corpo, como muitos faziam. Ao invés disso, ele e mais companheiros, iam apreciar as paisagens que rodeavam o campo, e a vida que existia depois delas.

É uma história muito mais densa e pesada, em que o autor entra realmente em contacto com o seu pensamento da altura, o que pensava e o que sentia, todas as conclusões a que um jovem de vinte anos chegava num sítio como aqueles.

É também aqui que descortina o verdadeiro horror daquela experiência, afinal um campo de concentração, mesmo que pequeno como Buchenwald, apenas tinha uma função: tirar o máximo partido do trabalho dos deportados e, estes mais cedo ou mais tarde acabariam mortos, era esse o objetivo final.

Após *Aquel Domingo*, e a sua carga pesada sobre a sua ex condição de deportado, Semprún volta-se de novo para a ficção e para os romances.

A *L'Algarabie: La Algarabía*, publicada em 1981, contava a história de Rafael Artigas, um espanhol exilado em Paris após o Movimento de Maio de 1968, num ambiente de revolução e tumulto.

Da sua amizade com o ator e cantor Yves Montand (1921-1991), nasce em 1983 a sua obra biográfica *Montand, la Vie Continue: Montand, la Vida Continúa*.

Semprún conhecia Montand do mundo cinematográfico em que também estava incluído, tendo trabalhado com este inúmeras vezes.

O livro fala da digressão de Montand que Semprún acompanhou, e é uma das obras literárias europeias mais admiravelmente explícitas da amizade entre duas pessoas.

Em 1986, seria publicada *La Montagne Blanche: La Montaña Blanca*, mais um romance narrado na voz de um alter-ego de Semprún, Juan Larrea (uma das suas identidades na clandestinidade).

Também esta personagem é um sobrevivente dos campos de concentração e, sendo assim, é uma obra onde está evidente o cunho pessoal de Semprún.

A história foca exatamente a condição de sobrevivente, o viver após o trauma, e a dificuldade, ou no caso da personagem de Juan, a impossibilidade de viver ao horror e à culpa de ter sobrevivido. E é exatamente isso que acontece no final, Juan suicida-se, mostrando ao leitor, de forma simbólica, que não havia fuga possível à experiência da morte.

Netchaiev est de Retour: Netchaiev há Vuelto, surgiu em 1987 como um romance policial, onde se encontram os temas do radicalismo, terrorismo e conspiração.

A história passa-se em torno de um grupo de jovens, pertencentes a um movimento radicalista de esquerda e na morte de um deles que, anos mais tarde, se crê que reapareceu para se vingar daqueles que o pensaram ter morto.

Um ano depois, Jorge Semprún volta a Madrid quando é nomeado para Ministro da Cultura do Governo de Felipe Gonzáles (1942), que sobe ao poder como Secretário-Geral do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol).

Permaneceu como Ministro até 1991, ano em que estala o escândalo do *Caso Guerra*²⁹, causando muitas tensões dentro do PSOE e que o fez abandonar o cargo.

Mais tarde, em 1993, é publicado *Federico Sánchez se Despide de Ustedes*, onde fala desta sua saída como Ministro da Cultura, dizendo-se desanimado e desiludido com o mundo político no geral.

Obra que lhe valeu em 1994, o Prémio de La Paz del Comérciom Librero Alemán (Feira do Livro de Frankfurt).

No fundo, a obra trata da sua vida enquanto Ministro do Governo e a sua decepção com os jogos de poder, as conspirações e corrupções. No fim, esta é uma despedida de Semprún a Federico Sánchez, ao ainda homem comunista que retorna a Espanha para desempenhar um papel ativo na política.

Assim, Semprún também se despedia definitivamente da vida política, e dedica-se por inteiro à escrita.

O resultado disso, é a publicação em 1994, de *L'écriture ou la Vie: La Escritura o La Vida*. Obra que, mais uma vez, volta ao tema do campo de Buchenwald, recebendo o Prémio Fémina Vacaresco.

Neste livro, Semprún explora mais profundamente as marcas psicológicas deixadas pela experiência no campo, sendo por isso uma obra mais densa. E, é também aqui, que o autor explica o porquê de não lhe ter sido possível escrever na altura, tal como o título indica, foi uma escolha entre a escrita ou a vida:

“Tenía que elegir entre la escritura y la vida, y opté por la vida. Pero, al optar por ésta, tuve que abandonar el proyecto vital de ser escritor; proyecto que había configurado, casi desde la infancia, mi identidad profunda. Tuve que optar por ser outro, por no ser yo mismo, para seguir siendo algo: alguien. Y es que era impensable que escribiera, sin más, lo que fuera, al abandonar el intento de dar cuenta literaria, no sólo testimonial, de la experiencia de Buchenwald.

²⁹ O Caso Guerra envolve a acusação de corrupção de Juan Guerra, irmão do vice-presidente do Governo da Felipe Gonzáles.

Ello explica em parte mi dedicación a la política. Si la escritura me mantenía en la memoria atroz del pasado, la actividade política me proyectaba hacia delante. Eso creí, al menos, hasta que el porvenir que la política comunista pretendia prefigurar revelara su carácter de infausta ilusión: sólo fue la ilusión de un porvenir.”³⁰

Em 1998, é publicado *Adieu, Vive Clarté*, em espanhol, *Adiós, Luz de Veranos*. Um livro pessoal, em que Semprún conta um pouco da sua vida antes da prisão e envio para Buchenwald, onde fala da sua infância e das memórias da Guerra Civil em Espanha, do Exílio em Paris e do início da sua vida académica e formação das suas ideias políticas e morais.

Um ano depois, é condecorado com o Prémio nonino.

Le Mort qu'il Faut: Viviré con su nombre, morirá con el mio, seria publicado em 2001, como mais um relato sobre a vida no campo de concentração de Buchenwald.

Desta vez, Semprún explora o tema da existência da organização comunista dentro do campo, sendo o episódio mais marcante o da troca que ele fez com o rapaz moribundo que morreria com o seu nome, como o título indica.

Em 2003, Semprún recebe dois prémios: o X Premio Blanquerna e a Medalha Goethe.

É também neste ano que é editado *Veinte años y un día*, obra que fala da sociedade espanhola no antes, durante e depois da Guerra Civil em Espanha, tendo como fundo a história de uma família que se reúne todos anos, num género de um ritual, no dia da morte do membro mais novo, anos atrás durante a Guerra Civil.

O autor recebe por *Veinte años y un día*, o Prémio José Manuel Lara.

O autor esteve também envolvido em outros projetos, como *El Hombre Europeu* (2005) e *Pensar en Europa* (2006), obras que retratam Semprún não só pela sua experiência como deportado, mas também como figura importante da política europeia, além de intelectual respeitado, sendo como prova disso, a condecoração com a Medalha de Ouro ao Mérito nas Belas Artes em 2008.

O autor é ainda conhecido por obras como *Retour de Carola Neher: El Regreso de Carola Neher* (1998) e *Mal et Modernité: Mal y Modernidad* (1998).

³⁰ SEMPRÚN, 2011 - *Pensar en Europa*, p. 142.

No mundo do cinema o autor ficou igualmente conhecido. Trabalhou frequentemente como guionista com Costa-Gavras (1933) e Jacques Deray (1929-2003), ambos grandes nomes no cinema europeu.

As suas obras cinematográficas com maior relevo foram *La Guerre est Finie* (1966), *Z* (1969), *A confissão de Costa-Gavras* (1970) e *Une Femme à sa Fenêtre* (1976), tendo tido participações em muitos mais e recebendo importantes prémios cinematográficos internacionais e europeus.

Em 2010, é publicada a sua biografia *Lealtad y Traición*, pela mão de Franziska Augstein. Um livro polémico, especialmente no que respeita a responsabilizar Semprún por ações cometidas em nome do PCE, como o caso, mais conhecido, em que teria sido Jorge Semprún, durante o tempo na clandestinidade, que teria denunciado Marguerite Duras, uma camarada, de ter ideias mais à “direita”.

O autor, desmente veemente as acusações e apesar de, não se mostrar visivelmente insatisfeito com a biografia, Semprún refere que apesar da, sua colaboração com a biógrafa durante três anos, talvez ela tivesse achado a sua história demasiado aborrecida e pouco estimulante, e tivesse decidido seguir um rumo mais emocionante.

Ao dia 7, do mês de Junho de 2011, Jorge Semprún, com 87 anos morre em Paris, mas deixa-nos um legado de memória que viverá para sempre:

"Jorge Semprún, al igual que otros antifascistas, no dudó, tras la terrible experiencia vivida en los campos de exterminio nazis, en seguir luchando desde la clandestinidad y en las filas del PCE por la libertad. Forma parte de esos hombres y mujeres excepcionales, la mayor parte de ellos anónimos, que dieron todo por la libertad y la democracia en España".³¹

³¹ MEYER, 2011 - Comunicado sobre a morte de Jorge Semprún, parágrafo 4.

2. O MAL POLÍTICO

2.1 CONCEITO MAL AO LONGO TEMPOS

Basta pesquisar o conceito de Mal, para compreendermos rapidamente que este tem sido alvo de muitos estudos e interpretações. Pode ser encontrado nas áreas da filosofia, da sociologia, da psicologia, da política, da religião, enfim, em quase todos os domínios da vida humana.

Em crianças, um dos primeiros contactos que temos com o termo é através da religião e, sendo Portugal um país maioritariamente de religião cristã, o conhecimento sobre Deus e sobre a história cristã ao longo dos tempos, é-nos transmitido através da Bíblia. Aliás, o conceito encontra-se firmemente relacionado com a história cristã: o mal é sempre associado a algo diabólico, maléfico, às obras do Diabo, enquanto que o bem e as boas ações, estão ligadas a Deus e ao que é bom e correto.

Ou seja, o mal existe sempre por oposição ao bem e vice-versa. E esta dualidade entre bem e mal foi analisada ainda antes do nascimento de Cristo, por homens como Heráclito Éfeso (540-470 a.C) e Parmênides de Eleia (530-460 a.C) que, ainda que não se refiram aos conceitos diretamente, está subjacente a conduta dita maléfica e atitude nobre, de natureza boa. E, mais tarde, com Platão (427-347 a.C), que já demarca claramente a verdade da mentira, sendo, obviamente, a verdade parte do bem e a mentira parte do mal.

Porém, já durante a época medieval o comportamento humano no que dizia respeito ao bem e ao mal, era principalmente regulado pelas normas divinas. Desta época destacam-se nomes como Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274) ainda que, este último falasse expressamente em normas morais e éticas também.³²

Mais tarde, durante o período moderno, à conceção do mal dentro da esfera religiosa é adicionada uma nova abordagem, que faz a relação entre o mal e a razão, ou seja, a análise do conceito de mal no âmbito da racionalidade inerente ao pensamento do ser humano.

³² Mestriner – Revista Filosofia, O Bem e o Mal na Filosofia: Em crise, conceitos polarizados perderam sua essência universal entre os homens e a sociedade.

A religião, mais propriamente a fé, não foi deixada de lado na análise ao mal, ainda hoje tal não acontece. Mas na era moderna, o mundo voltou-se para o Homem, para a condição humana e para a racionalidade do pensamento.

Ora, neste sentido da “batalha” entre a fé e a razão, é importante realçar o pensamento de um dos mais importantes filósofos dessa época, Immanuel Kant (1724-1804).

Kant, separou claramente os conceitos de mal e bem da relação com Deus e Diabo, focando a sua análise da capacidade de fazer o mal na perspectiva da razão do homem, ou seja, para Kant a capacidade de fazer o bem ou o mal dependia do uso ou não da razão.

Assim, torna-se essencial falar no conceito de mal radical de Kant. O mal radical para o autor, não significa um mal absoluto ou extremo, e muito menos diabólico. O termo radical aqui não tem uma conotação de radicalizar, mas significa que é algo que se encontra enraizado dentro de todos os indivíduos, e que é passível de se transportar para a vida e através da ação pela utilização (ou não) da razão.

Mais tarde, Friedrich Nietzsche (1844-1900), vem contrariar e criticar a razão e o dever em Kant, considerando a dita racionalidade, nas palavras de Kant, tão extrema que se torna irracional.

Para Nietzsche o mundo e o pensamento humano não opera dentro dos limites da razão ou da fé, pois o homem é livre e não está preso nem a normas religiosas nem racionais, o pensamento do homem encontra-se em permanente mudança porque é assim que a própria vida se movimenta. Na sua opinião, não existe nem o bem nem o mal, pois esses são conceitos criados pela sociedade para qualificar as ações do Homem, e este deve ser libertado desses “preconceitos”.

Outra das grandes diferenças entre os dois filósofos, é a questão que também divide as teorias sobre o mal em duas perspectivas: o homem é capaz de fazer o mal pelo mal ou, por outro lado, o homem é inicialmente bom, mas externalidades negativas o tornam mau.

Nietzsche, é claramente da opinião que o homem pode fazer o mal simplesmente porque o deseja, enquanto que Kant considera que o homem faz a distinção entre o bem e o mal, mas não concebe o mal puro como motivação para o comportamento considerado mau.

Todavia, independentemente de todas as obras escritas e todas as reflexões feitas ao longo dos tempos sobre o mal, a verdade foi, e continua a ser, que o mal existe, e a história mostra-nos isso mesmo.

Ao longo da vida do ser humano na terra, têm sido levados a cabo atos de maldade, violência e verdadeiro horror, o fenómeno do mal não é certamente novo e não pode ser de todo ignorado.

Porém, o mal como motivo ou consequência da ação do Homem é, e sempre foi, um desafio ao pensamento. Ou seja, existe uma grande dificuldade (e curiosidade) em compreender como um indivíduo perfeitamente normal e capaz, em termos mentais, de distinguir o certo do errado, pode realizar atos tão cruéis e desumanos como os que assistimos durante a II Guerra Mundial com o Holocausto, o genocídio no Ruanda ou o genocídio na Bósnia.

O facto é que, desde o início dos tempos que se tenta responder a questões como esta, o porquê de o homem infligir a si mesmo algo que à maior parte de nós nos parece impossível de conceber.

Assim, a compreensão da capacidade de o homem realizar o mal tem sido alvo de um vasto número de estudos, que tentam, através da capacidade racional ou através da suposta falta da razão no pensamento humano, explicar como é possível acontecer horrores como os acima descritos.

É neste sentido que, se tornam relevantes os nomes de Kant e de Arendt, no âmbito da explicação do porquê e de como o ser humano se torna capaz de agir com crueldade e desumanidade para com o outro.

Kant explica, na sua obra *A Religião dentro dos Limites da Razão*, que o mal radical no homem está inteiramente relacionado tanto com a liberdade como com o autoengano, ou a mentira a si mesmo.

Na teoria kantiana, o homem é um ser altamente racional, que baseia as suas ações nas leis morais que regem o seu pensamento, reguladas por uma máxima que ele atribui a si mesmo e que deve ter como característica a possibilidade de ser aplicada a toda a sociedade.

Assim, o homem ou age de acordo com o seu dever, com as suas leis morais, ou cede aos prazeres e à satisfação dos seus desejos, mesmo que estes não se encontrem de acordo com a sua moral. Segundo Kant, quando o homem decide

ceder aos seus prazeres, ele engana-se a si mesmo, com razões racionais, para justificar as suas ações de má índole e torná-las, assim, boas.

E é a isto que Kant considera o mal radical, a possibilidade que se encontra em cada ser humano de mentir a si mesmo sobre o carácter das suas más condutas.

Hannah Arendt, segue de perto este conceito de mal radical em Kant, ainda que a autora trate da questão do mal de uma forma muito particular.

Inicialmente, Arendt trata da problemática do mal na sua obra *As Origens do Totalitarismo* (1951), onde emprega o conceito de mal radical como um mal absoluto e extremo, com uma estreita relação com os totalitarismos do século XX na Europa, principalmente o nazismo e o estalinismo.

Mais tarde, em *Eichmann em Jerusalém* (1963), a autora concebe o termo banalidade do mal, o qual é o resultado das suas observações sobre o julgamento de Eichmann³³. Esta sua nova conceção sobre o mal, encontra-se relacionada com o vazio de pensamento, ou seja, com a irracionalidade ou o não uso da razão na mente dos indivíduos, conceito que aprofundarei mais à frente.

Porém, por mais opiniões e teorias que existam, ainda que variadas e diferentes, existe um ponto comum a todas elas, e é o de que o mal, ou neste caso, a ação má implica um desrespeito pelas normas, sejam estas morais, políticas, religiosas, sociais, entre outras.

Aliás, a questão da obediência/desobediência é essencial para compreender o fenómeno do mal, especialmente no foco deste estudo sobre o Holocausto.

Já na Bíblia, a história sobre o primeiro pecado, o catalisador para a entrada do mal no mundo, foi a desobediência de Eva a Deus, ou seja, na história da Igreja Cristã, o surgimento do mal deriva sempre da desobediência às regras de Deus, consideradas aquilo que é certo e bom.

Na esfera jurídica (que talvez seja o exemplo mais prático desta questão que podemos dar), sabemos claramente que existem leis na sociedade em que vivemos que têm de ser cumpridas. E quando alguém quebra essas regras, existem penalizações para a desobediência do indivíduo em questão.

³³ Adolf Eichmann (1906-1962) foi o Tenente-Coronel nazi das SS e o responsável pelos prisioneiros dos campos de concentração a fim de executar a “solução final” (termo empregado pelos nazis para o extermínio dos judeus). No final da II Guerra Mundial refugia-se na Argentina, onde é apanhado em 1960 e levado a julgamento pelos seus crimes contra a humanidade, cuja sentença foi a pena de morte. *Eichmann em Jerusalém*, é o resultado das reflexões de Hannah Arendt depois de ter assistido ao seu julgamento.

Contudo, a experiência dos nazis é algo particular nesse sentido, pois aqui a questão da praticabilidade do mal dependeu tanto da obediência como da desobediência. Ou seja, aqui a origem do problema foi a obediência às normas instauradas por Hitler e pelo partido nazi e, por outro lado, da desobediência a normas morais, éticas e de respeito pelos direitos humanos.

Mas, em suma, o que despoletou a prática do mal, e a conseqüente desobediência às normas morais e éticas, foi uma obediência cega a Hitler e à ideologia nazi, mesmo Arendt refere que só se teria a ganhar se a palavra “obediência” deixasse de existir no âmbito moral e político.

E é assim, nesta situação em particular, quando o mal ultrapassa barreiras morais, éticas e políticas, através de um complexo aparelho de governo ideológico, que se torna essencial falar no totalitarismo como instrumento do mal.

2.2 TOTALITARISMO COMO INSTRUMENTO DO MAL

Tal como referi, a questão da obediência teve um papel central no governo e nas políticas de Hitler. A questão que se põe neste sentido é, tentar perceber de que forma as suas ideias puderam lograr sem serem questionadas, tanto pela população em geral, como pelos políticos e militares. Ideias essas que, transferidas para a política, foram respeitadas e seguidas pela grande maioria das pessoas, ainda que muitas delas fossem claramente de carácter duvidoso, ofensivo e violento.

Assim, torna-se necessário compreender o fenómeno do totalitarismo, de forma a conseguir uma análise mais precisa e clara da questão da obediência das massas e, ainda que de forma muito abstrata, do papel que este conceito tem nas reflexões de Hannah Arendt sobre o totalitarismo e a mente dos nazis.

É importante perceber que, o totalitarismo surgiu na Europa numa altura bastante crítica para a população europeia, nos anos seguintes ao rescaldo da I Guerra Mundial.

O território europeu foi o mais fustigado pela guerra, não só em termos de destruição como os conseqüentes problemas económicos. Os países do centro da Europa foram certamente os mais prejudicados, sendo a Alemanha, como o grande perdedor da guerra, quem mais sofreu: o Tratado de Versalhes instituiu que a

Alemanha seria obrigada a pagar as reparações da guerra (tendo sido a principal causadora da mesma), perderia territórios e não poderia ter uma força militar de mais de 100 000 homens.

A Europa, encontra-se assim, dependente da ajuda financeira externa, principalmente dependente da ajuda dos EUA (Estado Unidos da América).

Se este foi um período negro para a Europa, na Alemanha a situação tornou-se desesperante, em inícios dos anos 20 a inflação tornou-se tão grave que meio quilo de carne chegou a custar 380 mil milhões de marcos!

A esta altura tornou-se claro que o acordo de paz trazido pelo Tratado de Versalhes foi um fracasso: o economista britânico Keynes, foi um dos primeiro a denunciar o tratado na sua obra *The Economic Consequences of Peace* (1920), onde critica a posição dos países vencedores em apenas se preocuparem com as reparações de guerra e a penalização dos vencidos, enquanto que a reabilitação europeia ficou esquecida.

Assim, por toda a europa crescem movimentos nacionalistas e radicais, inconformados e revoltados com a situação dos seus países: na Rússia soviética o totalitarismo assume o carácter da revolução operária, baseado na aplicação política, social e económica do marxismo-leninismo, que culminou no estalinismo quando Estaline sobe ao poder; na Itália e, mais tarde na Alemanha, o totalitarismo afigura-se como fascismo e nazismo, com Mussolini e Hitler respetivamente; em Portugal e em Espanha o fenómeno surgiria mais tarde, na pessoa de Salazar em Portugal, e de Franco em Espanha.

O totalitarismo destacava-se de outras formas de ditadura e de repressão, pois:

“Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Independentemente da tradição especificamente nacional ou da fonte espiritual particular da sua ideologia, o governo totalitário sempre transformou as classes em massas, substituiu o sistema partidário não por ditaduras unipartidárias, mas por um movimento de massa, transferiu o centro do poder do exército para a polícia e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente o domínio mundial”.³⁴

³⁴ ARENDT, 1998 - Origens do Totalitarismo, p. 513.

2.2.1 O CASO DO NAZISMO

Os regimes totalitários surgem, assim, um pouco por toda a Europa, ainda que com características diferentes entre si (existiam ditaduras comunistas, fascistas e conservadoras), se afiguravam bastante semelhantes em aspetos centrais na forma de governação.

Porém, irei focar com mais detalhe o nazismo alemão, uma vez que aqui o estudo se prende com a análise do mal político através do pensamento de Jorge Semprún e na sua relação com os campos de concentração nazis, especialmente com o campo de Buchenwald, onde esteve preso.

Deste modo, torna-se essencial analisar o funcionamento do regime nazi e de que forma este conseguiu levar a cabo as suas políticas antissemitas e de total desrespeito pelo ser humano.

Assim, Adolf Hitler chega ao poder na Alemanha em 1933, através de eleições. A ascensão do partido nazi ao poder foi o resultado da crescente onda de descontentamento face à crise económica e à humilhação sofrida no pós-guerra.

São várias as minorias nacionalistas que se movimentam dentro do território alemão, não reconhecendo o novo governo social-democrata. Um dos generais do exército alemão, sabendo da existência de muitos grupos descontentes, apoia financeiramente elementos nacionalistas desses grupos.

Numa tentativa de vigiar as atividades destes membros, são contratados espões, e um desses espões (Hitler) torna-se líder de um dos grupos que era suposto vigiar.

Após, uma breve carreira militar, Hitler dedica-se por inteiro à política e à divulgação das suas ideias, escrevendo o que seria a plataforma da sua política, *Mein Kampf*, em 1925, onde relata as suas ideias sobre os judeus, o nacionalismo e o “futuro” da Alemanha.

O partido ganha grande destaque na opinião pública e política, através dos discursos nacionalistas de Hitler que exaltavam a glória do povo alemão e a renúncia ao Tratado de Versalhes e aos acordos do pós-guerra.

Com o apoio do povo, dos grandes empresários³⁵ e de políticos influentes, sem falar na força militar que o acompanhava, Hitler é eleito, através de eleições livres, pelo povo alemão para os liderar uma nova era – o *Terceiro Reich*.

Ora, este novo governo totalitário tinha características muito particulares, as quais irei analisar em seguida e que explicam, em grande parte, o ambiente vivido pelo povo alemão sob o poder de Hitler.

2.2.1.1 Nacionalismo, antiliberalismo e antissocialismo

Uma das características fundamentais do Estado totalitário fascista é o forte sentimento nacionalista, em que o mais importante é o Estado e tudo se faz por ele. As antigas glórias da pátria são exaltadas e a própria figura do líder é tida como um meio deus que será capaz de elevar de novo o Estado à grandeza – o culto da personalidade. O chefe comandava o Estado e o povo e devia ser obedecido sem ser questionado.

O mundo fora das fronteiras nacionais, era visto como o inimigo, aquele que era necessário vencer e superar.

No caso do nazismo, a raça ariana era glorificada enquanto todas as outras, principalmente os judeus, não passavam de raças inferiores e sem importância.

Fortemente marcado por convicções contrárias ao liberalismo e à democracia, o nazismo entende que acima das necessidades do indivíduo estão as necessidades da pátria e o interesse coletivo, compreendendo nesta concepção, uma vez mais, o nacionalismo e o dever para com o Estado.

Assim, a primazia do Estado sobre o indivíduo, leva o totalitarismo nazi a desprezar o parlamento e a oposição partidária, cuja função era a de representar o povo. Porém, o partido nazista proclamava-se o único e grande defensor da vontade coletiva do povo e, sendo assim, a existência de outros partidos tornava-se dispensável, acabando por subsistir apenas o Partido Nazi.

Outro ponto essencial da ideologia nazi, é a total abominação pelo socialismo e pela luta de classes.

Apesar de ambas ideologias suprimirem a vontade do indivíduo face à coletividade, para o nazismo a luta de classes tem como consequências a divisão e

³⁵ Muitos empresários alemães financiavam a campanha de Hitler, em troca este extinguiu os movimentos revolucionários dos operários alemães, influenciados pela ideologia comunista, com a qual Hitler não sentia nenhuma simpatia.

enfraquecimento do Estado. Ora, Hitler não desejava um Estado dividido e fragilizado internamente: a sua já conhecida vontade de ocupar territórios estrangeiros implicava, conseqüentemente, travar guerras com outros países, e Hitler sabia que não conseguiria triunfar se não tivesse o apoio incondicional do seu povo.

2.2.1.2 Enquadramento das massas

Uma das questões mais estudadas, quer em termos sociológicos, psicológicos, políticos, entre outros, é a questão, já referida aqui, do controlo das massas populacionais, ou seja, como se torna possível conseguir obediência de um vasto número de indivíduos.

Nos regimes totalitários, esta era uma questão central:

“A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas. Isso se aplica também a Stálin. Nem os julgamentos de Moscou nem a liquidação do grupo de Rohm³⁶ teriam sido possíveis se essas massas não tivessem apoiado Stálin e Hitler”.³⁷

Nesse sentido, é possível agregar um conjunto de fatores que tornaram possível esta esmagadora adesão ao regime totalitário: utilização da propaganda, a integração dos diferentes segmentos da população em grupos de trabalho e lazer e, por último, a profunda hierarquização da sociedade.

2.2.1.2.1 Propaganda como instrumento de controlo

Já é conhecido o papel crucial da propaganda nos regimes totalitários, sendo um dos pontos mais comuns entre todos os totalitarismos existentes na Europa do século XX.

Era dinamizada a distribuição, em todo o tipo de plataformas, as mensagens do Estado, que incluíam, sobretudo, o culto ao chefe, a publicidade às atividades e

³⁶ Os julgamentos de Moscou, ou processos de Moscovo, e a liquidação do grupo de Rohm corresponderam à execução de opositores políticos a Estaline e a Hitler, respetivamente.

³⁷ ARENDT, 1998 - Origens do Totalitarismo, p. 356.

ideologia do regime e ainda a denúncia dos tão aclamados inimigos do regime (judeus, comunistas, inimigos além-fronteiras do Estado, entre outros).

Eram ainda realizadas grandes manifestações, com aparato militar, onde eram enaltecidas as qualidades do líder e os feitos do regime.

As manifestações eram autênticas encenações que concentravam um vasto número de pessoas, numa cuidada e exagerada glorificação da pátria.

Mas o regime de Hitler não se ficou por meras demonstrações e publicidade, foi criado o Ministério da Cultura e da Propaganda (mais tarde designar-se-ia por Ministério da Cultura Popular) para garantir não só a disseminação das ideias do nazismo, mas também como forma de censura dos meios de comunicação.

Além de censurar tudo o que consideravam ser contra o regime, os nazis realizavam grandes eventos onde se queimavam todos os livros e obras de autores considerados proibidos. Os intelectuais judeus foram perseguidos e os criadores foram obrigados a prestar um juramento de fidelidade a Hitler e um compromisso de passar as mensagens do regime.

Foram ainda colocados nas ruas e nos edifícios do Estado, altifalantes onde durante todo o dia passavam os discursos de Hitler e a propaganda nazi.

2.2.1.2.2 Integração da população na ideologia nazi

É evidente que, tendo um território e uma população tão vasta para governar, torna-se complicado de gerir todos os aspetos da vida dos indivíduos, característica comum nos regimes totalitários.

Assim, foram criados mecanismos que, de uma forma mais centralizada, tinham a capacidade de controlar a vida de cada pessoa, através de um sistema que os incluía em grupos de trabalho, políticos ou de lazer.

Hitler considerava a educação dos jovens de extrema importância, principalmente no que se referia a ensinar a ideologia nazi.

Desde novos, as crianças eram inseridas na Juventudes Hitlerianas³⁸, onde aprendiam a obra do seu líder, *Mein Kampf*.

Tanto aqui como na escola, a educação dada às crianças e aos jovens era fortemente marcada pelos ensinamentos da ideologia nazi e do culto do chefe,

³⁸ As raparigas eram inseridas na Liga das Jovens Alemãs.

além de serem desenvolvidos os gostos pelo desporto e o desprezo total pelas normas éticas e valores intelectuais.

Em idade adulta, os alemães eram inseridos em outros grupos que permitiam, mais uma vez, a adesão à ideologia e ao regime nazi.

Este enquadramento dos adultos dava-se em três vertentes: a filiação no único partido (Partido Nazi) como forma de mostrar a fidelidade e respeito a Hitler; a existência da Frente do Trabalho Nacional-Socialista, que tinha a função de substituir os sindicatos e auxiliar na procura de emprego; e a Kraft durch Freud, que funcionava como uma associação recreativa, onde os trabalhadores podiam ocupar os tempos livres.

Assim, era possível ao Estado controlar praticamente todos os aspetos da vida do indivíduo, muito devido à existência de “espiões anónimos”. Ou seja, dentro de todas as áreas da vida de uma pessoa, incluindo estes grupos citados atrás, existiam muitos outros que, caso notassem comportamentos ou discursos não cooperantes com o regime, denunciariam sem hesitar colegas, amigos, pais, filhos, entre outros, mesmo não tendo nenhuma relação com a política ou com o exército. Aliás, as crianças eram fortemente encorajadas a denunciar os seus pais caso testemunhassem comportamentos estranhos.

A denúncia, era considerada um ato de lealdade e prestígio, um dever para com a pátria.

2.2.1.2.3 Forte hierarquização do Estado

O modelo hierárquico e burocrático do regime nazi, são apontados por Arendt como a grande causa por detrás da obediência a Hitler.

Aliás, Meredith Lilly, à luz das reflexões de Arendt, considera que esses também são um dos principais pilares da construção do Estado totalitário:

“Thought there were many things that lead to the formation of the totalitarian state, the organizational capabilities of the bureaucracy were largely responsible for the remarkable scale of its crimes. The size of bureaucratic organizations, the mandate to implement decisions efficiently, and the insular fragmentation of offices that prevented individual bureaucrats from realizing the full moral weight of their actions, formed a system of government that was as destructive as it was effective. Professional,

procedural, bureaucratic institutions provided fertile ground for rootless, thoughtless evil”.³⁹

Esta concepção da burocracia do Estado, na voz da autora, remete-nos para a questão do “mal irrefletido”, ou seja, não pensado e não processado na mente humana nas suas reais implicações.

Este conceito, ou este estado, é profundamente analisado por Arendt, quando esta concebe o conceito de banalidade do mal e reflete sobre a questão da obediência, através da apatia e do vazio de pensamento.

Assim, os três conceitos (obediência, o vazio de pensamento e banalidade do mal), no pensamento de Arendt, estão relacionados de uma forma muito singular: a obediência cega torna-se possível através de um sistema que transforma os homens supérfluos e, por isso, capazes de praticar o mal sem terem uma noção real dos motivos e das consequências dos seus atos.

É neste sentido que, o papel das massas se torna no grande trunfo do totalitarismo. Além da vasta rede hierárquica do governo nazi, o sentimento de anonimato característico da sociedade de massas, permitia ao homem comum cometer atos tão insólitos quanto os que hoje conhecemos.

“É nesse contexto específico, o de uma sociedade de massas, o lugar propício para que se constitua o sujeito ideal do totalitarismo, esse homem desolado, desagregado, que não se religa mais aos outros homens. Este sujeito destituído como sujeito político, transformado em átomo anónimo entre os átomos anónimos da massa, um homem qualquer, sem capacidade política, sem consciência moral, sem vontade, incapaz de pensar e de julgar – e, por essa razão, capaz de fazer banalmente o mal”.⁴⁰

Arendt refere, em *Origens do Totalitarismo*, a questão do homem comum e banal, pertencente à classe social mais baixa, a que a autora classifica de *ralé*, e as elites, que seria o grupo das pessoas com maior influência, maior educação, artistas, políticos, ou seja, aqueles pertencentes às classes sociais mais altas.

A autora relata que, no início do movimento nazista eram os homens banais, mais comuns sem estudos e sem grandes posses, que primeiro aderiram à ideologia.

³⁹ LILLY, 2013 - Bureaucracy and Thoughtlessness: Totalitarian Evil in the Political Theory of Hannah Arendt, p. 5.

⁴⁰ FELÍCIO, 2005 - Do Mal Radical à Banalidade do Mal: Entre Kant e Arendt, p. 13.

A questão que se põe é perceber como pessoas com elevado grau de educação e intelectuais conceituados, homens que, por isso, tinham uma maior ou melhor compreensão dos acontecimentos, se puderam unir à ideologia nazi.

Existe um motivo lógico, na adesão do homem comum a um partido e a um homem que jurava salvá-los da miséria e reestruturar a sociedade alemã de forma a que todos tivessem trabalho e comida – a fome, a pobreza eram a necessidade. Mas para o homem que vivia confortavelmente, a sua adesão a este tipo de regime e de políticas torna-se difícil de entender.

Jorge Semprún, na sua obra *Mal et Modernité*, refere os motivos pelos quais se tornou fácil ao nazismo atrair muitas personalidades importantes daquela época.

Neste ponto da sua obra, o autor toma o exemplo de Martin Heidegger (1889-1976), um famoso filósofo e professor alemão.

Heidegger era portanto, um dos intelectuais mais conceituados na sociedade alemã, com a particularidade de se ter aliado à ideologia nazi que, em Semprún causa espanto:

“Lo más escandaloso es que un pensamiento original y profundo, cuya influencia se extendió de una u outra manera al mundo entero, haya podido considerar el nazismo como un contramovimiento espiritual históricamente capaz de oponerse al presunto declive de una sociedad mercantil y massificada”.⁴¹

Assim, Semprún vem mais uma vez, reforçar a ideia não de que era escandaloso pertencer ao nazismo, mas era o facto de alguém como Heidegger, cujo pensamento era admirado e reconhecido, pôde ver no nazismo uma solução política para os problemas da europa do pós-guerra.

De facto, e ainda no âmbito da obra de Semprún, muitos foram os intelectuais alemães que viram no nazismo um sistema político viável, um meio de combater a economia de mercado, a sociedade massificada e a escalada técnica e de armamento que se tornaria uma das características do mundo bipolar na segunda metade do século.

Para os intelectuais europeus da época, era este desejo desmedido pelo progresso técnico que significava o mal radical, e que precisava de ser combatido. Neste contexto, Semprún relembra-nos a posição de Heidegger, que acreditava

⁴¹ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 75.

vivamente que a *“Europa se halla en peligro mortal, atenazada como está entre América y la URSS”*.⁴²

Heidegger considerava que, na batalha pelo progresso, o papel do homem seria cada vez mais dispensável e supérfluo, enquanto que a técnica e o desenvolvimento se transformariam nas únicas preocupações dos Estados.

Assim, podemos verificar que esta não se restringiu só à população menos qualificada mas também incluiu a grandes pensadores e homens reconhecidos dentro da sociedade alemã.

E é aqui que, mais uma vez, se torna relevante a questão da superfluidade, pois os atos de barbárie cometidos não foram pensados e executados apenas por soldados de baixa patente, existiam muitos outros na escala hierárquica do poder nazi. O ponto em comum entre todos eles, quer fossem, nas palavras de Arendt, da ralé ou das elites, é que todos eles se tornaram supérfluos.

Em conjunto, a sociedade massificada, a perda da identidade individual e a hierarquização do Estado, permitiram a realização do mal a uma grande escala e sem questionamentos e desobediências das ordens dadas.

Mas de que forma a hierarquização ou a burocracia tornava possível a superfluidade? Meredith Lilly, refere que a organização nazi era como uma cebola, com várias camadas, o que tornava difícil se perceber quem fazia exatamente o quê, havendo muitas vezes, pessoas com as mesmas funções ou escritórios e departamentos iguais por todo o país.

Esta organização em larga escala, criava um aumento da competitividade entre os membros do partido, que lutavam para sobressair numa organização com aquela dimensão.

Assim, neste contexto de competitividade, muitos dos altos chefes do partido deixaram a sua vida privada de parte, ou melhor, para eles a vida privada estava profundamente interligada com a vida política.

Muitos destes membros, viam as suas ordens como missões essenciais, que os poderiam distinguir de todos os outros. Além disso, era regra geral que quanto mais brutais fossem, especialmente contra o povo judeu, maior era a estima de Hitler e mais facilmente seriam promovidos na carreira.

⁴² SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 77.

Porém, estes são tão ou mais culpados dos crimes cometidos do que aqueles que literalmente mataram milhares de pessoas:

“The bureaucrats who orchestrate murder from behind the scenes, were a necessary condition of the Nazi regime. The Holocaust would not have been possible without highly skilled, well-organized, rational people working towards evil aims. The Nazi State made otherwise people into systematic murderers”.⁴³

Sendo assim, e pegando na expressão de Lilly sobre as pessoas racionais citadas acima, voltamo-nos uma vez mais para Hannah Arendt e a sua obra *Eichmann em Jerusalém*.

Eichmann, era um destes “assassinos de secretária”, como refere Lilly. Após ter sido capturado na Argentina, Eichmann é levado para Jerusalém onde se dará início a um dos julgamentos mais famosos de sempre.

Arendt, assiste às sessões como repórter pelo *The New Yorker* e, após várias sessões, a autora de *As Origens do Totalitarismo*, concebe uma noção do mal muito diferente do mal radical e absoluto presente nessa obra - a banalidade do mal.

A autora observou, durante o julgamento, que Eichmann não era mais que um burocrata, um homem por detrás da secretária, que orquestrou grande parte do crime contra os judeus, mas que não possuía em si um desejo pessoal de vingança, de maldade ou de rancor contra os judeus.

Aliás, muitos dos oficiais nazis levados a julgamento e também entrevistados ao longo dos anos, declararam não ter qualquer razão pessoal contra o povo judeu. Eles viam os seus atos não como crimes, mas como um dever à lei, à lei de Hitler, mas que ainda assim era lei.

Eichmann, durante o seu julgamento, muitas vezes referiu esta situação de que apenas se encontrava a cumprir ordens e que fazia parte do seu trabalho a questão da “solução final”, a qual ele tinha que realizar com êxito.

Em suma, é possível compreendermos o papel da hierarquia e da sociedade de massas num regime totalitário, e de que forma a irreflexão tornou possível a obediência à ideologia nazi, quer falemos na população em geral ou naqueles que tiveram parte ativa no regime.

⁴³ LILLY, 2013 - Bureaucracy and Thoughtlessness: Totalitarian Evil in the Political Theory of Hannah Arendt, p. 10.

A superfluidade, ou a transformação do homem em ser supérfluo, tornou possível a execução de tantos crimes contra a humanidade.

Ainda assim, esta superfluidade não é apenas conseguida através de mecanismos políticos e organizacionais, torna-se, por isso, essencial falar no próximo ponto.

2.2.1.3 O culto da força, a violência e a negação dos direitos humanos

“Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa”.⁴⁴

O que Freud nos transmite com esta afirmação, é que as massas não são apenas controladas por motivos como os que vimos anteriormente. Aliás, na sua opinião o papel da violência é central no que diz respeito ao controlo da população por movimentos extremistas.

Na verdade, a violência é uma característica do totalitarismo que podíamos incluir nas atrás citadas, como forma de enquadrar a população. Porém, a violência e a crueldade como instrumento do totalitarismo não se insere na noção de “enquadramento” das massas, tendo um objetivo mais relacionado com o controlo e no caso dos nazis a violência não servia tanto para controlar a população, sendo reservada, na sua maioria, contra os judeus.

É amplamente conhecido que, o uso da força e da violência se encontra em todos os regimes totalitários, sendo por isso a sua característica mais visível.

Para ser exercida eficazmente, foram criadas milícias armadas e polícias políticas, que instauraram um verdadeiro Estado de medo e terror.

Aliás, a violência encontra-se no âmago do nazismo, numa primeira fase contra a sua oposição política e, após a extinção de todos os partidos da oposição, é redirecionada para a população em geral e, particularmente, para as minorias.

Para os nazis, a paz não pode simplesmente existir, pois consideravam que a tranquilidade trazida pela paz acalmava os homens e reprimia os seus instintos naturais, que consideravam ser a força bruta, o instinto e a ação, no fundo, tudo aquilo que era considerado a natureza selvagem do homem.

⁴⁴ Fonte: FREUD, 2011 - Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos, p. 19.

Assim, a guerra aparece como a solução para a passividade dos homens, pois permite que estes mostrem a sua superioridade, força e coragem.

A guerra era portanto, incentivada e exaltada como forma de atingir a glória e a eternidade. Quando Hitler chega ao poder é exatamente isso acontece, o seu desejo de expansão territorial foi posto em prática e os militares seguiram-no incondicionalmente.

Ainda durante a ascensão do nazismo, Hitler sabia a importância do apoio militar: em 1920 e 1925, são criadas pelo Partido Nazi as SA e as SS, respetivamente.

Quando chega ao poder, é criada ainda uma polícia política que se virá a chamar Gestapo, que completa a repressão violenta exercida pelas forças militares e instaura um clima de desconfiança e vigilância constante da população.

O fim último de um governo de terror, seria o controlo da população, e não apenas através do medo. A existência da disseminação da ideologia, principalmente através da propaganda, aliada à violência e à repressão, permitia, mais uma vez, a superfluidade do ser humano.

O objetivo não era a obediência pelo terror, mas a contribuição que este tinha para a criação do homem supérfluo, como Arendt refere:

“Por um lado, a compulsão do terror total - que, com o seu cinturão de ferro, comprime as massas de homens isolados umas contra as outras e lhes dá apoio num mundo que para elas se tornou um deserto - e, por outro, a força auto coerciva da dedução lógica - que prepara cada indivíduo em seu isolamento solitário contra todos os outros - correspondem uma à outra e precisam uma da outra para acionar o movimento dominado pelo terror e conservá-lo em atividade? Do mesmo modo como o terror, mesmo em sua forma pré-total e meramente tirânica, arruína todas as relações entre os homens, também a auto compulsão do pensamento ideológico destrói toda a relação com a realidade”.⁴⁵

E segue dizendo:

“O súbdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)”.⁴⁶

⁴⁵ ARENDT, 1998 - Origens do Totalitarismo, p. 526.

⁴⁶ ARENDT, 1998 - Origens do Totalitarismo, p. 526.

Ou seja, o que Hannah Arendt nos transmite é a ideia de que no totalitarismo, existe uma série de mecanismos que permitem a abstração da realidade e o vazio de pensamento que leva à superfluidade, sendo que tanto a ideologia como a utilização da força e da violência desempenham um papel fundamental para o conseguir.

Assim, num ambiente de suspeita onde todos se encontravam sob a mira do nazismo, onde a violência, a tortura e a repressão eram quotidianos, o último grande passo do nazismo leva-nos ao ato de maior violência por que ficaria conhecido: a criação dos campos de concentração e a implementação da solução final.

2.2.1.4 A violência racista e o antissemitismo

Assim, é possível observar que a ideia da raça superior era uma constante na ideologia nazi. A raça ariana era exaltada e eram incentivados os casamentos entre estes homens, muitos membros das SS, e as mulheres alemãs, enquanto que era totalmente reprovado o envolvimento da raça ariana com judeus e outros indivíduos de raças consideradas inferiores.

Porém, quando o nazismo chega ao poder, o antissemitismo e as políticas racistas não tinham ainda a conotação extrema que chegaram a ter anos mais tarde.

Hitler concebia a História como uma luta de raças desde os primeiros povos que habitaram o planeta, em que a sobrevivência era dada àqueles mais capazes e mais fortes que, segundo ele, seria o povo ariano.

As suas ideias da superioridade da raça ariana, assim como do apuramento da raça vêm desde logo a público com a publicação de *Mein Kampf*, onde fala abertamente do seu ódio pelo povo judeu.

Já no poder, implementa medidas de apoio à natalidade entre os alemães arianos e, a par disso, começa a fazer uma seleção daqueles considerados inferiores e não capazes, como os deficientes mentais, pessoas incapacitadas, anões, entre outros.

Inicialmente, esses grupos de pessoas são inseridos em instituições próprias, em centros de cuidados aos deficientes. Porém, mais tarde, sob o pretexto de seres indivíduos vergonhosos e incapazes, que não podiam gastar o dinheiro do Estado

sem darem nada em troca, são levados para os “centros de eutanásia”, em que se procedia ao seu assassinio através de gases libertados em salas especiais.

Da criação destes “centros de eutanásia” ao início da segregação dos judeus, e de outros povos como os ciganos, não demorou muito.

Através do seu complexo meio de propaganda, Hitler difunde as suas ideias antissemitas: eram atribuídas aos judeus todo o tipo de imperfeições e anomalias.

Hitler, culpava o povo judeu de ter sido o grande culpado da derrota da Alemanha na I Guerra Mundial, afirmando que estes teriam colaborado com os americanos e com os ingleses e levando à ruína do povo alemão.

O facto de os judeus terem sido sempre um povo com uma especial capacidade para o negócio e, por isso, a maioria ser pessoas bem colocadas financeiramente, especialmente na área da banca, levou a uma maior aceitação das teorias de Hitler. Durante a grave crise alemã do pós-guerra, muitos dos alemães empobrecidos, endividavam-se em bancos judeus, ou mediante agiotas, e o facto era que muitos dos alemães ganharam ódio aos judeus por enriquecerem à custa da sua miséria, enquanto muitos morriam de fome.

Os judeus eram, assim, vistos como autênticos monstros, a propaganda passava a imagem do homem judeu como uma raça maligna que desejava a destruição da Alemanha e do povo alemão.

Era ainda difundida a ideia de uma conspiração internacional entre judeus, cujo único objetivo era a eliminação da raça ariana e do Estado alemão, e que era necessário combater este mal.

E sendo assim, Hitler conseguiu instalar o medo na população e passou a ser visto como um mal menor, alguém que conseguiu reverter a situação e afastar estes “criminosos” não-desejados pelo povo alemão.

Assim, as políticas antissemitas de Hitler começaram logo a ser sentidas meses depois da sua eleição. Primeiramente, foi instituída a proibição do acesso e execução de profissões como a de advocacia, medicina ou artes, a par de boicotes frequentes a lojas de comércio pertencentes a judeus.

Mais tarde, seriam metidas em prática as chamadas *Leis de Nuremberga*, que marcaram legalmente a proibição de casamentos e qualquer tipo de envolvimento sexual entre alemães e judeus além de, a estes últimos, ter sido retirada ainda a nacionalidade alemã.

Em 1938, o antissemitismo seria mais uma vez levado ao limite do que se pensava possível. O Estado nazi apoderou-se dos bens e das empresas judaicas, os judeus deixaram de poder exercer qualquer profissão e passaram a ter que se apresentar sempre com a estrela de David.

Nesse ano, ficou conhecido o episódio que se viria a chamar a *Noite de Cristal*, em que os nazis destruíram sinagogas e lojas judaicas, tendo muitos deles perecido durante os assaltos e o resto enviados para campos de concentração.

Por esta altura, são criados verdadeiros guetos para onde a população judaica é enviada para viverem em condições de extrema miséria, onde por quarto por vezes se acumulavam mais de doze pessoas!

O maior gueto construído pelos alemães foi em Varsóvia, na Polónia, e que por isso viria a ser conhecido como o gueto de Varsóvia. Aqui, como em todos os outros guetos, a segregação atingira outro limite: a população judaica era separada do resto da população por muros, vedações de arames farpados e oficiais das SS, que garantiam não só a segregação desta raça considerada inferior, como perpetuavam a atitude violenta característica do movimento nazi.

Com o início da II Guerra Mundial, a segregação passa à exclusão e eliminação completa do povo judeu: os campos de concentração alastram-se pela Europa nazi e os judeus ainda residentes nos guetos são levados sob o pretexto de irem para campos de trabalho.

De certo modo e inicialmente, e muitos dos campos de concentração criados, tinham a particularidade de se encontrarem junto a áreas onde os deportados trabalhassem. Porém, não existia nenhum tipo de ilusão: o campo, no que dizia respeito à vontade dos nazis, seria a última morada do judeu, o seu fim último era a morte.

Porém, conforme o cerco se vai apertando à volta Hitler, com o exército vermelho a leste e os americanos a terem parte ativa na guerra, a solução final é finalmente posta em prática em larga escala.

Ainda assim, a execução desde plano de extermínio dos judeus apresentava um problema para o qual os nazis não estavam preparados: como matar grandes números de pessoas da forma mais rápida e eficaz possível?

A prática do assassinato dos judeus já não era novidade por esta altura, eram levadas a cabo grandes e frequentes matanças, quer fossem homens, mulheres ou crianças, em episódios verdadeiramente macabros.

Contudo, após algum tempo, os altos chefes nazis começaram a aperceber-se dos efeitos que tal tinha nos homens que levavam a cabo essas operações.

Numa tentativa de evitar consequências psicológicas nefastas ao comportamento normal dos oficiais das SS, aliado à necessidade um extermínio em massa dos judeus, os nazis tentavam delinear uma estratégia que solucionasse ambos os problemas.

A solução, viria da pessoa de Rudolf Hoss, general do campo de concentração mais conhecido e de maior dimensão de todo o território nazi: Auschwitz-Birkenau.

Após várias tentativas, Hoss percebe que a solução para o extermínio em massa que a “solução final” visava era, a utilização dos mesmos métodos utilizados nos “centros de eutanásia” – a morte por gás.

São construídos edifícios especiais que servem como único propósito para a morte de milhares de judeus através do terrível gás Zíclon B, ácido de efeito rápido e eficaz.

São ainda construídos, enormes crematórios para onde seguiam os cadáveres dos milhares de judeus mortos.

Inicialmente, os deportados chegavam ao campo e seriam encaminhados para um dos vários barracões que preenchiam o espaço, por vezes tendo que dividir os estrados onde dormiam com mais 3 ou quatro pessoas.

Durante a sua estada no campo, os deportados passavam fome, frio, não existia condições de higiene e por isso, as doenças propagavam-se a um ritmo alucinante, para além de serem frequentemente vítimas da violência e da brutalidade dos SS.

Famílias inteiras, homens, mulheres e crianças foram assassinados às mãos dos nazis. No final da II Guerra Mundial, quando todos os campos foram libertados, perto de 6 milhões de judeus tinham morrido, a par com outras pessoas consideradas de raça inferior.

Assim, e como conclusão, é possível entender que,

“The concept of totalitarianism is commonly used to refer to the regimes in which the entire population is in the service and support of the state and its

political ideology which controls nearly every aspect of the individual's life and is more repressive than other types of regimes. In order to maintain its existence, the state makes use of every tool from physical power to some psychological techniques in order to keep the public under its control, power and oppression such as secret police, manipulation methods through mass media. The totalitarian regimes employ insidious mechanisms and power to exert domination and oppression over population. The totalitarian society demonstrates its villainy by employing terror and surveillance. Every aspect of life from everyday life to sexuality is controlled by the villainy of the state. All requirements of the individual are subordinated to the state for its existence. Through the intricate techniques of political villainy and repression, the state controls public and private spheres of the individuals".⁴⁷

2.3 MAL POLÍTICO NA ATUALIDADE

Assim, tendo em conta a análise anterior, é possível compreender o porquê de o nazismo ser um dos melhores exemplos quando falamos em mal político.

De facto, apesar de o Holocausto envolver um estudo do mal em várias vertentes, faz todo o sentido falar em mal político uma vez que todas as áreas da vida humana se encontram expostas ao mal.

Ou seja, já conseguimos compreender que o ser humano, independentemente da abordagem que façamos, está sujeito ao mal e por isso, está sujeito também a praticá-lo.

Logo, a praticabilidade do mal torna-se possível em todas esferas da vida humana, incluindo na política e na vida pública.

Porém, aqui o problema reside no facto de a ação má ter um poder de abrangência muito maior, o mal deixa de ser exercido individualmente para ser aplicado através de sistemas que possuem a capacidade de alterar e condicionar a vida dos cidadãos:

“Organized into a movement or state and motivated by a cause that gives them passion and purpose, practitioners of political evil are capable of

⁴⁷ MADRAN - The State Villainy in Orwell's 1984, p. 1-2.

carrying out violence on levels that far surpass those realizable by any lone individual".⁴⁸

O que Alan Wolfe nos pretende transmitir na citação acima é, que o poder político pode-se tornar num instrumento do mal, simplesmente porque o poder atribui ao indivíduo uma forma de pôr em prática as suas ideias e concepções de como a sociedade deve viver.

Apesar de ser repreensível a atitude má de um indivíduo perante outro, nada ultrapassa o perigo do mal político, como podemos verificar com o nazismo: Hitler como pessoa singular e um cidadão comum, pouco seria o impacto que teria na vida dos judeus, independentemente das suas convicções antissemitas, mas quando obteve o poder, obteve também os meios para disseminar as suas ideias de violência contra os judeus e os seus inimigos.

Patrick Hayden, na sua obra *Political Evil in a Global Age: Hannah Arendt and International Theory* (2009), aborda a importância do conceito do mal político, especialmente porque, como refere, palavras como a opressão ou a injustiça não conseguem descrever com exatidão a forma de ação de alguns governos.

Apesar de a injustiça e a opressão serem sempre características presentes neste tipo de governos, Hayden refere que existem certos tipos de sistemas ou de regimes que se caracterizam por aspetos tão maus e tão negativos, que descrevê-los apenas pela sua injustiça ou opressão não se torna suficiente.

Assim, o autor considera que apenas o termo de mal político se pode aplicar a alguns governos políticos que, como ele refere, são demasiado errados para serem caracterizados de outra forma.

Na sua concepção de mal político, Hayden, à luz das reflexões de Arendt, também considera que este tem como objetivo tornar a vida humana descartável e supérflua e por isso, este tipo de governos permite a prática da superfluidade do homem a uma escala que não seria possível senão através de um sistema político.

Sendo assim, é possível percebermos que para Hayden, assim como para Arendt, o sistema político a que podemos classificar de mal político é aquele que, pretende tornar a eliminação da personalidade do homem.

⁴⁸ Cit. por RAUCH, Alan Wolfe, 2011 - The New York Times: Sunday Book Review: When Moralism isn't Moral, parágrafo 6.

Já para Wolfe, o mal político é *“la muerte, la destrucción, y el sufrimiento voluntarioso, malévolo, y gratuito infligido sobre gente inocente por los líderes de movimientos y de estados en sus esfuerzos estratégicos por alcanzar objetivos realizables”*.⁴⁹

Assim, apesar de estas duas concepções parecerem diferentes, no fundo elas completam-se, pois a violência, a tortura e a morte são instrumentos para tornar o homem supérfluo porém, não são os únicos instrumentos.

Neste sentido, é importante dividirmos a abordagem ao mal político em duas vertentes pois, segundo Hayden, o mal tanto pode surgir como a violência feita ao corpo, ou através de outros tipos de degradação e humilhação não físicos. Mas também, pode surgir como um “mal menor” que, na opinião de Hayden e de Arendt, não significa exatamente um mal menos relevante ou menos mau, mas que pode conduzir a uma situação onde o mal está verdadeira e inequivocamente presente.

Assim, através da primeira abordagem que mencionei, é-nos fácil entender todo o conceito de superfluidade, principalmente no que respeita aos campos de concentração nazis.

A superfluidade dentro dos campos não estava apenas ligado à violência física, mas a tudo aquilo que humilhava, degradava e tornava o homem num ser descartável. O objetivo de regimes como o nazi, não era apenas a eliminação da vida da pessoa através da morte, mas fazer com que o indivíduo ficasse despojado daquilo que ele era, da sua humanidade e da sua identidade.

Mas a superfluidade nem sempre nasce de uma forma tão direta como a violência a degradação do ser humano como vimos através do exemplo dos campos de concentração.

Por vezes, não é necessário existir uma ação concertada para atingir alguém, ou algum grupo, em particular para tornar o homem supérfluo, existem condições presentes na vida dos homens que também contribuem para a superfluidade – o “mal menor”.

O princípio do “menor de dois males”, é utilizado em várias áreas da vida humana, significando, geralmente, a existência de dois tipos de mal, sendo que um será certamente menor ou de menor impacto que o outro.

⁴⁹ Cit. por OCARANZA, Alan Wolfe, 2013 - La Tercera: El Mal como Instrumento Político, parágrafo 4.

No âmbito dos estudos do mal político, o “mal menor” é frequentemente relacionado com a pobreza, a miséria, extinção de corpos políticos ou de classes sociais.

Porém, nem Arendt nem Hayden concordam com este princípio, pois consideram que a existência dos chamados males menores só contribui para a criação de um mal ainda maior:

“Yet all historical and political evidence clearly points to the more-than-intimate connection between the lesser and the greater evil. If homelessness, rootlessness, and the disintegration of political bodies and social classes do not directly produce totalitarianism, they at least produce almost all of the elements that eventually go into its formation(...)The natural conclusion from the true insight into a century so fraught with danger of the greatest evil should be a radical negation of the whole concept of the lesser evil in politics, because far from protecting us against the greater ones, the lesser evils have invariably led us to them”.⁵⁰

Ou seja, o que Arendt nos diz é que não podemos olhar para o “mal menor” como uma alternativa melhor ao “mal maior”, pois frequentemente, são estes males menores que criam as condições para que o mal maior surja.

Temos como exemplo a ascensão do nazismo na Alemanha – Hitler beneficiou da crise por que o país passava, aproveitando-se das condições miseráveis em que o povo vivia prometendo acabar com a fome e devolvendo ao povo alemão a glória de outros tempos.

Ainda assim, a visão de Arendt neste assunto é criticada, não só porque é possível vermos que estas condições, que se encontram em vários pontos do globo, nem sempre levam a regimes totalitários, mas também porque como refere Wolfe, as condições que levaram ao surgimento de regimes como o nazista ou o soviético, foram únicas no seu tempo e que, atualmente o totalitarismo não conseguiria a adesão da população.

Porém, temos de ter em atenção que a análise de Arendt se centrou na eclosão do totalitarismo na europa durante a primeira metade do século XX e que, não pretendia ter uma abordagem global e aplicável em todas as áreas.

⁵⁰ ARENDT, 1994 - Essays in Understanding, p. 271.

Todavia, o autor Matthew Weinert, na sua análise ao tema mostra como esta análise de Arendt pode ser aplicada na atualidade, relacionando-a com as revoluções da Primavera Árabe.

Weinert refere o Egito como exemplo, uma vez que após a deposição de Hosni Mubarak, o mundo viu a população egípcia a apoiar um partido radical islâmico que, independentemente do rumo que o país tomar, vem mostrar tal como Arendt referiu que, por vezes, “*masses of frustrated, systemically repressed, and superfluous people sometimes unite to exert their agency and their relevance. (...) Sometimes the political vacuums created are filled with totalitarian demagogues in sheep’s clothing*”.⁵¹

Ou seja, muitas vezes são essas situações excecionais que proporcionam a ascensão ao poder de movimentos políticos que caso contrário, não teriam o apoio e adesão da população.

Em todo o caso, quer consideremos fenómenos como a pobreza, a fome, a miséria, entre outras formas de degradação como um mal menor ou não, estes contribuem tanto para a superfluidade da vida humana como a violência e a humilhação, como vimos primeiramente.

Porém, Wolfe na sua obra *Political Evil: What It Is and How to Combat It* (2011), considera como formas de mal político, o terrorismo, a tortura, o genocídio e as limpezas étnicas, não integrando na sua análise, como Arendt e Hayden, outras questões que tornem a vida do homem supérflua e menos digna.

Apesar de, Wolfe admitir que é um apaixonado pela análise do mal através da filosofia e da psicologia, a sua análise recai apenas naquilo que ele considera ser combatível.

O autor, considera que a discussão da predisposição ou não do homem para o mal, ou a discussão sobre as motivações que levam à prática do mal, por mais interessantes que possam ser, ainda não encontraram as respostas a essas questões e, segundo ele, nunca iram encontrar.

Assim, o autor conclui que não é possível mudarmos a natureza das pessoas, seja ela qual for, mas podemos agir, em termos políticos, contra o mal que elas possam fazer:

⁵¹ WEINERT, 2012 - Hannah Arendt in a Global Age: Political Evil and the International Theory, p. 6.

“So focusing on political evil, the use of evil for political purposes, gives us a way of responding to it. We can look at the political objectives that cause evil and respond to those objectives. Acts are easier to change than people. Ultimately we can’t reform their nature, but we can limit the damage that evil people use to achieve political aims”.⁵²

Por isso, o autor faz referência à importância da distinção correta entre os conceitos, afirmando que as limpezas étnicas, como aquela feita contra os kosovares, são um acontecimento verdadeiramente horrível mas que não se pode comparar ao Holocausto ou ao genocídio no Ruanda, por exemplo.

A distinção dos vários tipos de mal que existem no mundo permite uma ação mais adequada e eficaz no combate ao mal político e àqueles que o causam.

Wolfe conclui, deste modo, que devemos olhar para as formas de mal político que vivemos na atualidade:

“Si debemos hacer nuestro mejor esfuerzo para limitar las consecuencias de la maldad política no podemos confiar en analogias históricas descuidadas, especulaciones psicológicas chapuceras, apologías teológicas desacreditadas, simplificaciones políticas excesivas, categorías ideológicas rígidas ni tópicos morales agotados”.⁵³

Na minha opinião, após a análise destes três autores, penso que deveríamos dividir o mal político em três vertentes: o mal aplicado através da violência física, da tortura e da morte; o mal através da degradação, humilhação e destituição do homem enquanto ser político e social e o mal exercido através das más condições de vida do homem, como a pobreza e a fome e outras formas indiretas de prejudicar a vida do ser humano.

Ao fim e ao cabo, são três formas distintas de exercer o mal na vida do ser humano, e todas elas contribuem para a superfluidade do homem.

Penso também que, Wolfe não se encontra inteiramente correto quando nos diz que é necessário olhar para o presente e para aquilo que é real e concreto e deixarmos as velhas teorias e a história do passado. Tal como tem acontecido, o ser humano aprende com as lições do passado e, penso que não podemos descuidar as lições que o totalitarismo nos deu no que respeita ao mal político.

⁵² WOLFE, 2011 - The European: The Devil is Back, parágrafo 2.

⁵³ Cit. por OCARANZA, Alan Wolfe, 2013 - La Tercera: El Mal como Instrumento Político, parágrafo 5.

Porém, é também necessário olhar para os novos desafios do presente, e compreendê-los não só através do que aconteceu no passado, pois fenômenos como o terrorismo são relativamente novos, pelo menos nos parâmetros em que se tem desenvolvido, e é preciso novas análises e novas formas de combater o mal político atual.

Assim, e numa tentativa de olharmos para o presente, é necessário analisar de que forma o mal político se apresenta na atualidade, e quais as condições que o permitem.

Seguindo a análise de Hayden sobre este tema, aceitarei a existência de duas condições estruturais que permitem o exercício do mal na atualidade: a soberania e o neoliberalismo.

Segundo o autor, a soberania pode causar os diversos tipos de mal que analisei anteriormente.

Hayden explica que, é possível o mal derivar da soberania de um país em três situações: os soberanos podem solicitar diretamente esses males; podem ainda ficar indiferentes à prática do mal ou até aceitar a sua continuação por o mal ser um subproduto estrutural, derivado, por exemplo, da globalização.

Neste sentido, Hayden clarifica que o Estado soberano devido ao poder que detém, pode efetivamente agir como referi em cima. Ou seja, a soberania torna possível ao Estado a intervenção na liberdade e nos direitos dos cidadãos:

“Sovereignty responds to the contingency of political action by asserting the absolute dominance of the sovereign will over the realm of human affairs and thus over the freedom of movement of the plurality of individuals and groups inhabiting the earth. Consequently, sovereign power requires a condition of inequality for its very functioning: it must place limits upon freedom of movement and resort to mechanisms of exclusion if it is to assert its supremacy over people and territory. The sovereignty of the modern nation-state is thus placed on a politically disastrous collision course with freedom of movement and the right to have rights”.⁵⁴

Assim, como o autor nos mostra, apesar de o Estado soberano ter o dever de garantir a liberdade e os direitos dos seus cidadãos, muitas vezes essa garantia só existe em teoria.

⁵⁴ HAYDEN, 2009 - Political Evil in a Global Age: Hannah Arendt and International Theory, p. 88.

E como refere Arendt, se o Estado não garantir a proteção aos direitos dos cidadãos, estes não passam de meras ideias escritas em papeis.

Ainda que, existam organismos internacionais que garantem judicialmente o cumprimento dos direitos fundamentais do homem, estes pouco ou nada podem fazer na prática.

A questão aqui é, que ao ser humano é atribuído um conjunto de direitos fundamentais, desde o seu nascimento à sua morte porém, este não poderá beneficiar dos seus direitos quando lhe é retirado à partida o direito a ter direitos.

Assim, é possível compreender de que forma a soberania de um país pode agir politicamente como instrumento do mal, conduzindo-nos, mais uma vez, para a questão da superfluidade.

Como referi, a extinção dos direitos a que o cidadão tem direito pode ser considerada uma forma de criação de superfluidade, na medida em que elimina a identidade do homem como ser político e, por isso, com direitos. Porém, não é apenas pela eliminação dos seus direitos que o ser humano pode ser excluído da esfera pública, o neoliberalismo age exatamente do mesmo modo.

Neste contexto, o neoliberalismo, como Hayden explica,

“Effectively denies the plurality and spontaneity that defines a properly human world, thereby still leaving individuals fundamentally isolated from one another in the age of the global village. Neoliberal globalization drives human agency from the world, pushing us towards a worldlessness that is inimical to an authentic, meaningful and dignified human existence”.⁵⁵

O que o autor nos tenta transmitir, prende-se com o facto de o neoliberalismo, mais precisamente o processo de globalização, torna a individualidade e a identidade de cada pessoa irrelevante no contexto mundial, onde impera o conceito do grupo, do comum e do igual.

O neoliberalismo, por isso, ampliado à escala mundial através da globalização, dispersa a ideologia do poder económico. Ou seja, o espaço público e político é ocupado pelos interesses económicos das grandes organizações privadas.

Mesmo os Estados, veem a política como uma forma de luta pelo poder económico: aquele que detiver maior poder económico terá, sem dúvida, maior peso na balança do poder mundial.

⁵⁵ HAYDEN, 2009 - Political Evil in a Global Age: Hannah Arendt and International Theory, p. 37.

Assim, não é difícil entendermos como o indivíduo e a sua condição como ser social e político se pode tornar supérfluo e descartável: por um lado, a perda da sua identidade e das singularidades que o tornam único e, por outro, a sua perda de importância num contexto onde o poder económico assume um papel central.

Neste sentido, Hayden remete para a questão do vazio de pensamento que Arendt analisa em Eichmann. Pois, este conceito adaptado ao contexto da economia de mercado, permite de igual forma, como na política, a persistência de fatores que levam à pobreza e miséria e que levam igualmente à degradação do ser humano.

Assim, para o autor, também na questão da soberania e do neoliberalismo, a irreflexão é uma consequência, ainda que indireta, pois o afastamento do indivíduo da esfera política e pública, faz com que este não tenha uma perceção real daquilo que o envolve, agindo não de acordo com as suas próprias vontades e motivações mas, agindo em função do todo, da massa em que se encontra.

Podemos apontar algumas críticas à análise de Hayden, principalmente porque o facto de um mundo globalizado até pode produzir superfluidade, ou seres humanos supérfluos, mas a irreflexão nem sempre é o único fator a exercer forças neste campo.

Também não podemos, como refere Weinert, comparar a superfluidade criada pelo neoliberalismo com aquela criada pelo nazismo, principalmente porque as suas dimensões foram completamente diferentes:

“Do those agents particularly and neoliberalism generally deserve the same kind of response as, say the Nazis, who sought to rid the world of those it deemed superfluous? (...) Is the intended evil of poverty equable with the intended annihilation of peoples?”⁵⁶

De facto, não podemos realmente comparar os dois exemplos, daí a importância da análise de Wolfe na divisão e na hierarquização dos diferentes tipos de mal. Sendo também importante, o facto de a superfluidade criada pelo neoliberalismo e pela globalização ser indireta, não existindo a intenção ou o planeamento para tornar o homem um ser supérfluo, como aconteceu durante o nazismo.

Ainda assim, não podemos deixar de considerar o neoliberalismo um instrumento político do mal, pois apesar de as suas consequências ocorrerem de forma indireta,

⁵⁶ WEINERT, 2012 - Hannah Arendt in a Global Age: Political Evil and the International Theory, p. 10.

sem intenção de agir com má conduta, este sistema cria situações de pobreza e de superfluidade entre milhões de pessoas.

A questão assim é, face aos instrumentos atuais de propagação do mal, como poderemos fazer frente ao mal político?

Como tenho vindo a analisar, o mal é sinónimo de violência e, por isso deve ser combatido através da ação política.

Como refere Wolfe, na realidade, o único mal ao qual nós podemos fazer face é o mal político, e apenas se o compreendermos como isso conseguiremos combatê-lo.

Ou seja, o autor como já vimos, defende que a compreensão do mal deve ser feita tendo em conta os seus aspetos reais, na ação política. Apesar de podermos analisar exaustivamente as motivações que levam o homem a praticar atos de extrema crueldade, não conseguiremos fazer nada para alterar o âmago mau do homem. Mas podemos fazer algo que condicione os mecanismos políticos a que esse homem mau possa ter acesso.

“I don’t think it ultimately matters whether good and evil are fundamental to human nature are. In my book, I address whether or not everyone has an inherent capacity for evil. I don’t think they do, but ultimately it’s irrelevant, because even if everybody had some innate tendency, not everybody has an innate capacity for politics. It’s really the political skills of people who engage in political evil, rather than their evil intentions, that ought to engage us. If Osama Bin Laden, who I believe was a genuinely evil man, wasn’t such a brilliant political tactician, we wouldn’t be concerned about him. It was his political abilities, his ability to get people to die for his cause that caused our concern. Not because he had psychological problems. I don’t care about his human nature; I just wished we had stopped him earlier.”⁵⁷

Assim, após a leitura da análise dos autores aqui citados, compreendi que existem dois tipos de armas para combater o mal político: a ação e a tomada de consciência.

A tomada de consciência, pode parecer uma questão irrelevante, mas o facto de o indivíduo ter conhecimento do ambiente em que vive e daquilo que é realizado dentro da sua sociedade, torna mais difícil o vazio de pensamento citado por Arendt. Pois, quando alguém toma consciência da verdadeira realidade, ainda que

⁵⁷ WOLFE, 2011 - The European: The Devil is Back, parágrafo 10.

bastante negativa, essa consciência permite-lhe fazer uma análise racional da situação, podendo fazer escolhas informadas.

Neste sentido, a globalização que Hayden trata como sendo um mecanismo através do qual o mal age, torna-se também numa arma para o combater.

Se o que falamos é na divulgação a grande escala de informações, a globalização é o que nos permite fazê-lo, principalmente através dos meios de comunicação como a internet ou a televisão.

A globalização torna possível que, cada vez mais pessoas possam ter acesso a algo que acontece na outra parte do mundo e isto, auxilia não só na tomada de consciência sobre a prática do mal pelo mundo mas também, na mobilização de ações concertadas para combater esse mal.

Mas Wolfe e Arendt, propõem outro tipo de solução mais centrada na ação em si. Para isso, defendem a criação de organismo de defesa dos direitos do homem, ainda que de forma diferente, ambos acham que a melhor forma de combater o mal político, será através da garantia do direito principal do homem: o direito a ter direitos.

Arendt, defende assim, como depois acabou por ser criado, um tribunal internacional de defesa dos direitos humanos, penalizando mundialmente aqueles que praticassem crimes contra a humanidade.

A autora, considera que se a garantia da defesa dos direitos humanos ficar sobre a alçada do Estado, na nação, esses direitos serão perdidos ou, pelo menos não serão defendidos de forma correta e eficaz.

Já Wolfe, contraria Arendt neste aspeto, apesar de considerar a importância destes tribunais, o autor defende que esse poder deve ser dado aos organismos nacionais e locais a quem portanto, tenha conhecimento imediato da situação.

O autor considera assim, na sua análise que, os organismos internacionais tornam-se demasiado dispersos e que estão demasiadamente sujeitos ao mau funcionamento e à corrupção:

“Como los tribunales internacionales que procesan crímenes de guerra a veces carecen de legitimidad democrática, sufren de corrupción y también

de mala gestión, Wolfe sostiene que son los ciudadanos y las instituciones locales los que primero deben ser empoderados para buscar la justicia”.⁵⁸

Em suma, combinando a tomada de consciência e a criação de organismos que possam efetivamente combater no terreno os crimes contra o ser humano, o homem pode ter uma chance no combate contra o mal.

O mal político pode-se afigurar atualmente muito diferente daquilo que foi durante o totalitarismo, mas a capacidade de espalhar terror e violência e a sua inequívoca criação de superfluidade, tornam sempre e cada vez mais necessário, encontrar os mecanismos certos para lhe fazer face.

⁵⁸ OCARANZA, 2013 - La Tercera: El Mal como Instrumento Político, parágrafo 7.

3. COMPREENSÃO DO HOLOCAUSTO – MAL POLÍTICO EM SEMPRÚN

É bastante claro, após análise do ponto anterior que, a superfluidade de Arendt se insere também dentro do ambiente dos campos de concentração, afinal, não existiu durante todo o regime nazi lugar onde o mal puro e absoluto fosse tão bem representado como dentro dos campos de concentração: não há homem mais supérfluo do que aquele que ainda não morreu, mas que já que se encontra morto⁵⁹.

O Holocausto é sem dúvida, uma das questões mais difíceis de compreender, e esta dificuldade prende-se com o facto de o extermínio de grupos específicos da população e as condições que o tornaram possível, fizeram ruir todas as barreiras daquilo que era considerado possível ao ser humano.

Todas as normas, morais, legais, sociais, políticas foram deitadas por terra por um regime que não deveria ter aparecido em primeiro lugar.

É verdade que ao longo da História do Homem, este não foi o único ato de barbárie do homem contra o homem a que se assistiu. Porém, Arendt explica brilhantemente esta questão, referindo principalmente o fator temporal.

Ou seja, o que torna o Holocausto num marco extremamente bizarro na nossa História e na nossa mente, é o facto de ser um fenómeno único e imprevisível na história europeia. Estes atos de terror e violência, não têm raízes na tradição europeia e surge numa época em que se julgava que os direitos humanos eram um dado adquirido e não questionado.

Assim, o surgimento da ideologia nazi gera, por si só perplexidade e choque. A questão central deste tema é no fundo, a análise que podemos fazer ao Holocausto: considerá-lo como um evento anormal e de exceção, cujas causas foram elas próprias singulares e raras ou, analisá-lo como parte integrante do decorrer normal das coisas.

Zygmunt Bauman, refere a importância destas diferentes formas de análise que, mesmo sendo contrárias entre elas, as conclusões que podemos daí retirar têm um enorme peso na prevenção e no entendimento deste tipo de acontecimentos.

⁵⁹ É frequentemente referida, em obras dos sobreviventes dos campos de concentração, a questão de que mesmo não existindo a morte física, em pensamento todos eles já se encontravam mortos.

Para o autor, é essencial conseguirmos fazer uma análise fiel do fenómeno, considerá-lo um acontecimento de exceção apenas porque corresponde a um nível impensável de maldade, significaria que este estaria para sempre definido no tempo como um acidente.

Pelo contrário, aceitá-lo com um elemento da história e do processo civilizacional, seria admitir que este faria parte da história da barbárie humana.

Se considerarmos como verdadeira a escolha de Bauman pela última opção, o processo civilizacional torna-se verdadeiramente assustador:

“O processo civilizador é, entre outras coisas, um processo de despojar a avaliação moral do uso e exibição da violência e emancipar os anseios de racionalidade da interferência de normas éticas e inibições morais. Como a promoção da racionalidade à exclusão de critérios alternativos de ação, e em particular a tendência a subordinar o uso da violência a cálculos racionais, foi de há muito reconhecida como uma característica da civilização moderna, fenómenos como o Holocausto devem ser reconhecidos como resultados legítimos da tendência civilizadora e seu potencial constante”.⁶⁰

Porém, Bauman não é o único defensor desta teoria. A escolha de uma análise do Holocausto como resultado do decorrer natural da História, é também defendida por Giorgio Agamben.

O estudo deste autor centra-se principalmente na questão da exclusão e inclusão analisando neste contexto, os campos de concentração que, no fundo representam o Holocausto. Na sua visão, os campos são a concretização da exclusão política de um grupo de indivíduos, ao invés daqueles que são incluídos na esfera política e pública.

Assim, na sua opinião, os campos de concentração devem ser analisados dentro da esfera política, e não só através daquilo que ocorreu no seu interior.

Neste sentido, autor propõe que,

“Ao invés de deduzir a definição de campo a partir dos eventos que aí se desenrolaram, nos perguntaremos antes: o que é um campo, qual a sua estrutura jurídico-política, por que semelhantes eventos aí puderam ter lugar? Isto nos levará a olhar o campo não como um facto histórico e uma anomalia pertencente ao passado (mesmo que, eventualmente, ainda

⁶⁰ BAUMAN, 1998 - Modernidade e Holocausto, p. 48.

verificável), mas, de algum modo como matriz oculta, o *nómos* do espaço político em que vivemos”.⁶¹

Mas, tal como o conceito de banalidade do mal em Hannah Arendt não pretende desculpar os atos de homens como Eichmann, também esta análise não significa que deveremos aceitar os crimes cometidos pelos nazis como consequência do decorrer normal das coisas, muito pelo contrário.

A verdade assustadora é que, os fatores que levaram ao despoletar do Holocausto são, como nos lembra Bauman, bastante normais e recorrentes na nossa sociedade, e que foi a sua união que permitiu as atrocidades cometidas.

Ainda assim, o fenómeno do Holocausto é entendido por muitos autores e pelo mundo em geral, como um evento de exceção, pois apesar de as suas causas terem origens normais, o facto de todas se terem conjugado, torna o acontecimento em si excepcional. Ou seja, ainda que a violência, a exclusão, o racismo, etc., aconteçam um pouco por todo o mundo, as razões que levaram o nazismo ao poder e às consequentes atrocidades que cometeram, foram únicas exatamente porque se conjugaram numa altura e num espaço que tornou politicamente possível o Holocausto: “*um caso extremo, especial, de condições existentes, ou, pelo menos, das possibilidades latentes que se encontram em toda a parte na sociedade moderna*”.⁶²

Hannah Arendt, em *As Origens do Totalitarismo*, fala exatamente das condições que tornaram possível o regime nazi e por isso, também o Holocausto. Muitas das condições que a autora aponta, já aqui apresentei anteriormente, aquando da caracterização do totalitarismo nazi.

De facto, ainda que as condições contextuais, como a crise profunda que a Alemanha enfrentava, tenham sido fundamentais para a instauração do nazismo, instrumentos como a propaganda, a violência, repressão, entre outros já mencionados, fizeram realmente a diferença quando nos referimos ao regime de Hitler.

Porém, após *Eichmann em Jerusalém*, Arendt passa a abordar a questão do surgimento do Holocausto de uma forma diferente.

⁶¹ AGAMBEN, 2007 - *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*, p. 173.

⁶² Cit. por RIBEIRO, H. G. Adler, 2008 - *Cartografias do não-espaço: Viagens ao Fim do Mundo na Literatura do Holocausto*, p. 8.

Se, anteriormente a autora analisou as condições existentes na sociedade para a aceitação do regime nazi na Alemanha, agora passa a analisar as condições do pensamento humano que tornaram possível o Holocausto – a banalidade do mal.

Até à altura em que a autora cria o conceito de banalidade do mal, a sua análise ao Holocausto pautava-se pelos mesmos parâmetros de análise que Bauman, ainda que com opiniões bastante diferentes. Bauman acreditava que o Holocausto resultava do processo de evolução civilizacional, enquanto que Arendt refere que o fenómeno só se tornou possível devido a condições excepcionais combinadas, causando a “tempestade perfeita”.

Após, assistir ao julgamento de Eichmann, a autora segue uma análise mais focada no ser humano e não apenas através dos factos. Esta é talvez a diferença mais significativa entre Bauman e Arendt.

A autora muda assim, o seu trajeto de análise porque o que viu em Eichmann, não era o monstro sádico que esperava encontrar. Porém, nas suas palavras, esse facto é o verdadeiro horror da situação: a banalidade do mal não surge como uma desculpa para o comportamento cruel do homem, pelo contrário, a banalidade do mal é a confirmação de que pessoas completamente normais e racionais, são capazes de realizar atos tão violentos e extremos como os que causaram o Holocausto e isso é mais assustador do que se esses homens fossem monstros mesmo.

Ou seja, o conceito da banalidade do mal em Arendt não significa algo banal, mas sim algo que é feito sem motivos pessoais e sem noção das suas repercussões.

Eichmann, tal como muitos outros, não era mais do que uma ramificação da ideologia nazi, um instrumento por assim dizer. Nos seus discursos, dominava uma linguagem militar, de oficial e de cidadão obediente a Hitler.

Os seus discursos eram de tal forma vazios de sentimentos e pensamentos pessoais, que chegavam a ser alvo de riso perante a plateia que assistia ao julgamento.

Para Arendt, este discurso vazio, este papel de homem de dever sem identidade, devia-se, principalmente à irreflexão, ou ao vazio de pensamento. Ou seja, muitos destes homens que, tal como Eichmann, tiveram parte do Holocausto, tornaram-se na ideologia que defendiam, a perda da sua identidade transformou-os em

indivíduos vazios de pensamento, eram instrumentos e não pessoas - tornaram-se seres supérfluos.

De facto, muitos dos oficiais nazis ainda vivos, em várias entrevistas e documentários que têm vindo a ser feitos, não demonstram sinais nem de arrependimento nem de depressão ou angústia pela dor que causaram.

A maior parte, quando confrontados com os crimes que cometeram, limitam-se a responder que era o dever deles e que não havia nada a questionar.

No documentário de 2005 da BBC sobre Auschwitz e a solução final, um dos oficiais nazis entrevistados acaba por referir que não era possível pensar sobre o que se fazia na altura, nem pensar nisso agora, pois caso contrário já não estaria vivo, reforçando a ideia de que não lhes era permitido (nem possível) pensar.

Milgram, estudou esta questão da obediência à autoridade e revela que,

“For an act carried out under command is, psychologically, of a profoundly different character than action that is spontaneous. The person who, with inner conviction, loathes stealing, killing, and assault may find himself performing these acts with relative ease when commanded by authority”.⁶³

Porém, uma das críticas feitas a esta análise, refere a questão da capacidade racional de Eichmann, ou seja, após a confirmação da sua sanidade como era possível não acreditar que este homem não saberia distinguir o certo do errado, o bem do mal. Arendt, sobre esta questão refere que a consciência de Eichmann ficou relativamente tranquila quando este se apercebeu que as suas ações, por piores que fossem, recebiam o apreço e o reconhecimento do resto da sociedade, ou seja, ele não precisava de ouvir a voz da sua consciência, porque as suas ações se tornaram respeitáveis e sendo assim, não necessitavam de ser questionadas.

A teoria de Bauman surge, assim de certo modo, como solidária à de Arendt, pelo menos no que respeita à burocracia e à hierarquia como forma de criação de obediência. Na perspetiva em que tornavam possível a prática dos objetivos sombrios do nazismo.

Bauman também considera, de certa forma, que a burocracia torna os indivíduos “vazios de pensamento”, como refere Arendt. Para o autor, os burocratas nazis tornavam-se, como Arendt refere, supérfluos – desumanização do burocrata.

⁶³ MILGRAM - Obedience to Authority, p. 2.

Segundo o autor, para os burocratas o único objetivo é a conclusão com sucesso do seu trabalho. Princípios éticos, sociais ou de justiça não fazem parte das suas preocupações.

Burocratas nazis como Eichmann, tornaram-se capazes de executar as suas ordens, por mais macabras que fossem, exatamente porque a burocracia e a hierarquia não lhes tornava possível ganharem a noção real das implicações que as suas ações teriam.

O distanciamento entre as suas ações e a sua realização na prática, tirava a estes indivíduos o sentimento de culpa ou de arrependimento.

Assim, tanto para Arendt como para Bauman, a divisão do trabalho (incluída na hierarquização do Estado) torna possível que se crie uma distância entre aqueles que tomam as acções e as consequências delas.

Por outro lado, nem todos aqueles relacionados com o genocídio dos judeus se inserem nesta análise aos burocratas nazis, até porque no final quem levava a cabo as ordens no terreno eram membros das SS e não os “assassinos de secretária”.

Meredith Lilly, menciona neste contexto a análise de Michael Mann aos vários grupos de homens que podem ser identificados entre os nazis.

Mann admite a existência de cinco grupos: “os medrosos” ou “complacentes”, que tinham demasiado medo para contrariarem o meio em que se viram incluídos; os “materialistas” ou “carreiristas”, que tinham aspirações na área da carreira; os “assassinos ideológicos” que se relacionavam com a questão da raça superior; os “perturbados”, que cometiam o “mal pelo mal” e os “fanáticos”, que se relacionam totalmente com a ideologia nazi.

Também Harald Welzer faz uma abordagem diferente da de Arendt. Segundo ele, a ação destes homens não seria irrefletida, muito pelo contrário, eles teriam a plena noção do que faziam e era devido a isso que conseguiam executar as suas ordens, por mais macabras que fossem.

Segundo o autor, foi exatamente o facto de os indivíduos agirem consciente e racionalmente, que permitiu que as tarefas por eles levadas a cabo fossem bem sucedidas, chegando muitos deles a fazer até mais do que aquilo que era esperado.

Welzer, para justificar a sua análise, utiliza uma declaração de um dos homens pertencentes às SS, em que este afirma que a sua função era a de atirar nas crianças, enquanto que um dos seus colegas atirava nas suas mães.

Nesta declaração, o que confirma o ponto de vista de Welzer é o facto do homem constatar que se convencia a ele mesmo, para justificar a morte da criança, que este nunca iria sobreviver sem a mãe e que isto, tranquilizava a sua consciência, demonstrando assim um processo do pensamento racional, e não irrefletido como Arendt afirma.

Em relação ao resto da população alemã, a vida que levavam durante o regime de Hitler foi em quase todos os aspetos bastante normal.

A população não tinha só perdido a noção da realidade da vida fora das fronteiras alemãs, com também a própria realidade dentro do seu país.

Uma grande parte da população sabia da existência dos campos de concentração e do homicídio em massa dos judeus, mas a maioria apenas ouvia rumores e achava que a ideia de um genocídio tinha tanto de mentira como de ficção.

No fundo, o facto de todos prosseguirem com as suas vidas, aqueles com relações ao partido e a população em geral, apresentava-se como uma forma de escape. A questão aqui, não era o esquecimento daquilo que acontecia, mas a falta de noção do que realmente se passava, em parâmetros idênticos à análise de Bauman aos burocratas.

Semprún, neste contexto descreve um episódio ainda no campo de Buchenwald, aquando da libertação pelos soldados americanos, que retracta fielmente esta situação de passividade ou apatia do povo alemão face aos horrores do nazismo.

O autor refere que, num dos últimos momentos do campo, o subtenente americano Rosenberg juntou um grupo de pessoas que viviam na cidade de Weimar, a mais próxima ao campo.

Enquanto este explicava todo o funcionamento do campo, as pessoas tentavam desculpar-se dizendo que não sabiam de nada e que estavam inocentes do que ali se tinha passado.

Semprún, recorda o que o subtenente lhes disse em resposta:

“Es posible que seáis inocentes en la soledad de vuestra consciencia. Pero sois responsables porque no vivís solos, fuera del tiempo, de la comunidade. Sois responsables de aquello que no supisteis, porque no quisisteis saberlo: y responsables de aquello que no visteis, porque no quisisteis verlo”.⁶⁴

⁶⁴ Cit. por SEMPRÚN, Rosenberg, 2011 - Pensar en Europa, p. 299-300.

Porém, ainda que surjam diversas abordagens à análise deste fenómeno verdadeiramente terrível, existe um consenso em relação aos campos de concentração nazis e do extermínio dos judeus.

A questão aqui, centra-se no facto de que o extermínio dos judeus não se incluía numa escalada de poder, de guerras territoriais, de conflitos entre diferentes comunidades, ou seja, a perseguição aos judeus não teve outro motivo que não o do ódio puro, do mal absoluto.

A particularidade, não reside só no facto de o extermínio ser baseado apenas em questões étnicas, mas porque existia um sistema político por detrás desses crimes que não só os permitia, como os tinha gerado. Assim, *“si el mal es el abuso de poder, el mal absoluto es el abuso de poder absoluto: la muerte a escala industrial y burocráticamente organizada”*.⁶⁵

Mas nesta questão do genocídio dos judeus, ou melhor, na questão do antissemitismo, Arendt e Bauman diferem na sua análise.

Apesar de, ambos acreditarem que foi o antissemitismo que causou, obviamente a segregação dos judeus e mais tarde, a solução final, os autores apresentam opiniões diferentes para as razões por detrás do antissemitismo nazi.

Para Hannah Arendt, o racismo nazi contra os judeus é resultado a história religiosa deste povo. O facto de o povo judeu ter sido sempre um povo apátrida, sem pertencer verdadeiramente a algum lugar, juntando ao facto de o “povo escolhido por Deus” ter recusado o seu filho, sempre levantou sentimentos de desconfiança e de xenofobia em relação aos judeus.

Assim, quando há já desconfiança instalada na sociedade alemã contra os judeus, Hitler atribui a estes os mais hediondos crimes e artimanhas, assim como os culpabiliza pela miséria e perda da guerra, instala-se um clima de verdadeiro terror pelo povo judeu. Este sentimento viria, assim a beneficiar, em questões de apoio, Hitler na sua demanda contra os judeus.

Bauman, ainda que considere os judeus como um grupo à parte, não justifica esse facto através da religião.

Para o autor, o povo judeu significou sempre o outro, aquele que se encontra à parte e que não chega realmente a integrar-se no meio onde vive.

⁶⁵ RAMONEDA, 2011 - Pensar en Europa, p.15.

A esse facto, refere o autor, junta-se a sua ligação discutível com o capitalismo. Não é novidade que os judeus sempre foram vistos como pessoas com posses, com jeito para o negócio e que se encontravam muitas vezes ligados à banca e às atividades financeiras.

Assim, como refere também Semprún na sua obra *Pensar en Europa*, no contexto do grande descontentamento com o capitalismo na Europa, a ligação do judeu à riqueza e, por isso ao capitalismo, tornou-o num alvo no meio de uma disputa de organização política e económica.

Por isso, o autor revela que no limite máximo da consideração do judeu como o outro, aquele que é o estranho na sociedade, a modernidade desempenhou o seu papel de catalisador do Holocausto. A este fenómeno, o autor dá o nome de engenharia social, fazendo uma comparação entre um jardineiro e o Estado: o outro, aquele que nunca teria integração no jardim perfeito da sociedade, teria que ser arrancado dela tal como erva daninha, ficando apenas aqueles considerados bons e aptos.

Assim, para Bauman, o antissemitismo varia das fobias anti modernistas, que só puderam ser efetivadas através dos mecanismos da modernidade. Ou seja, o segregacionismo a que os judeus foram sujeitos só foi possível devido a elementos presentes na modernidade, apontados como principais pelo autor, a burocracia, a hierarquia e o controlo social.

Em suma, podemos afirmar que a principal diferença entre as análises de Bauman e Arendt ao Holocausto, são no seu âmago diferentes.

Ainda que, em alguns pontos de vista, as suas conclusões sejam semelhantes, as suas abordagens são bastante diferentes: enquanto que Bauman propõe uma visão sobre o Holocausto pela via do racionalismo e da burocracia, Arendt aborda a questão mais pela via da moral na ação nazista.

Deste modo, a relação do pensamento destes dois autores com Jorge Semprún torna-se algo complicada. Semprún, em nenhuma condição nas suas obras analisa o Holocausto através do regime nazi.

Ainda assim, penso que em termos de abordagem à questão, o autor se aproxime mais da análise moral de Arendt do que com o racionalismo de Bauman, uma vez que Semprún explica os campos através da relação do mal e da liberdade e não como produtos de condições históricas, como faz Bauman.

Assim, Semprún como ex deportado de um campo de concentração nazi, analisa o Holocausto através da sua experiência. Ainda que recorde alguns episódios da vida no campo, o autor prende-se mais na questão moral e do pensamento.

O autor recorda, assim, a sua experiência do mal em Buchenwald através de sentimentos tão contraditórios como a fraternidade e o medo, principalmente através do medo da morte, e a sua presença constante.

3.1 OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZIS

A morte, é assim, presença constante nos campos de concentração, afinal, como nos relembra Semprún, mesmo nos campos de trabalho, o fim último do prisioneiro era a morte, não havia outra saída do campo senão pela “chaminé”.

Por isso, e uma vez que já nos focámos sobre o mal como sistema político, através do totalitarismo nazi, e através do pensamento daqueles que agiam dentro do regime, torna-se essencial abordarmos o mal pelos olhos de quem o sofreu na pele: os sobreviventes. Porém, estes têm a tarefa mais difícil de todas, que é a de tentarem explicar o inexplicável, ou como refere Semprún, a questão não era o “indizível”, mas o “invivível”.

Esta dificuldade não nos é estranha, como tenho vindo a analisar, toda a análise do fenómeno dos campos de concentração e do Holocausto, está carregado de dúvidas, reflexões ambíguas e contradições. E Semprún descreve de forma perfeita toda esta dificuldade de explicar o que sucedeu, pois a questão é mesmo essa: não é possível explicar o Holocausto, a única certeza que temos é que não deveria ter acontecido, mas que aconteceu.

Portanto, a forma mais fiel que temos para reconstruir e entendermos a vida dentro dos campos de concentração, é através do testemunho daqueles que lhes sobreviveram.

É compreensível que nem todos eles quisessem dar o seu testemunho, mas existe um grupo notável de sobreviventes que fizeram do testemunho uma missão de vida. Autores como Jorge Semprún, Primo Levi, Jean Améry, Imre Kertész, entre outros.

Porém, e apesar de todos eles terem contado a sua história de forma brilhante, especialmente porque o conseguiram fazer, todos eles se depararam com a dificuldade de descrever aquilo que simplesmente era inviável. A sua experiência

era de tal modo atípica e terrivelmente dolorosa, que a simples constatação que tinha acontecido realmente, tornou-se num enorme obstáculo.

E é importante entendermos aqui as condições de vida no campo, que a violência e a morte eram diárias e que ocorreram durante anos a fio.

Desde a sua entrada no campo, os deportados eram sujeitos a todo o tipo de humilhações, tudo era feito para os reduzir a simples animais: na chegada ao campo, as pessoas eram despidas em frente a todos, eram-lhes cortados os cabelos, havia uma inspeção ao seu estado físico e de saúde eram-lhes marcados nos braços o seu número, como se de animais de gado se tratassem.

Depois, os deportados assistiam à morte dos pais, dos filhos, dos amigos, de crianças e idosos, quer fosse de fome, de frio, de doença, os cadáveres amontoavam-se pelo campo.

Muitos dos prisioneiros, principalmente as crianças e pessoas com algum tipo de deficiência, eram sujeitos a inúmeras experiências médicas verdadeiramente macabras.

Em Auschwitz, o Dr. Mengele (1911-1979) tornou-se na figura central nazista deste tipo de experiências, ficando conhecido como o “anjo da morte”.

Os seus testes eram feitos especialmente em crianças gémeas, especialmente porque após uma delas ter morrido devido a alguma doença, a outra era morta imediatamente para poder fazer autópsias comparativas.

Dentro dos campos, muitos também eram aqueles recrutados para realizar trabalhos que os nazis não conseguiam como, por exemplo, no crematório e nas câmaras de gás.

Estes deportados pertenciam a um grupo chamado *Sonderkommando*, e as suas obrigações consistiam em carregar os cadáveres das câmaras de gás para os crematórios e para as valas comuns. Eram frequentemente assassinados e substituídos, sendo dos grupos mais em risco dentro do campo.

Na reta final, na sequência da destruição pelos nazis de todas as provas dos crimes cometidos, aqueles pertencentes a este grupo eram procurados e mortos, uma vez que seriam as únicas testemunhas daquilo que realmente teria acontecido.

Assim, em termos de pensamento, toda a experiência dos campos de concentração é, por si só, um desafio a qualquer compreensão lógica ou entendimento de como poderia alguém sobreviver a tal provação.

Na realidade, a vida dentro dos campos também se insere na perspectiva da superfluidade de Arendt, a vida do homem estava resumida a uma palavra – supérflua.

O ser humano era rebaixado a um estado verdadeiramente animal, até que entrava num outro estado, referido em Semprún como o muçulmano, aquele que deambulava pelo campo esperando a morte: não ouvia, não falava, seguia o caminho para a morte sem ripostar por um segundo.

Na verdade, a condição do deportado como não-homem, na sua não-existência, como ser supérfluo, começou inicialmente por despojar o homem da sua identidade jurídica, como refere Arendt e Bauman.

Ambos os autores consideram que, a exclusão do indivíduo da esfera pública é um dos fatores cruciais na transformação do homem em supérfluo.

Como nos lembra Agamben, no contexto dos campos de concentração:

“Quem entrava no campo movia-se em uma zona de indistinção entre o externo e interno, exceção e regra, lícito e ilícito, na qual os próprios conceitos de direito subjetivo e de proteção jurídica não faziam mais sentido; além disso, se era um hebreu, ele já tinha sido privado, pelas leis de Nuremberg, dos seus direitos de cidadão e, posteriormente, no momento da ‘solução final’, completamente desnacionalizado. Na medida em que os seus habitantes foram despojados de todo estatuto político e reduzidos integralmente à vida nua, o campo é também o mais absoluto espaço biopolítico que jamais tenha sido realizado, no qual o poder não tem diante de si senão a vida sem qualquer mediação”.⁶⁶

Assim que se encontrava despido de direitos, este era submetido a um conjunto de humilhações físicas e psicológicas, às mãos das SS que, aos poucos o reduziam à superfluidade – à eliminação do valor da sua vida.

Todos estes fatores, levaram à dificuldade da descrição da experiência dentro dos campos pelos sobreviventes, muitos deles acabariam mesmo por se suicidar.

⁶⁶ AGAMBEN, 2007 - Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua, p. 177-178.

3.2 CONCEÇÃO DO MAL NO PENSAMENTO DE JORGE SEMPRÚN

Jorge Semprún, como já sabemos, é um desses sobreviventes e, por isso, a sua relação com a conceção de mal encontra-se, inevitavelmente, relacionada com a sua experiência como deportado.

Não existem dúvidas que, para ele, o mal absoluto foi aquele vivido dentro dos campos de concentração.

Para o autor, o mal explica-se através da liberdade do homem pois, segundo ele, o homem é livre tanto para fazer o bem como para fazer o mal. Assim, ou o homem é livre e por isso, é capaz de fazer o mal ou, não é livre e não haverá mal. Ou seja, se o ser humano é livre para fazer as suas escolhas, essas podem ser boas ou más e, por isso, os campos de concentração surgem como o resultado do abuso da liberdade do homem.

“Se o mal tem o seu fundamento no fundo constitutivo da liberdade humana, o mesmo sucede com o bem. O mal não é nem o resultado nem o resíduo da animalidade do homem: ele é um fenómeno espiritual, consubstancial à humanidade do homem. Mas o bem também o é. E se está fora de questão extirpar do ser humano a livre disposição para o mal, se é impossível fabricar o homem novo a não ser sob a forma de cadáver, é também impossível impedir ao homem, na sua irreduzível liberdade, a expressão concreta da sua vontade do bem, que, segundo as circunstâncias, se pode designar por: coragem cívica, solidariedade, compaixão religiosa, dissidência, sacrifício de si”.⁶⁷

É de facto, de difícil compreensão que o autor conjugue os conceitos de bem e mal no contexto dos campos de concentração. Mas como refere ele mesmo, o homem é capaz de ações más, mas também boas e na sua experiência enquanto deportado, Semprún viu exatamente essa ambiguidade.

Para ele, o bem dentro do campo era representado pela fraternidade entre os homens ainda que, o mal fosse também representado por estes.

Semprún, não faz assim a análise do mal pela mão dos nazis, dos SS responsáveis pelo campo, como tenho vindo a analisar através de outros autores. Até porque, sempre que se fala na questão do mal nos campos de concentração, o que nos vem

⁶⁷ Cit. [autor desconhecido], Jorge Semprún, 2005 - Diário do Minho: O Bem e o Mal depois de Auschwitz, parágrafo 2.

primeiramente ao pensamento são as atrocidades e os crimes cometidos contra os deportados.

Porém, Semprún não se refere à atitude do mal daqueles que o aprisionaram e torturaram mas sim, ao mal entre os deportados.

Para o autor, a representação mais fiel do mal absoluto e do bem absoluto é entre os homens presos dentro do campo, explicando-o através da metáfora do roubo do pão e da sua partilha.

Ou seja, não existe maior bondade do que aquela do homem faminto que divide o seu pão com o outro mas, não existe pior mal do que aquele que rouba o pão do outro sabendo que isso conduzirá à sua morte:

“Desde el punto de vista ético, la profunda abyección del robo no consiste únicamente en que el ladrón assume la muerte del robado, sino que, impelido por su propia conservación, se identifica con la amoralidad imperante: colabora con el sistema del campo de concentración”.⁶⁸

Assim, Semprún traz-nos uma nova forma de análise ao fenómeno do Holocausto: aquilo que o ser humano é capaz de fazer quando se encontra no limite da sua existência. E esta é uma questão talvez bem mais relevante do que tentar compreender o pensamento dos nazis, pois Semprún lembra-nos que o crime e os criminosos sempre existiram, mas os campos de concentração nazis foi algo extremamente singular.

No fundo, os prisioneiros dos campos viram-se obrigados a ver o outro como seu inimigo, ainda que todos vivessem em condições sub-humanas.

Ao fim ao cabo, no final tudo se devia à culpabilidade moral no homem: aqueles que conseguiam viver com a culpa ou aqueles que não conseguindo aguentar o peso da culpa, se viam a rejeitar o próprio instinto de sobrevivência.

Sobre o tema do mal, Semprún em 1990, deu uma conferência na Sorbonne, intitulada *Mal et Modernité*, resultando mais tarde, em 1995, no pequeno livro com o mesmo nome.

Aí, o autor tentou explicar o conceito de mal radical, não fazendo no entanto ligações entre as reflexões filosóficas do tema e a sua experiência como deportado.

Ao longo da obra, Semprún faz referências a vários autores e às suas concepções de mal porém, detêm-se especialmente em Shelling e em Kant.

⁶⁸ AUGSTEIN, 2010 - Lealtad y Traición, p. 177.

Ainda assim, Semprún não se relaciona com as visões dos autores, para Shelling o mal deriva do mesmo fundo constitutivo que o ser humano e que, por isso, Deus como criador do ser humano, o mal também lhe pertenceria.

Esta abordagem religiosa não diz muito a Semprún, sendo ele um intelectual da política.

Em relação a Kant, a racionalidade do bem não se encontra na concepção de Semprún sobre a ação boa, pois ele considera que o bem a que assistiu não se pode simplesmente inserir num qualquer tipo de obediência a leis.

Assim, nas suas obras, Semprún regressa sempre de algum modo à sua experiência como deportado. Aliás, referiu imensas vezes que poderia viver mil anos e ainda teria algo para contar sobre Buchenwald e os dezasseis meses que ali permaneceu.

Assim, ao nos falar da sua experiência dentro do campo, o autor surge com um conceito que resume em duas palavras os campos de concentração: mal quotidiano.

Na verdade, não existe melhor definição dos campos de concentração, pois estes eram realmente, um lugar onde o mal vivia permanentemente, não só através da morte mas, daqueles que ainda viviam, através da constante ameaça de morte e das agressões.

Ainda assim, Semprún não classifica o horror vivido no campo como o verdadeiro mal, para ele a experiência do mal como deportado ia muito mais além da violência e da morte:

“El horror no era el mal, no era su esencia, por lo menos. No era más que el envoltorio, el aderezo, la pompa. La apariencia, en definitiva. Cabría pasarse horas testimoniando acerca del horror cotidiano sin llegar a rozar lo esencial de la experiencia del campo.”⁶⁹

Este mal quotidiano, encontra-se várias vezes representado nas obras de Semprún através do fumo dos crematórios, que significavam, obviamente, a morte, a transformação da vida humana em supérflua e descartável.

Neste sentido, é possível concluir que todo o fenómeno do mal e da sua relação com o nazismo e o Holocausto, pode ter inúmeras abordagens. Porém, Semprún

⁶⁹ SEMPRÚN, 1995 - La Escritura o la Vida, p. 103.

mostra-nos que não podemos só olhar para o sistema político que criou este mal absoluto ou para aqueles que o fizeram aplicar na realidade.

O que aconteceu durante o regime nazi continua a ser inexplicável, apesar dos muitos estudos e análises sobre o comportamento humano durante o Holocausto, em termos de pensamento humano torna-se imensamente difícil conceber que o homem foi capaz de tamanha maldade para com o seu próximo.

Semprún, na sua qualidade de testemunha, assim como tantos outros, deixou-nos um legado de memória. E mesmo que seja impossível descrever a experiência dos campos de concentração, o testemunho dos sobreviventes é indispensável para a compreensão do fenómeno do mal político.

4. O TEMPO DA GUERRA FRIA – JORGE SEMPRÚN E A EXPULSÃO DO PARTIDO COMUNISTA ESPANHOL

4.1 REORGANIZAÇÃO DO PÓS-GUERRA E O INÍCIO DA GUERRA FRIA

Após, o final da II Guerra Mundial, já era perceptível que a balança do poder mundial e as relações entre os países tinham sofrido alterações.

Em território europeu, ainda que a França e o Reino Unido tenham saído vencedores, encontravam-se destruídos e devastados pela guerra, levando-os a ficar dependentes de ajuda externa.

A Alemanha, encontrava-se ainda em pior estado: o facto de ter sido a grande vencida fez com que também fosse o país que mais teria que contribuir para as indemnizações de guerra, para além de ter que reerguer o seu próprio território.

Neste contexto apenas dois países sobressaem, os EUA e a União Soviética.

Já perto do final da guerra, quando já era possível compreender quem sairia vitorioso, os Aliados começaram a delinear uma estratégia para o período do pós-guerra.

A principal questão a ser tratada relacionava-se com o território alemão (o grande vencido), que seria dividido em quatro zonas de ocupação, distribuídas para administração pelos quatro grandes vencedores: EUA, França, Reino Unido e União Soviética.

Também a cidade de Berlim, sendo a capital, seria dividida em quatro áreas, devendo os quatro países administrá-la conjuntamente.

Além de ter beneficiado em termos territoriais após a guerra, a União Soviética tinha visto o seu papel na Europa tornar-se mais forte.

Na fase final da guerra, durante a marcha do exército vermelho através do leste europeu, nos países que iam sendo libertados, desenvolveram-se sistemas governamentais, económicos e sociais em modelos idênticos aos da União Soviética.

A influência soviética na Europa de leste foi, desde o início, fortemente contestada pelas potências ocidentais. O Primeiro-Ministro britânico, Winston Churchill, critica publicamente a posição da URSS, declarando que esta criou uma área de influência isolada do mundo ocidental através de uma “cortina de ferro”.

Neste contexto de mudança nas esferas de influência, os EUA viram-se obrigados a alterar a sua postura habitual de isolamento. Assim, após o discurso de Churchill, chega a vez de o Presidente americano, Harry Truman, criticar a União Soviética, alargando a cisão europeia ao resto do mundo, que considera dividido em dois sistemas antagónicos:

“At the present moment in world history nearly every nation must choose between alternative ways of life. The choice is too often not a free one. One way of life is based upon the will of the majority, and is distinguished by free institutions, representative government, free elections, guarantees of individual liberty, freedom of speech and religion, and freedom from political oppression. The second way of life is based upon the will of a minority forcibly imposed upon the majority”.⁷⁰

4.2 OS ANOS DA GUERRA FRIA

O antagonismo entre os EUA e a URSS, depressa se estendeu também aos países das suas áreas de influência.

Durante este clima de tensão designado por Guerra Fria, as duas superpotências procuraram sempre suplantar-se em todas as áreas, gerando assim um clima de medo, incerteza e rivalidade em todo o mundo.

A Guerra Fria, caracteriza-se assim, pela corrida aos armamentos (especialmente pelas armas nucleares), pela propagação de conflitos em vários pontos do globo e por uma visão do bloco contrário extremamente simplista e extremada.

Raymond Aron, definiu a Guerra Fria como “*paz impossível, guerra improvável*”, uma vez que tendo em conta as divergências entre os dois blocos a paz não era uma opção, mas a guerra era improvável porque um conflito real entre os EUA e a URSS iria ter efeitos tão desastrosos que ninguém sairia vencedor.

Também Thomas Hobbes faz referência a este clima de tensão: “*a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida*”.⁷¹

Ainda outro autor, Henry Kissinger, refere este impasse em que nenhuma das partes parecia desejar um conflito armado:

⁷⁰ Harry Truman, 1947 - Discurso ao Congresso em Março de 1947.

⁷¹ Cit. por HOBBSAWN, Thomas Hobbes, 1995 - Era dos Extremos – O Breve Século XX, p.223.

“O problema era que cada um dos lados se sentia encurralado num dilema peculiar da era nuclear. Podiam utilizar as próprias forças nucleares para protegerem a sua sobrevivência, mas estas armas não se prestavam à produção de transformações positivas. Fosse qual fosse o nível estimado de superioridade teórica, o risco de uma guerra nuclear era desproporcional a qualquer objetivo a alcançar. Mesmo um risco de guerra de 5% é intolerável quando a consequência envolve a completa destruição da própria sociedade – na realidade, da civilização. Por isso, no final de contas, cada um dos lados retraía-se perante o risco de guerra”.⁷²

Neste clima de medir forças descontrolado, cada uma das superpotências procurou ser superior à outra, quer em termos de armamento, quer na expansão das suas áreas de influência.

Ao mesmo tempo, utilizavam a propaganda para exaltar a superioridade do seu bloco e denegrir o bloco contrário.

No fundo, os dois blocos representavam duas visões contrárias de organização política, económica e social: o capitalismo como defensor do liberalismo e da liberdade individual, e o comunismo assente no marxismo, submetendo o indivíduo ao interesse da coletividade.

Durante os anos da Guerra Fria, a separação do mundo em dois blocos antagónicos pareceu não ter fim. Ainda que o sistema comunista tenha sucumbido no final dos anos 80, ambos os sistemas acabariam por se influenciar mutuamente.

4.3 OS ANOS DIFÍCEIS DA GUERRA FRIA – PRINCIPAIS FOCOS DE TENSÃO

Tal como já referi, foi no período do pós-guerra que as potências vencedoras definiram que a Alemanha e a cidade de Berlim iriam ser governadas pelos EUA, Reino Unido, França e URSS (os países vencedores, portanto), dividindo tanto o país como a cidade em quatro zonas de administração, com o objetivo de todas as quatro potências administrarem conjuntamente todo o território alemão.

Porém, o clima de desentendimento e confrontação entre EUA e URSS repercutiu-se de imediato na gestão conjunta do território alemão.

Assim, neste clima de afrontamento, em que cada bloco procurava se superiorizar em relação ao outro, não é de estranhar que o bloco ocidental tenha visto a Alemanha como um aliado imprescindível à contenção do comunismo na

⁷² KISSINGER, 2007 - Diplomacia, p.509.

Europa. Afinal, em termos territoriais, não existia outro local que demonstrasse melhor o choque entre os dois blocos antagônicos.

Neste sentido, os EUA e os dois aliados (França e Reino Unido) concentraram-se em auxiliar o crescimento e a recuperação alemã, formando nos territórios alemães que se encontravam sob a sua administração a República Federal Alemã (RFA), cuja organização se desenvolveria em moldes semelhantes aos dos países capitalistas.

E se as potências ocidentais temiam as ambições comunistas, o contrário também se verificava:

“Os soviéticos começaram a considerar os três sectores ocidentais de Berlim um espinho no seu flanco, uma montra de prosperidade no meio do cinzento sombrio do bloco comunista. Mais importante ainda, Berlim ocidental era uma rota de fuga para os alemães orientais que pretendiam emigrar para o ocidente”.⁷³

Ainda que, a União Soviética tenha protestado contra esta clara ação de confrontação, acabou por reagir de forma semelhante, criando na sua zona de ocupação a República Democrática Alemã (RDA).

Porém, ainda existia uma ponta solta nesta divisão e separação entre o ocidente capitalista e o leste comunista: a cidade de Berlim, que se encontrava também ela dividida em quatro zonas de ocupação.

Começa, assim, uma série de crises de tensão sobre a cidade, que se encontrava em território da RDA e, por isso, sob domínio russo.

Numa tentativa de forçar a retirada das forças militares ocidentais da cidade, Estaline bloqueia as vias de acesso a Berlim, sob o pretexto de obras nas vias.

O seu principal objetivo ao impedir o acesso a Berlim seria *“to force the Western Allies to abandon a recently undertaken currency reform and possibly Berlin itself”*.⁷⁴ Porém, ao invés do que Estaline pretendia, os três aliados tornaram-se ainda mais populares dentro de Berlim e da Alemanha: estabeleceram uma ponte aérea para abastecer Berlim ocidental, que se prolongou de Junho de 1948 a Maio de 1949.

Assim, apenas passados três anos sobre o fim da Segunda Guerra Mundial, os antigos aliados tinham-se tornado rivais e a sua rivalidade dividia o mundo em

⁷³ KISSINGER, 2007 - Diplomacia, p.493.

⁷⁴ Departamento de Estado dos Estados Unidos, parágrafo 2.

dois blocos antagônicos: de um lado, os países capitalistas, liderados pelos EUA, do outro, os países comunistas, liderados pela URSS.

O Bloqueio de Berlim, foi o primeiro medir forças entre as duas superpotências, porém, não foi o único. No decorrer da Guerra Fria muitas foram as situações de tensão entre os dois blocos, ainda que as situações de confronto direto entre os EUA e a URSS sejam mais raros, por todo o globo os países sob influência capitalista e comunista viram-se em situações de conflito.

A situação mais perigosa durante este período de tensão latente é vista, frequentemente, como a crise dos mísseis em Cuba em 1962.

O início deste clima de tensão sobre Cuba, começou em 1959, quando um grupo de revolucionários, sob o comando de Fidel Castro e do lendário Che Guevara, derruba o ditador pró-americano Fulgêncio Baptista.

Ainda que, o novo regime cubano ainda não tivesse ligações à União Soviética, o seu carácter socialista não passava despercebido às preocupações americanas.

Assim, com receios de um regime sob alçada soviética tão perto de território americano, os EUA sob o governo de John F. Kennedy, apoiam em 1961 uma tentativa falhada de retoma do poder por exilados anti castristas, que viria a ficar conhecido como o desembarque da Baía dos Porcos.

O plano previa o desembarque dos exilados na Baía dos porcos, onde acreditavam que viriam a ser apoiados pelos militares e pelo povo cubano. O objetivo seria, então, o derrube do regime de governo socialista de Castro e o estabelecimento de um regime pró-capitalista.

O plano revelou-se um fracasso: mais de cem exilados foram mortos e os restantes renderam-se.

O antigo Presidente dos EUA Eisenhower, terá dito a Kennedy que o fracasso da Baía dos Porcos poderia levar os soviéticos a fazer alguma coisa que, caso contrário, não fariam.

Inicia-se, assim, o clima de tensão entre as duas superpotências, quando o desembarque na Baía dos porcos falhou, a URSS que anteriormente não tinha qualquer ligação a Cuba, aprontou-se rapidamente a dar todo o apoio necessário ao novo regime socialista e a Fidel Castro.

A crise teria início com o contra-ataque soviético. Sob a ameaça da invasão da Cuba comunista de Fidel pelos EUA, Kruchtchev (sucessor de Estaline) decide

confrontar os americanos, pois perder Cuba seria uma perda para o comunismo e, conseqüentemente, para a URSS.

Assim, em Maio de 1962, Nikita Kruchchev decide colocar mísseis em Cuba, e são enviados especialistas para começarem a construção em território cubano.

Apesar de, inicialmente, a construção para as bases dos mísseis ter sido mantida em segredo, eventualmente os aviões de espionagem americanos fotografam em território cubano, a existência de mísseis de longo alcance, capazes de atingir território americano.

Numa tentativa de travar o avanço da URSS, que já se encontrava a enviar navios que transportavam mísseis nucleares, Kennedy e o governo americano põe em prática um plano que viria a ser conhecido como a quarentena.

Este período de quarentena, durou 13 dias e significava um bloqueio pela marinha americana ao território cubano, de forma a impedir a chegada dos mísseis soviéticos.

Durante este período, as duas superpotências estabeleceram conversações, onde cada um dos lados não fazia intenções de ceder em nada.

Com o passar do tempo, e o agudizar da situação, temendo uma situação de um conflito nuclear real, as partes chegam a acordo e o mundo pode respirar de novo.

Ainda que, o acordo tenha sido oficialmente o compromisso de os EUA não invadirem Cuba e a URSS desistir de instalar os mísseis, mais recentemente veio a público outra parte importante do acordo: a retirada pelos EUA dos mísseis que tinham instalado na Turquia.

Contudo, a crise dos mísseis em Cuba não foi mais do que o resultado da crescente tensão na Alemanha, principalmente na cidade de Berlim.

Afinal, não existia nenhuma região no mundo onde o confronto entre os dois blocos fosse mais evidente: estavam literalmente frente a frente.

Berlim é assim, o foco de tensão mais crítico, principalmente entre o ano de 1958 e 1963, são lançadas uma série de crises sobre a cidade, derivadas do facto de Kruchchev exigir aos Aliados uma Alemanha unificada, livre e desmilitarizada.

Apesar de Kruchchev lançar um ultimato aos Aliados tendo em vista a solução da situação, ainda que fosse a solução por ele exigida, os Aliados perdem-se no meio dos vários planos de ação e das várias opiniões dos diferentes chefes de Estado.

Sem solução à vista, e com o prolongar da situação, de uma forma totalmente inesperada, a 13 de Agosto de 1961 os berlinenses acordam divididos por uma barreira que separava Berlim ocidental da Berlim oriental:

“Os alemães de leste tinham erguido barricadas cobertas de arame farpado entre o sector soviético de Berlim e os sectores ocupados pelas três potências ocidentais e tinham construído uma vedação em torno da cidade de Berlim”.⁷⁵

A construção do Muro de Berlim representou um dilema para os três aliados, pois representava claramente um desafio ao ocidente mas existiam dúvidas acerca de como este muro poderia ser considerado ou não uma agressão. Além disso, os líderes das potências ocidentais não sabiam como responder à construção do muro ou mesmo quais as ações que seriam adequadas nesta situação.

Kennedy, rompeu este impasse anunciando que a construção do muro em Berlim não se encaixada na definição de agressão e portanto, não iria retaliar contra a Alemanha de leste, referindo mesmo que *“It’s not a very nice solution but a wall is a hell of a lot better than a war”*.⁷⁶

De facto, Kennedy não tinha um vasto leque de opções, afinal tratava-se de um muro que proibia a passagem de Berlim oriental para Berlim ocidental, sendo que a primeira estava inserida no já considerado satélite comunista Alemanha de leste.

Assim, esta decisão de Kennedy, demonstrou que foram reconhecidas as diferentes esferas de influência (americana e soviética): ninguém estava disposto a uma guerra nuclear para defender Berlim de leste, que estava claramente dentro da esfera de influência comunista.

Após, a construção do muro a relação entre as duas superpotências permaneceu num clima de tensão constante, em que cada um tentava superar o outro tanto economicamente como militarmente.

Porém, Kennedy pretendia que a questão sobre Berlim fosse o fator que criasse uma nova ordem mundial, baseada nas negociações pacíficas entre os EUA e a União Soviética.

Neste contexto, ainda foram feitas algumas reuniões entre representantes dos EUA e da URSS mas sem grandes resultados: ambos se retraíam pois iniciar uma

⁷⁵ KISSINGER, 2007 - Diplomacia, p.507.

⁷⁶ Cit. por HARRISON, John F. Kennedy, 2003 - The Berlin Wall, Ostpolitik, and Détente, p. 5.

guerra nuclear seria tao desastroso para um como para outro, independentemente de quem possuía mais armamento. Por outro lado, *“qualquer concessão presumivelmente aceitável para kruchtchev enfraqueceria a Aliança Atlântica e qualquer acordo tolerável para as democracias enfraqueceria Kruchtchev”*.⁷⁷

4.4 O BLOCO CAPITALISTA E O BLOCO COMUNISTA

Assim, com o mundo dividido não só entre as duas superpotências, mas entre duas organizações políticas, económicas e sociais diferentes, torna-se necessário analisar, individualmente cada uma delas, para uma melhor compreensão daquilo que separava estes dois sistemas.

4.4.1 Sistema de Alianças

Após, a II Guerra Mundial a Europa viu-se, uma vez mais, mergulhada na destruição e na devastação. OS EUA, viram na reconstrução da economia europeia uma oportunidade não só para lucrarem financeiramente (devido aos juros de que beneficiariam dos empréstimos concedidos), mas também para estreitarem os laços com os países europeus.

A relação que os EUA tinham com a Europa ocidental era importante, sobretudo, no contexto geoestratégico, ou seja, os países europeus ocidentais não só estariam sob influência americana como atuariam como um tampão ao comunismo.

Porém, os americanos não são os únicos a atuar no panorama europeu: a Europa de leste encontra-se sobre a égide da URSS, sob a forma de democracias populares (por oposição às democracias liberais da europa ocidental).

O avanço do exército vermelho pelos países de leste durante a guerra, desde logo deixou aqueles territórios sob controlo soviético, domínio que duraria até à queda do bloco.

De forma a estreitarem as relações com estes países, ambas as superpotências elaboram protocolos que visam alianças económicas e militares.

Para apoiar a reconstrução do pós-guerra, os EUA criam o Plano Marshall, que permitia aos países europeus beneficiarem de um fundo de ajuda financeira, controlada pelo recém criado OECE (Organização Europeia de Cooperação Económica).

⁷⁷ KISSINGER, 2007 - Diplomacia, p. 509.

Apesar deste plano de ajuda ter sido oferecido também aos países do leste europeu, este plano foi cunhado pela URSS como um interesse imperialista, e cria o seu próprio plano de ajuda económica aos países satélite soviéticos: o Plano Molotov, que estabelecia a cooperação económica entre os países de leste.

A liderar este plano encontrava-se o COMECON (Conselho de Ajuda Económica Mútua) que, mais tarde, viria a administrar o desenvolvimento económico destes países, sob influência soviética.

Em termos militares, logo após as crises sobre Berlim, os EUA viram-se na necessidade de reforçarem os laços militares com os seus aliados europeus. Assim, é criada a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) ou NATO, como é mais conhecida.

Em oposição à NATO, é criado pela URSS o Pacto de Varsóvia, uma aliança com a Europa de leste, tornando-se assim, estes dois organismos na face mais visível do antagonismo militar entre os dois blocos.

Estas duas coligações militares tinham ambas os mesmos objetivos, que no caso de agressão a alguma das partes integrantes, os restantes membros iriam em seu auxílio.

Ainda que a NATO e o Pacto de Varsóvia sejam as coligações militares mais conhecidas, as duas superpotências desenvolveram outras parcerias em diferentes partes do globo.

Por outro lado, foram criados também organismos de espionagem pelas duas superpotências. Nos EUA é criada a CIA (Central Intelligence Agency) e na URSS o KGB (Komitet gosudarstvennoi bezopasnosti, em português Comité de Segurança do Estado), existindo muitos mais organismos semelhantes nos diversos países pertencentes aos dois blocos.

4.4.2 Organização Política

É no contexto político que as diferenças entre o mundo capitalista e o mundo comunista mais se fazem destacar.

O bloco capitalista compreendia as democracias ocidentais, onde não só era defendido o sufrágio universal, o multipartidarismo e as liberdades individuais mas também, era defendida a ideia de que o regime democrático deveria proteger e defender o bem-estar dos seus cidadãos.

Assim, embora se assumam como muito diferentes, os partidos sociais-democratas e democratas-cristãos tornam-se nos partidos políticos com mais prestígio e adesão nos anos seguintes ao final da guerra.

Não só saíram prestigiados por terem combatido e vencido os regimes autoritários, como ambos defendiam fortemente a intervenção do Estado no bem-estar e na justiça social dos cidadãos.

Na Europa do pós-guerra, após estes partidos terem subido ao poder em muitos dos países (Grã-Bretanha, Holanda, Dinamarca, Suécia, RFA, Itália), são aplicadas medidas que visam não só reformas económicas e sociais profundas, como também a nacionalização de muitas empresas nos diferentes sectores da sociedade, na área da banca, da energia, dos transportes, entre outros.

Assim, o Estado transforma-se no principal agente económico, o que lhe permitia um melhor controlo da economia, através da garantia de empregos e da definição da política salarial.

Ao Estado cabia ainda, a função de taxar os grandes rendimentos, gerando mais receita e uma distribuição mais equitativa da riqueza, principalmente na forma de apoios sociais.

É neste contexto, que associado ao Estado democrático europeu fica associado o Estado-providência, onde é assegurado ao cidadão as suas necessidades básicas desde que o nascimento à morte. A vertente mais conhecida do Estado-providência é o sistema de saúde gratuito, que se propagou por toda a Europa ocidental.

Existem apoios para quase todas as situações na vida do cidadão: desemprego, velhice, acidentes, doenças, abonos de família, apoios à habitação ou ao ensino.

Desta forma, o Estado consegue um controlo mais eficaz da economia, uma vez que este sistema de apoio permite que não existiam situações tão extremas como a da descida repentina da procura nos anos 30.

Em relação ao sistema político do comunismo, este assentava no centralismo democrático, ou seja, todo o poder emana das bases para o topo e as decisões do topo são de cumprimento obrigatório para as bases.

No topo estavam, por um lado, os órgãos de governo do Estado e do outro o partido comunista que, como é característico de um regime totalitário, era o único partido permitido e que controlava todos os órgãos do Estado.

Ainda que esta não seja a descrição de um regime democrático, o partido comunista considerava que o facto de o Estado e o partido ocuparem o mesmo espaço não tirava o carácter democrático ao Estado, pois o partido comunista era considerado como o verdadeiro representante do proletariado.

O proletariado tem assim, um papel central na organização do Estado comunista. Influenciado pela ideologia do Marxismo, o Estado comunista rege-se pela ideia da luta de classes e da revolução do proletariado.

Portanto, dentro do bloco comunista a propriedade privada era quase inexistente, as empresas que não foram nacionalizadas encontravam-se nas mãos de membros do partido.

As indústrias foram, também elas, alvo de modificações, sendo entregues aos operários.

Nos países satélite do comunismo, na europa de leste, os modelos de governação desenvolviam-se nos mesmo moldes, sempre com membros de confiança do partido comunista soviético nos lugares de chefia.

4.4.3 Economia do Pós-Guerra

Nos países ocidentais pertencentes ao bloco capitalista, após o final da II Guerra Mundial viram crescer as suas economias de forma contínua, sem períodos de crise.

Este crescimento, deveu-se a processos já iniciados (como o plano Marshall e as reformas que permitiram o Estado-providência), mas também devido a aspetos inteiramente novos.

A partir de 1945, o mundo capitalista viu progresso tecnológico, inovação na medicina, na eletrónica, em materiais sintéticos, entre outros.

O carvão passa a ser substituído pelo recursos ao petróleo como matéria energética. A abundância e o baixo custo do petróleo oriundo do Médio Oriente, permitiram o desenvolvimento industrial e dos transportes.

Também na agricultura houve mudanças significativas, a modernização do sector permitiu aumentos de produtividade. A agricultura passa a ser mais mecanizada, libertando mais mão-de-obra para as cidades e para as indústrias.

Assim, também se verificou um aumento da população ativa: a mão-de-obra não apenas se tornou mais numerosa como também mais qualificada, devido ao aumento da escolaridade.

Neste sentido, com a melhoria das condições de vida da população, o sector terciário começa a crescer também, tornando os Estados capitalistas em autênticas sociedades de consumo.

Um dos efeitos mais marcantes dos prósperos anos do capitalismo, foi o aumento do conforto material. O aumento da produtividade, da riqueza, dos salários e da produção de bens, representou um aumento exponencial do consumo de bens.

Esta nova sociedade, vai modificar a vida e os lares de grande parte da população dos países capitalistas, uma vez que representou uma situação em que os rendimentos deixam de ser utilizados apenas na alimentação, e passam a ser aplicados em outro tipo de bens e serviços, dinamizando a economia.

Para o bloco comunista, apesar de importantes sucessos no desenvolvimento industrial, no âmbito da economia planificada, aos poucos a economia soviética viria a degradar-se.

Inicialmente, a planificação da economia permitiu importantes progressos no desenvolvimento das indústrias, principalmente das indústrias pesadas, tornando a URSS numa superpotência industrial.

Porém, apesar de a superpotência comunista e as democracias populares apresentarem níveis de crescimento altos nos primeiros anos do pós-guerra, o nível de vida das populações manteve-se baixo: muitas horas de trabalho, salários baixos, carência de bens de consumo, atraso da agricultura, fraco desenvolvimento habitacional e pouco desenvolvimento do sector terciário.

A economia planificada começou a dar os primeiros sinais de enfraquecimento nos anos 60. Devido ao forte controlo do Estado, as empresas possuíam pouca autonomia, os gestores pouco podiam fazer no que respeitava à compra de materiais, equipamentos ou seleção de trabalhadores.

O facto de se seguir à risca os planos para a economia e para as empresas, fez com que a qualidade dos produtos diminuísse e, também na agricultura, os planos trouxeram dificuldades: o leste europeu que sempre tinha exportado cereais via-se agora obrigado a importá-los.

Apesar de Kuchtchev, quando chega ao poder, ter implementado importantes medidas para incentivar a economia (investimento indústria, na habitação, na agricultura e reformas laborais), essas medidas ficaram muito aquém das expectativas.

Quando Brejnev chega ao poder na década de 70, a estagnação económica da URSS aumenta, assim nos dos países comunistas de leste. A aposta nas indústrias pesadas e de armamento afunda cada vez mais a economia, que levaria, eventualmente, ao fim do bloco comunista na década de 80, com a reunificação alemã e a queda do Muro de Berlim em 1989.

4.5 FIM DA GUERRA FRIA

O período que hoje conhecemos como Guerra Fria, os anos em que o mundo viveu não só sobre o domínio de duas grandes superpotências mas sob a ameaça de uma guerra nuclear, chega ao fim no final da década de 80.

O principal motivo para o fim da confrontação entre os dois blocos, deveu-se ao fim do modelo soviético: os países satélites aboliram o comunismo, as duas Alemanhas uniram-se novamente num só Estado e a URSS desintegrou-se.

Quando Mikhail Gorbatchev chega ao poder em 1985, decide enfrentar os graves problemas da União Soviética. Cria portanto, um plano de reestruturação da economia, que ficou conhecido como Perestroika e que visava uma economia de mercado mais aberta, permitindo mais concorrência e liberdade de funcionamento.

Este plano, foi elaborado ao mesmo tempo que se iniciava uma ampla abertura política, que ficou conhecida por Glasnost – política de diálogo e aproximação ao ocidente, visando acordos de desarmamento e de paz.

A Perestroika, que tinha prometido aos soviéticos, uma melhoria do nível de vida (melhores salários, mais bens de consumo, melhor assistência social), acabou por falhar. As empresas, habituadas à proteção do Estado não conseguiram reagir ao novo mercado, muitas faliram ou despediram funcionários, a inflação aumentou, assim como o desemprego.

Também as economias dos países de leste foram afetadas, privadas dos subsídios da URSS e com o fim do COMECON, estes antigos aliados entram em colapso económico. A pobreza aumenta e agravam-se os problemas sociais.

Muitos destes países, aproveitando a abertura política da Glasnost, começaram a contestar publicamente os regimes comunistas em que viviam.

Por outro lado, Gorbachev começava a olhar para os seus antigos aliados como um “fardo” pesado que a URSS tinha que sustentar.

Porém, há muito que a União Soviética sentia o abandono dos seus aliados europeus. Quando em 1968, a União Soviética esmaga a Primavera de Praga, um pouco por toda a Europa os partidos comunistas começam a distanciar-se das políticas e da conduta dos soviéticos.

A Primavera de Praga teve particular importância porque não só significou o afastamento das políticas repressivas soviéticas, através de reformas que permitiam mais liberdade e um sistema menos centralizado, como por essas mesmas reformas terem sido severamente sufocadas pela União Soviética por não se enquadrarem na sua conceção de governo.

A Primavera de Praga de 1968 representou, assim, o início do distanciamento dos aliados da União Soviética, não só os países sob a alçada do governo russo (países satélites), como os vários partidos de ideologia comunista pela Europa, que se mostraram contra a política de violência e repressão da União Soviética para com os seus aliados.

À questão da Primavera de Praga, podemos ainda acrescentar o fim da República Popular da China como satélite do comunismo soviético. Ainda que, os motivos desta separação entre os dois países se tenham dado por motivos diferentes aos daqueles que tiveram lugar em Praga, o líder chinês Mao Tsé-Tung considerava a União Soviética falsamente comunista, criticando as políticas soviéticas.

Assim, ainda que de formas diferentes, os países satélite do comunismo começam a sua rota de distanciamento da superpotência comunista.

A China, por seu lado, considerava que Kruchtchev e os soviéticos tinham tornado as suas políticas demasiado “brandas”, e que não se empenhavam na luta contra o capitalismo, não sendo, portanto, verdadeiros comunistas.

Por outro lado, os países europeus criticavam cada vez mais que a União Soviética e a sua política autoritária, repressiva e violenta. Posições contrárias mas que ainda assim semearam a discórdia no mundo comunista.

Portanto, juntando a crise económica à crise da política de alianças, a União Soviética isola-se cada vez mais no seu bloco já por si fragilizado.

Com a reunificação alemã, a queda do Muro de Berlim e o fim do comunismo na grande parte dos países do leste europeu, em 1991 a própria URSS desmorona-se. Quando 12 das 15 repúblicas que formavam a URSS se proclamam Estados independentes, Gorbachev abandona a presidência de uma URSS que, efetivamente, já havia desaparecido.

4.6 JORGE SEMPRÚN E A SUA RELAÇÃO COM O COMUNISMO

Assim, quando o Muro de Berlim cai, as utopias comunistas na Europa chegam ao fim, ainda que estas tivessem já sucumbido muito antes.

Semprún, foi das poucas pessoas que pode assistir em primeira fila ao desmoronamento da sociedade soviética e das políticas de esquerda.

Após a sua saída do campo de concentração de Buchenwald o autor, como muitos outros sobreviventes, seguiu o caminho oposto ao do nazismo: o comunismo.

Ainda na condição de deportado, Semprún já pertencia à resistência comunista dentro do campo, sendo não só um aliado muito útil aos comunistas presos como ele mesmo viria a beneficiar da fraternidade (como refere inúmeras vezes) dos seus camaradas que, segundo ele, o salvaram da morte certa.

Nesse sentido, a sua ingressão no PCE na clandestinidade deveu-se não só à sua vontade de lutar contra as políticas de direita como, se deveu também à sua simpatia pela ideologia marxista (ainda na juventude o autor estudou as obras de Karl Marx) e pelos ideais de fraternidade e amizade que experienciou com os comunistas dentro do campo.

“El campo de concentración fue una experiencia decisiva para mí. Fue mi *Bildungsroman*⁷⁸, tanto para lo bueno como para lo malo. Dicho con una palabra procedente de la estética, allí conocí «lo bello» de la fraternidade comunista”.⁷⁹

Dentro do PCE. A função de Semprún centrava-se, sobretudo, na ação clandestina, utilizando diversas identidades, entre as quais a mais famosa sob o nome de Federico Sánchez.

⁷⁸ Termo alemão utilizado em romances que descrevem a evolução da personagem em todos os âmbitos da vida humana (social, psicológico, físico, entre outros).

⁷⁹ SEMPRÚN, 2010 - Lealtad y Traición, p. 325-326.

Os seus discursos inspiradores e a sua personalidade cativante, além de ser um exímio conhecedor das grandes obras, desde logo o fizeram notar e em pouco tempo o autor passou a pertencer ao Comité Executivo do partido.

Aí, desenvolve, inicialmente, uma relação bastante forte com Santiago Carrillo, juntamente com outro membro do partido, Fernando Claudín.

Em meados dos anos 50, todos os membros do PCE se encontravam entusiasmados, a ideia de que o regime de Franco cairia às mãos do partido comunista era quase uma certeza.

Em 1958, Carrillo e mais alguns camaradas planearam um “dia de reconciliação nacional” em Madrid. Todo o partido agora se ocupava com o planeamento de greves e manifestações pacíficas.

O resultado, no entanto, deixou muito a desejar: a população não aderiu e as manifestações saíram logradas.

Semprún e Claudín, pela primeira vez apontam o dedo a Carrillo, não apenas pela sua deficiente capacidade de mobilização das massas, mas também porque, afirmam, este foi o resultado da ainda proximidade com o regime estalinista.

Em 1959, a decepção volta a surgir dentro do PCE. Após o fracasso da primeira manifestação, o partido volta a marcar uma nova greve que, de acordo com Semprún, aconteceria no momento mais favorável para se tornar numa revolução e depor o regime de Franco. Mas, mais uma vez, os planos falharam e Semprún e Claudín começaram a distanciar-se de Carrillo e das suas políticas.

Esse distanciamento, agravar-se-ia através dos diferentes pontos de vista destes três homens sobre a análise da realidade da sociedade espanhola.

O grupo dos Efes (como ficariam conhecidos Semprún e Claudín – Federico e Fernando), tomou consciência que a recente abertura da economia espanhola nos finais da década de 50, permitiu à população uma melhoria do nível de vida. E não só o poder económico da população tinha aumentado, como a mentalidade também se tinham-se alterado, existindo mais liberdade para as mulheres e, no geral, uma sociedade mentalmente mais aberta para as mudanças.

Assim, a aproximação do regime de Franco ao sistema capitalista característico do seu aliado (E.U.A), veio alterar a forma como o Partido Comunista deveria entender a nova sociedade espanhola. Semprún e Claudín,

“Reclamaron que la estrategia del PC se adaptase a la nueva situación. Como el capitalismo seguía desarrollándose, el Partido Comunista también debía hacerlo. Desde el punto de vista político, había que tener en cuenta la mejora de las condiciones de vida de los españoles. El Partido no sólo debía predicar la democracia sino comenzar a hacerla realidad en su propia jerarquía”.⁸⁰

Assim, tanto Semprún como Claudín, concordavam e defendiam que, o PCE deveria traçar uma estratégia de atuação segundo as condições que a sociedade espanhola apresentava na altura, e que este dever-se-ia afastar das políticas estalinistas.

Na verdade, este distanciamento entre o Partido Comunista e o povo espanhol, já tinha sido demonstrado pela fraca adesão às greves e manifestações organizadas pelo partido.

Deste modo, o grupo dos Efes defendia que, após a deposição de Franco, o país deveria fazer uma transição democrática, pela via do parlamentarismo, ou seja, da representação parlamentar.

A opinião de Carrillo não se fez esperar, enquanto comunista e cada vez mais próximo do estalinismo, discordava totalmente da visão de Semprún e de Claudín.

Ainda assim, até esta altura Semprún apenas se encontrava desiludido com a liderança de Carrillo e com as políticas do PCE. É apenas mais tarde, principalmente após uma visita à União Soviética, que o autor sente a decepção em relação à “mãe” do comunismo.

Se anteriormente, Jorge Semprún aclamava que não era possível viver sem a União Soviética, após aquela visita nunca mais voltaria a proferir essas palavras.

O que mais chocou o autor foi a desigualdade social, a diferença entre a vida que o povo levava e aquela que os membros mais altos do partido tinham.

Porém, a desigualdade só demonstrava um problema ainda maior, pelo menos do ponto de vista ideológico: como poderia a grande União Soviética, o país da revolução do proletariado e da justiça social, apresentar agora um desfasamento tão grande entre a ideologia e a realidade concreta.

Após, a sua infeliz experiência com a verdadeira realidade da vida da população na União Soviética, Semprún acaba por ficar também desiludido com o comunismo

⁸⁰ AUGSTEIN, 2010 - Lealtad y Traición, p. 331.

soviético, reforçando mais uma vez a necessidade de o PCE se afastar daquela via e seguir o seu próprio rumo.

Porém, Carrillo, já no lugar de Secretário-geral do PCE, não concordava nem com Semprún nem com Claudín, que discordavam deste em questões como a política agrícola ou em relação ao tipo de rumo que o partido devia levar.

A atitude crítica de Semprún em relação ao partido chegou ao ponto de Carrillo não admitir mais a sua “impertinência”, levando-o a ordenar, em 1962, Semprún a abandonar o seu posto na clandestinidade como Federico Sánchez.

Nesta tentativa de punir Jorge Semprún, Carrillo manda ainda encerrar o jornal comunista que este ajudou a fundar.

Esta situação culminaria, em 1964, quando o Comité Executivo reúne em Praga, para decidir a situação de Semprún e Claudín.

Alguns meses antes, Carrillo e o PCE tinham exigido aos dois homens que se retratassem das suas críticas ao partido. Como eles se recusaram, o Comité procedeu à suspensão dos seus cargos e em 1965, a excomunicação é oficial, Semprún e Claudín saíam do PCE.

A expulsão do partido foi demasiado dolorosa para Semprún:

“La profunda sinrazón del marxismo, concebido como teoría de una práctica revolucionaria, ha sido nuestra razón de vivir. En todo caso, la mía. Luego ya no tengo razón de vivir. Vivo sin razón.”⁸¹

Ou seja, para o autor foi especialmente difícil a sua expulsão porque esta significou o fim das crenças políticas que o tinham acompanhado a maior parte da sua vida.

Claro que Semprún poderia ter evitado a expulsão, mas isso significaria que ele não agiria de acordo com as suas próprias convicções, daquilo que ele considerava que era o verdadeiro comunismo e do que ele considerava certo.

O autor admite que, tinha já na altura a perfeita noção que as discussões que criava o levariam eventualmente e ser excluído do partido.

Ainda assim, inicialmente Semprún não se considerou um ex-comunista, apenas um ex-membro do PCE pois, como refere, o PCE não agia de acordo com o verdadeiro comunismo, sendo ele, por isso, um verdadeiro comunista por não seguir o rumo das políticas do partido.

⁸¹ SEMPRÚN, 1999 - Aquel Domingo, p. 179.

Ao longo do tempo, porém, as suas convicções e o seu pensamento político foram mudando. Se nos finais dos anos 50 Semprún se declarava um comunista leninista-marxista, no final dos anos 70 apenas já só se referia à teoria de Marx para abrilhantar as suas discussões e discursos.

No final da década de 80, Semprún finalmente admitiria ser contrário ao comunismo, afirmando que em nenhuma circunstância o comunismo poderia ter triunfado.

Semprún aponta para a sua descrença no comunismo duas razões: a não viabilidade socioeconómica do sistema comunista a longo prazo e as suas características enquanto sistema totalitário.

Na verdade, torna-se difícil entender qual destas razões terá tido mais impacto no seu distanciamento do comunismo, mas tendo em conta a sua experiência como deportado num campo de concentração nazi, na minha opinião terá sido a percepção do regime de terror de Estaline que levou Semprún a afastar-se inicialmente. Ainda que, depois no âmbito do pensamento político, o autor se tenha apercebido da inviabilidade do comunismo enquanto sistema.

De facto, é impossível negar as semelhanças entre os dois grandes sistemas totalitários da Europa do século XX:

“El nazismo e el comunismo. Ambas son construcciones de la Europa ilustrada. La apelación a una superación definitiva de las contradicciones – por la vía de la pureza de raza o de la destrucción de las clases opresoras – demuestra que también la razón, cuando pierde la noción de los límites, genera monstruos”.⁸²

Jorge Semprún, ainda assim admite que, no seu fundo, na sua ideologia, o comunismo era bom. A luta contra as opressões e injustiças e o desejo de uma sociedade mais igualitária era incontestavelmente bom. Porém, não passava de uma utopia, pois o que se verificava na realidade eram abusos, corrupções, terror, violência, até mesmo o campo de Buchenwald, após o fim da II Guerra Mundial se transformou em campo de concentração soviético.

Todas estas evidências só mostravam a grande diferença entre o que era falado e defendido e o que era feito na prática. Como defesa, a União Soviética e outros regimes de esquerda comunista declaravam que a violência era a única forma de

⁸² RAMONEDA, 2011 - Pensar en Europa, p. 11.

mudar a sociedade para construir algo melhor. Mas, haverá pior mal que aquele que se faz em nome do bem?!

Semprún reconhecia bem estas contradições, e espelhou muito bem a realidade da sociedade soviética através da vida dos prisioneiros russos no campo onde ele mesmo tinha estado.

Para o autor, e para muitos outros, o campo tinha significado o pior pesadelo das suas vidas, a fuga constante à morte e a luta pela sobrevivência eram o seu quotidiano. Para os russos, esclarece Semprún, a vida no campo pouco diferente era daquela que viviam em território soviético:

“Porque la sociedad de la que provenían los había preparado perfectamente para ello. Los había preparado por su arbitrariedad, por su despotismo, por la rígida jerarquización de los privilegios, por el hábito de vivir al margen de las leyes, por el hábito de la injusticia. En Buchenwald, los rusos no estaban en un planeta extraño: estaban como en su casa”.⁸³

Ainda assim, apesar de todas as semelhanças com o regime nazi, especialmente pelo seu carácter tirânico e violento, Semprún considera que há importantes diferenças entre os dois regimes totalitários, especialmente no que se refere ao tipo de homens que os constituem, caso contrário ele mesmo não teria feito parte do comunismo um dia.

O autor explica que, o homem comunista vive dentro do seu sistema erróneo e utópico, muitas vezes criminoso, mas que não pode ser comparado ao homem nazi. O comunista não é racista nem inimigo do outro, não é partidário das raças superiores nem da discriminação racial. O homem comunista, independentemente dos problemas do comunismo enquanto sistema é, segundo Semprún, um homem generoso, aberto, lutador e solidário.

O homem nazi não foi nada disso, foi sobretudo um homem que perseguiu e maltratou.

Outra das razões que levaram Semprún a distanciar-se da ideologia comunista foi, realmente, a sua compreensão de que enquanto sistema político, económico e social, o comunismo nunca poderia ter subsistido a longo prazo.

Para o autor, o que tinha sido necessário para a URSS se manter como superpotência, era a continuação da NEP (Nova Política Económica) implementada

⁸³ SEMPRÚN, 1999 - Aquel Domingo, p. 431.

por Lenin nos anos 20, que permitia uma economia mais aberta ao mercado e à propriedade privada, enquanto o poder estatal do partido se mantinha.

Quando Estaline chega ao poder, a NEP é inviabilizada e só se voltaria a implementar medidas semelhantes com a Perestroika que, não cumpriu as expectativas esperadas.

Para Semprún, esta nova política económica falhou porque o totalitarismo político e a burocracia central tinham inviabilizado toda a sociedade, destruindo não só o tecido social como a cultura e a liberdade, tão essencial à vida humana como às empresas, que perderam a competitividade e o impulso criativo.

Por outro lado, não podemos esquecer que do lado aposto ao sistema fechado do comunismo encontrava-se o próspero sistema capitalista: lado a lado era perceptível que um Estado mais intervencionista na sociedade e uma economia de mercado apresentavam melhores resultados que a fechada União Soviética e o seu modelo centralizado.

Ainda assim, apesar de considerar que o comunismo não é viável (nem nunca foi), Semprún não considera o atual sistema capitalista um sistema ótimo:

“Estou convencido que o fracasso do comunismo é irremediável e é para sempre. Estou convencido que os métodos elegidos pelo comunismo não são os métodos corretos para transformar a sociedade. Agora, o facto de este fracasso ser tão evidente não significa que a sociedade com que agora vivemos seja uma sociedade justa, igualitária, etc. Há que continuar a lutar para mudá-la”.⁸⁴

Assim, Semprún considera que o capitalismo também não constitui um sistema ideal, apesar de ter prevalecido ao sistema comunista.

Para o autor, o sistema de crises cíclicas caracterizante do capitalismo é preocupante, uma vez que as recessões se espalham por todos os países democráticos e leva à criação de crises do sistema representativo parlamentar, que origina, por sua vez, o distanciamento da população face à vida política do seu país.

O autor considera que, esta situação leva a uma sociedade sem utopia. Se, por um lado, a utopia pode ser dececionante porque se torna em ilusão, as bases e os

⁸⁴ SEMPRÚN, 2005 – TSF: Jorge Semprún: o sobrevivente, tradução da autora.

princípios que ela tem por base também são necessários para o funcionamento ótimo de uma sociedade, caso contrário, gera um desinteresse generalizado.

Por isso, o autor apela à luta pela mudança, pelas reformas, pela tão aclamada revolução que o comunismo descreve, ainda que, na opinião do autor, não por meios violentos como os que foram utilizados.

Assim, *“hay que considerar el reformismo – y no es un juego de palabras – una revolución permamente. (...) Tenemos que luchar en el aquí y el ahora de nuestra sociedad por la justicia, por la solidaridad, por la reforma permanente”*.⁸⁵

Logo, ainda que a dinâmica criada pelo sistema de confrontação entre as duas superpotências tenha estendido a sua influência a todos os cantos do mundo, na minha opinião, o distanciamento de Semprún daquilo que era o sistema e a ideologia comunista deveu-se à identidade do próprio autor, assim como à sua perspicácia política.

Ou seja, Semprún além de ter sido uma ex vítima da violência nazista, era um homem com uma imensa capacidade de generosidade e solidariedade, moldado por um enorme sentido de justiça e de valorização de princípios que considerava as bases para uma vida em sociedade.

Não foi apenas a sua compreensão de que o comunismo não poderia triunfar e, independentemente da influência da ideologia capitalista que pudesse ter sofrido, o seu carácter e a sua experiência tornaram-lhe impossível a convivência com um sistema político tirânico.

⁸⁵ Cit. por AUGSTEIN, Jorge Semprún, 2010 - Lealtad y Traición, p. 386.

5. JORGE SEMPRÚN E O FUTURO – CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O IMPACTO DAS DUAS EXPERIÊNCIAS TOTALITÁRIAS NA VIDA DO AUTOR

O totalitarismo que assombrou a Europa no século XX, assombrou também a vida de Jorge Semprún.

Inevitavelmente, as duas experiências tiveram um impacto crucial no pensamento político do autor, ainda que os princípios por que se rege tenham sido sempre os mesmos. É exatamente através dos seus princípios e valores morais, que Semprún acabou fazendo escolhas, por vezes dolorosas, mas necessárias que moldaram e direcionaram a sua vida para aquilo que o autor considerava correto e louvável.

O seu primeiro contacto com o totalitarismo foi através do campo de concentração de Buchenwald que, evidentemente, foi a experiência que mais marcou o autor. Ainda assim, na sua explicação enquanto intelectual político do fenómeno, Semprún não se perde na explicação da violência nazi, o que seria natural visto que o autor sofreu na própria pele as consequências da brutalidade das SS.

Deste modo, o foco da sua análise é tudo aquilo que o autor presenciou e viveu dentro do campo de Buchenwald que, é um dos poucos locais na Europa que assistiu à presença dos dois totalitarismos.

Assim, a Alemanha afigura-se, também ela, como o país que viveu tanto o totalitarismo nazi como a Guerra Fria, assim como Semprún. Por isso, e por estar no centro da Europa, o autor considera que a Alemanha desempenha um papel crucial na construção de uma Europa unificada:

“Alemania debe ser consciente – y creo que lo es -, sin arrogancia nacional pero sin inhibición culpable, del papel fundamental que puede desempeñar en Europa. Y no pienso exclusivamente en su poderío económico. No pienso sólo en su situación geopolítica. Pienso esta noche sobre todo, por encima de todo, en esta ciudad de la antigua República Democrática de Alemania, en esa «figura espiritual» de Alemania que la convierte en el único país europeo con el deber de aumir (...) la traumática experiencia social de los dos totalitarismos de signo contrario, el nazismo y el estalinismo, que asolaron nuestros países durante la mayor parte de este siglo.

Estoy convencido de que, com esta experiencia, com esta doble memoria crítica, Alemania hallará las fuerzas espirituales que contribuirán a lograr una decisiva renovación de la razón democrática en Europa.”⁸⁶

De facto, seria impossível pensar na construção de uma comunidade europeia enquanto existissem ainda duas Alemanhas. E isso prende-se, com a questão de que o território alemão dividido entre o ocidente e o leste europeu, significava ainda a existência de um bloco comunista com forte representação na Europa. Ora, não era pensável sequer dar início a uma Europa unificada enquanto existissem países europeus onde a liberdade e os direitos eram praticamente inexistentes, sob o poder de governos repressivos e violentos. Não era, de todo, a ideia base para uma Europa unida.

Neste sentido de uma Europa unificada, o autor não se refere a uma Europa com um governo supranacional, como muitos defendem. Para Semprún, aquilo que dá sentido a uma Europa unificada é exatamente a sua diversificação, diferentes povos com diferentes línguas e diferentes culturas que trabalham juntas para uma Europa e um futuro melhor.

Para isso, o autor explica que se torna necessário a inclusão da cultura deixada pelos judeus. O vácuo deixado pela saída da maioria da comunidade judaica europeia e a sua cultura, representa hoje uma grande falha no processo da construção da Europa, afirma o autor. Isto deve-se, ao facto de esta comunidade ter feito parte da Europa durante tanto tempo e por ter contribuído tanto para o seu progresso e desenvolvimento.

De facto, Semprún revela uma intensa pena por a Europa ter ficado despojada da sua cultura judaica. Para o autor, a questão mais importante a realçar neste assunto é de que muitos dos intelectuais mais importantes da sociedade europeia (principalmente da Alemanha, da Áustria, da Polónia, entre outros países da Europa central), foram perseguidos, presos e mortos pelos nazis simplesmente porque eram judeus.

O autor refere, assim, que as gerações futuras foram quem mais perdeu, exactamente por nunca poderem ter tido a oportunidade de beneficiar dos estudos futuros desses homens, do contributo que ainda tinham para dar à humanidade.

⁸⁶ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 124.

Assim, não é de estranhar que Semprún dê especial importância ao papel da memória na construção de uma nova Europa.

Como refere Josep Ramoneda, *“la humanidad sólo está indefesa allí donde carece de experiencia y de memoria”*⁸⁷. E é esta questão que é tão importante para Semprún, pois ele considera que a memória deve ser preservada pelos países europeus.

Tal como sabemos, a Europa de hoje foi construída na sombra dos acontecimentos passados, e o nazismo e o estalinismo ainda estão demasiado recentes na história da Europa.

Semprún relembra-nos que, esse legado é trágico mas que ainda assim é um legado que não podemos esquecer, principalmente porque permite evitar situações semelhantes, evitando a eleição de partidos de extrema direita ou de extrema esquerda, cujas prioridades não são aquelas estabelecidas pela União Europeia.

Por isso, a memória deve desempenhar um papel central no processo de construção europeia:

“It would be good for this reflection on the idea of memory to be done on a European level to coordinate everything and give it all a meaning that is positive for the future. We have come out of those events, and it is thus worth us carrying on in a manner that allows us to purge ourselves of our past.”⁸⁸

Assim, Semprún realça que ainda que os diferentes países da Europa se apresentem diferentes na sua história, na sua cultura, na sua língua, entre outros, ambos têm também um passado em comum, o desta história terrível mas que ainda assim pertence a um passado em que o totalitarismo era comum a quase todo o território europeu.

Por isso, o que o autor recorda é que não é apenas este passado que nós europeus temos em comum, aquilo que mais nos liga é principalmente de carácter político, pois aquilo que liga todos os países europeus é a democracia.

O regime democrático não é, portanto, apenas a base dos Estados europeus mas também, a base pela qual a União Europeia se rege: *“in Europe today, it is so clear*

⁸⁷ RAMONEDA, 2011 - Pensar en Europa, p. 13.

⁸⁸ SEMPRÚN - The White Review: Interview with Jorge Semprún, parágrafo 20.

*that the unity of Europe can only be founded on the basis of democratic reason, the principles of democracy and the certainty of its values”.*⁸⁹

Deste modo, Jorge Semprún considera que uma Europa unida é uma arma contra o mal político e contra fenómenos como o totalitarismo que a invadiu durante o século XX. O autor explica que quando a Alemanha se reunificou essa foi resultante da democratização da Europa, quando a URSS no contexto europeu e mundial já perdia contra os países democráticos do ocidente.

Por isso, a democratização europeia, segundo o autor, tornou possível a liberdade e a paz onde antes apenas existia guerra e repressão. Para Semprún, ainda que tivesse sido um acérrimo defensor dos ideais comunistas, nunca nada estava à frente aquilo que ele considerava ser o maior direito de todos: o direito à liberdade.

Assim, já na década de 90, o autor compreende que a democracia, como sendo defensora da liberdade, é a *“única revolución permanente por la que todavía merece la pena luchar!”*⁹⁰.

Desta forma, a democracia surge como a grande vencedora face ao totalitarismos. O autor aponta assim, duas razões para a democracia não ter sucumbido aos totalitarismo, especialmente ao nazismo.

A primeira razão, relaciona-se com o facto de que a democracia, ainda que se possa sentir alienada pela pulsão crescente do progresso técnico, como o autor refere, não considera à partida que os processos em movimento na sociedade de massas e de mercado, sejam de carácter nefasto.

Assim, mesmo que o progresso técnico tenha sido, e seja ainda, alvo de críticas variadas, principalmente naquilo que respeita à perda de identidade do ser humano, à sociedade de consumo, entre outros, o pensamento democrático, na sua natureza, não considera esses resultados como tendo origem em intenções maliciosas.

A segunda razão, é de ordem moral e refere-se à questão já debatida por Semprún da relação entre a liberdade e a prática do mal.

Ora, o que o autor nos tenta transmitir é que se a democracia compreende a liberdade, o pluralismo e a existência de conflitos de natureza diversa, também

⁸⁹ SEMPRÚN, 2011 - Open Democracy: What being “European” means to me, parágrafo 36.

⁹⁰ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 26.

compreende a possibilidade, tal como Kant refere, de o homem poder realizar o mal.

Por outro lado, um regime totalitário não admite a liberdade do homem, condicionando-o por isso, a viver a sua vida mediante as normas que o próprio regime emite, independentemente de estas serem de cariz mau ou bom.

Porém, este sistema encontra uma dificuldade:

“El final histórico del sistema totalitario va ligado, en circunstancias estratégicas y socioeconómicas determinadas, a la reanudación, individual al principio, masiva muy pronto por contagio comunicativo, de las posibilidades transcendentales de la libertad”.⁹¹

Porém, o autor também indica que a democracia, ainda que tenha subsistido aos totalitarismo, também foi a sua principal causa.

Semprún, explica que os falhanços da democracia e a sua relação com o capitalismo foram os pontos através dos quais se tornou possível ao totalitarismo crescer.

Esta afirmação pode-nos parecer um pouco estranha, mas na realidade o autor estabelece esta relação de forma clara.

Não nos é estranha a relação entre a democracia e o modelo capitalista, estando ambos presentes em vários Estados. O que o autor nos recorda, relaciona-se com as crises económicas do capitalismo, principalmente da crise americana de 1929 que acabou por se estender a toda a Europa.

A questão não era apenas económica, ainda que as crises sejam terreno fértil para o desenvolvimento de grupos extremistas, o partido nazi é um exemplo disso. Porém, como se os problemas económicos já não fossem suficientes, a crise de 1929 significou algo mais: a sua propagação pela Europa só demonstrou o quanto esta estava sob domínio americano.

Tal como Heidegger notou, o americanismo tinha-se tornado uma praga na Europa, a sua influência estendia-se a todas as áreas e a todos os cantos. A dependência que o velho continente tinha dos EUA, cada vez mais demonstrava as fragilidades da própria Europa.

Era claro, segundo Semprún, que a democracia e o capitalismo tinham falhado na sua essência. A crise de 1929 demonstrou que o sistema capitalista era incapaz de controlar as suas crises, que era o resultado do falhanço do liberalismo e da

⁹¹ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 83.

incapacidade da “mão invisível” regular o mercado, tornando largamente populares as ideias de planeamento características dos totalitarismos.

A democracia também revelou os seus pontos fracos. Para além de descredibilizada através das crises do capitalismo, esta viu-se incapaz de confrontar os problemas do século XX:

“La democracia era caduca por ser incapaz de responder positivamente a la masificación de las sociedades industriales, a la irrupción de la técnica planetaria, al desquiciamiento de los procesos de producción y de intercambio de valores”.⁹²

Assim, o autor considera que a crise resultante do capitalismo e a incapacidade de resposta das democracias para a solucionarem, foi o ponto de partida para o nascimento de vários focos totalitários pela Europa.

Deste modo, o autor faz um ligação entre a crise pré-totalitarismos e a crise anterior à queda do bloco comunista. Na sua opinião, estas crises capitalistas têm estado por detrás destes dois fenómenos, ainda que na sua primeira vaga tenha contribuído para o surgimento de extremismos, na segunda vaga contribuiu para o fim de um deles.

A grave situação económica que levou o bloco comunista ao fim, apesar de todas as suas razões internas, como a economia planificada, o atraso em vários sectores, a burocracia totalitária, entre outras, só se tornou verdadeiramente insustentável quando confrontada com o bloco contrário.

Ainda que pareça, de certa forma complicado entender a lógica do autor, este refere que os países capitalistas por esta altura já tinham aprendido a lidar com as crises do seu próprio sistema, e que estas já não eram vistas como o fim do seu modelo, mas como parte integrante dele.

Assim, na minha opinião, o que o autor nos transmite é que os países comunistas, fechados no seu próprio sistema sufocante e que planeava tudo, não permitindo o livre funcionamento do seu mercado, se viu incapaz de lidar com a propagação da crise capitalista, contrariamente aos outros países que tinham adotado o liberalismo e o livre mercado.

Ainda assim, Semprún não considera estes sistema capitalista ideal, ainda que este tenha aprendido a gerir as suas crises. As crises cíclicas do sistema capitalista

⁹² SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 52.

não significam apenas dificuldades económicas, que por si só e aliadas à globalização, se espalham pelos vários pontos do globo.

Para o autor, estas crises significam também uma falha das democracias, uma vez que ele relaciona as crises sentidas pelas populações como fator de distanciamento dos seus governos:

“La larga recesión origina en los países democráticos una crisis del sistema representativo parlamentario, que se refleja, entre otras cosas, en una creciente desafección por parte de los ciudadanos hacia la clase política tradicional, en una abstención electoral cada vez más inquietante, en un pesimismo cínico generalizado. En suma, en una creciente pasividad política de las capas sociales más activas, ligadas al desarrollo de una productividad intelectual y material sin precedentes”.⁹³

Neste contexto, Semprún considera importante a permanência de uma certa utopia política nas sociedades.

Obviamente, o autor não concorda em se manter as utopias comunistas soviéticas, mas garante que todas as sociedades beneficiariam de uma certa utopia dentro do seu sistema.

Semprún explica esta questão através da necessidade de ser necessário “prender” os cidadãos aos seus governos. Por isso, lembra a importância das políticas de esquerda, especialmente pelos princípios que a esquerda tem como base, que se baseia na justiça, na igualdade e na fraternidade.

Para o autor, esses são princípios através dos quais as pessoas se podem verdadeiramente identificar.

Como ele mesmo refere, não devemos de ter ilusões acerca da utopia comunista, pois nunca iremos conseguir concertar tudo o que está mal no mundo, e o sistema nunca funcionará. Mas isso não significa que não possamos mudar algumas dessas coisas, e todo o esforço para o conseguir estará justificado.

Deste modo, o autor defende que a Europa deveria ser um misto entre as políticas de esquerda e de direita. E refere essa questão especialmente porque, no seu pensamento, estas se encontram incompletas quando isoladas, e que suas falhas podem ser reparadas com a ajuda das políticas contrárias.

⁹³ SEMPRÚN, 2011 - Pensar en Europa, p. 118.

Ou seja, Semprún defende uma parceria entre a ideologia de esquerda e o sistema económico de direita. Pois o autor considera que, ainda que os Estados não se podem guiar apenas pela economia de mercado, pelo poder estatal, pela sociedade de consumo, devem ter em conta valores como a liberdade, a justiça e a igualdade como bases de funcionamento, caso contrário desmembrar-se-ão com o tempo.

Por isso, Jorge Semprún recorda que a economia de mercado e o sistema capitalista têm trazido grandes benefícios e conseguiram subsistir ao bloco comunista, mas lembra que a construção europeia depende não só das condições económicas mas dos princípios e valores de esquerda:

“No sólo la sociedad europea, también la mundial necesita a la izquierda. Como es natural, sé que las organizaciones y las ideas de la izquierda están agotadas. Pero la posición de izquierda es una necesidad moral, política, casi me atrevería a decir ontológica. Ser de izquierdas es para mí el conocimiento de que la sociedad es digna y capaz de mejora, y la apasionada voluntad de llevar a la práctica esse conocimiento. Concebido como tarea permanente. No se puede cimentar una sociedad exclusivamente sobre la libertad de los consumidores. Necesita otros valores, o se desintegrará”.⁹⁴

Assim, é visível que as duas experiências totalitárias por que passou marcaram o pensamento do autor. A ideia de liberdade é sem dúvida a presença mais constante no seu pensamento, ainda que existam outros princípios por que se rege, a liberdade sempre foi a sua principal motivação o que, na minha opinião, é o resultado da sua experiência em Buchenwald.

E, ainda que o autor se tenha desligado da ideologia comunista, denota-se que esta permaneceu no pensamento do autor. Não devido ao seu carácter propriamente político, mas pelos valores que representa, por aquela utopia de uma sociedade melhor e justa.

De qualquer das formas, é perfeitamente compreensível que tanto o nazismo como o comunismo tenham permanecido na vida de Jorge Semprún deste modo. Não só tornou o autor um pensador mais crítico e mais consciente do mundo que o rodeia, como lhe permitiu dar a conhecer ao mundo as duas experiências através dos seus olhos.

⁹⁴ Cit. por AUGSTEIN, Jorge Semprún , 2010 - Lealtad y Traición, p. 383.

CONCLUSÃO

Ainda que, Jorge Semprún seja um autor relativamente desconhecido, é sem dúvida um dos homens a ter em conta quando pensamos no século passado.

Por mais que estudemos o Holocausto e a Guerra Fria, assim como o fenómeno totalitário que se encontra por detrás de ambos, Semprún recorda-nos que existe sempre algo mais a dizer, ainda que ambos os casos tenham sido alvo de análise intensa ao longo dos anos.

Através dos olhos e da memória do autor, tornou-se claro para mim de que forma podemos olhar para a história da humanidade como um prisma: dependendo da nossa posição e do nosso olhar sobre o objeto, o resultado que encontramos pode assumir muitas e variadas formas.

De facto, poder olhar para estes dois fenómenos através do olhar de alguém que esteve presencialmente lá, torna-nos imensamente mais conscientes da sua dimensão.

Pessoalmente, adotei uma nova perspetiva sobre o Holocausto ao ler as obras de Jorge Semprún. Claro que existem muitos outros que falaram e falam da sua experiência como deportados em campos de concentração nazis, mas para mim a obra literária de Semprún torna-se especial porque foca temas que não associaríamos normalmente aos campos de concentração. E para mim, esta é a grande mais valia deste estudo, a possibilidade de analisar estes fenómenos de uma outra forma e através dos olhos de quem esteve realmente lá.

Por outro lado, uma das dificuldades/delimitações do estudo, relaciona-se com o facto de o autor não disponibilizar muitos recursos bibliográficos sobre o tema abordado. Ainda que o autor tenha várias obras editadas, além das entrevistas que deu ao longo dos anos, o autor focou-se sempre mais no género literário da ficção, dos policiais e do romance, ainda que a maior parte das suas obras se relacionem com experiências na sua vida, essa realidade mistura-se geralmente com a ficção.

Através das leituras que fiz, compreendi que esse talvez seja o resultado dessas mesmas experiências por que o autor passou. De um lado, o campo de concentração deixou as suas marcas de repressão no silêncio do autor, como o próprio admite. Por outro, enquanto agente clandestino do PCE, a descrição e o

secretismo sempre fizeram parte da sua dupla personalidade enquanto Federico Sánchez.

Correndo o risco de tirar conclusões precipitadas ou que não correspondam à realidade do pensamento do autor, foquei-me nos pontos em que realmente o autor expressa a sua opinião de forma clara. Deste modo, o estudo pode carecer de um estudo mais aprofundado do pensamento do autor, ainda que, de certa forma, tenha feito um esforço para ultrapassar essa delimitação.

Neste sentido de contenção do seu pensamento político, reparei que Semprún não analisa, assim, o Holocausto através daqueles que o causaram, mas através de uma profunda análise ao companheirismo que ele mesmo sentiu enquanto esteve no campo de Buchenwald.

Não que a memória da morte no autor esteja esquecida, mas porque para ele algo tão bom como a amizade dentro de um sítio tão mau como aquele, merece tanta ou mais atenção que as atrocidades cometidas: não haveria lugar mais improvável para a existência de fraternidade entre os homens como eram aquelas “fábricas da morte”, o último sítio de onde se poderia esperar algum tipo de bondade.

Mas é exatamente ali, naqueles lugares “esquecidos por Deus”, que Semprún nos revela que sentimentos como estes se tornam, pela sua improvável existência, admiráveis e espantosamente especiais.

Ainda assim, nem todas as pessoas que passaram pelos campos de concentração encontraram um final feliz.

A morte em massa de seres humanos deixa-nos perplexos, independentemente da época em que vivemos ou daquilo que pensamos conhecer da essência do homem. A análise de Hannah Arendt é por isso, uma mais valia para a compreensão das mentes por detrás de todas estas atrocidades.

Ainda que, o conceito de banalidade do mal introduzido por Arendt não possa ser aplicado a todos aqueles que tiveram parte ativa no Holocausto, é sem dúvida uma mais valia na análise ao fenómeno.

Ainda que a autora tenha uma abordagem bastante diferente da de Semprún, considerando na sua análise o mal em Eichmann penso que, de certa forma, as duas análises se completam.

Ambos abordam o mal cometido pelo nazismo através de um ótica do pensamento do ser humano, considerando algo mais que os acontecimentos por si só.

Já Bauman, apresenta-se com uma abordagem diferente, analisando o Holocausto enquanto acontecimento natural do processo de evolução civilizacional.

O autor posiciona-se assim, mais distante da questão moral que o genocídio representou. Enquanto que Arendt e Semprún analisam o Holocausto internamente, Bauman concentra-se em encontrar a explicação para este ter acontecido em primeiro lugar, sendo que essa é a principal diferença entre os autores.

De outra forma, apresentam-se os autores Patrick Hayden e Alan Wolfe, que se dedicam à análise do mal político no momento atual.

Ainda que atentos ao passado, estes dois autores dão-nos uma noção de como o mal se afigura atualmente, através de visões mais abrangentes, referindo a soberania e o neoliberalismo como instrumentos do mal político, ou através de eventos como os ataques terroristas, o genocídio, a tortura ou as limpezas étnicas.

No fundo, após o estudo destas questões, compreendi que o mal exerce a sua influência na política desde sempre. O regime de Hitler, os campos de concentração e o genocídio dos judeus afiguram-se como questões que nos ultrapassam no seu entendimento. Porém, autores como os estudados nesta análise, trazem-nos novas perspetivas e abordagens que nos levam a uma melhor compreensão do que realmente aconteceu.

Assim, ainda que de uma forma diferente, o totalitarismo comunista representa também ele, a herança do legado de violência e repressão do século XX.

E esta é uma das principais razões que levaram Jorge Semprún a renunciar à ideologia comunista e ao seu sistema de organização política e económica pois, não só a ideologia falhava na prática, como politicamente o sistema comunista se tornou inviável.

Tendo como bases os ideais marxistas, assim como a fraternidade, a justiça, a igualdade, entre outros, Semprún adotou o comunismo durante largos anos, tendo tido o seu papel bastante ativo como agente na clandestinidade do Partido Comunista Espanhol.

Primeiramente, dececionado com a posição do partido em relação à sociedade espanhola da altura, o autor começa a sua rota de distanciamento face ao comunismo.

Após, ter compreendido que a URSS não procedia de acordo com aquilo que ele considerava a ideologia comunista, Semprún critica publicamente a postura do PCE, levando eventualmente à sua expulsão na década de 60.

Anos mais tarde, o autor rejeita finalmente a ideologia comunista, que julgava ser algo que na prática não correspondia aos grandes ideais de Karl Marx.

É particularmente curioso, que Jorge Semprún tenha abandonado o comunismo ainda no seu auge, quando em termos do contexto da Guerra Fria, a URSS ainda se afirmava como um adversário forte ao bloco capitalista.

Seria de pensar que, vivendo na Europa ocidental capitalista (o autor residia em França) a mudança de opinião política em Semprún se relacionasse com as influências exercidas pelos EUA e pelo bloco ocidental em geral.

Na minha análise sobre o assunto, compreendi que independentemente das influências consequentes da Guerra Fria que o autor possa ter estado sujeito, no final foi a sua capacidade crítica e a sua experiência de vida que o levaram a afastar-se do comunismo.

O autor, ainda que primeiramente apenas se tenha situado contrário ao PCE, compreendeu que as políticas desenvolvidas pela URSS não se articulavam fielmente à ideologia defendida.

Assim, Semprún optou por seguir uma via diferente ao do comunismo soviético, declarando-se comunista ainda assim, apenas não acreditava que a URSS representasse o verdadeiro comunismo.

Mais tarde, o autor compreendeu que o sistema comunista nunca poderia triunfar a longo prazo, em termos políticos e económicos. Tinha-se tornado claro para ele que a ideologia comunista não poderia subsistir enquanto sistema político. A juntar a esta questão, encontrava-se o carácter repressivo e violento do regime soviético que, para o autor, lhe lembrava demasiado bem do regime nazi.

Deportado em Buchenwald, pela sua atividade na Resistência, Jorge Semprún não conseguia evitar de comparar os dois regimes.

Ainda que revele que em termos ideológicos eles não sejam comparáveis, o tipo de ação levada a cabo pelos soviéticos e seus aliados ia contra tudo aquilo que o autor considerava serem os ideais comunista por que se tinha aliado.

Assim, não é difícil de entender as razões que levaram Jorge Semprún a distanciar-se do comunismo e da política, pela qual ganhou uma certa decepção após ter desempenhado o cargo de Ministro da Cultura em Espanha.

Ainda assim, Semprún não considera o sistema capitalista um sistema justo e apela à eterna luta do povo, à “revolução permanente”.

Jorge Semprún, afirma-se assim, como um homem de muitas experiências e de muitas lições. E é sem dúvida, um dos pensadores do nosso tempo que mais nos chama a atenção para os valores e os princípios de justiça, igualdade e principalmente liberdade.

A sua vida tão intensa, deixa-nos um legado de memória e de testemunho, e relembra-nos da importância das lutas que travámos e que ainda iremos travar, encorajando-nos sempre a perseguir sempre os nossos ideais.

BIBLIOGRAFIA

Monografias:

Obras de Jorge Semprún:

- SEMPRÚN, Jorge – *Aquel Domingo*. 3ª Edição. Barcelona: Tusquets Editores, 1999.
- SEMPRÚN, Jorge – *La Escritura o la Vida*. 2ª Edição. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.
- SEMPRÚN, Jorge – *Mal et Modernité*. 1ª Edição. Paris: Éditions Climats, 1995.
- SEMPRÚN, Jorge – *Pensar en Europa*. 2ª Edição. Barcelona: Tusquets Editores, 2011.

Outras obras:

- AGAMBEN, Giorgio – *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. [Em linha]. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. [Consultado a 15-03-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://pt.scribd.com/doc/68077081/Agamben-Giorgio-LIVRO-Homo-Sacer-O-Poder-Soberano-e-a-Vida-Nua>>
- ARENDT, Hannah – *Eichmann en Jerusalém: Un estudio sobre la banalidad del mal*. [Em linha]. 4ª Edição. Barcelona: Editorial Lumen, 1999. [Consultado a 11-11-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.book.tubefun4.com/downloads/Eichmann.pdf>>
- ARENDT, Hannah – *Essays in Understanding 1930-1954: Formation, Exile, and Totalitarianism*. [Em linha]. 1ª Edição. New York: Harcourt, Brace & Co, 1994. [Consultado a 15-03-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://books.google.pt/books?id=5872U7QQI8oC&pg=PA271&lpg=PA271&dq=Yet+all+historical+and+political+evidence+clearly+points+to+the+more+than+intimate+connection+between+the+lesser++and+the+greater+evil&source=bl&ots=hdDak3Jm9g&sig=oQuSmc8vo1UN-IB-HWe3E4DyzhI&hl=pt-PT&sa=X&ei=mzQnU6-rH8XoywPRx4CQBg&ved=0CDMQ6AEwAQ#v=onepage&q=Yet%20all%20historical%20and%20political%20evidence%20clearly%20points%20to%20the%20mor>>

e-than-

[intimate%20connection%20between%20the%20lesser%20%20and%20the%20greater%20evil&f=false](#)

- ARENDT, Hannah – *Origens do Totalitarismo*. [Em linha]. 3ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [Consultado a 01-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/origens-do-totalitarismo.pdf>

- AUGSTEIN, Franziska – *Lealtad y Traición: Jorge Semprún y su siglo*. 1ª Edição. Barcelona: Tusquets Editores, 2010.

- BAUMAN, Zygmunt – *Modernidade e Holocausto*. [Em linha]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. [Consultado a 25-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://books.google.pt/books?id=Og6umwN5xwEC&pg=PA48&lpg=PA48&dq=bauman+%2B+o+processo+civilizador+%C3%A9,+entre+outras+coisas,+um+processo&source=bl&ots=qen76dqZI-&sig=Y0RjN6AooggPoZyrimrpHH31jNc&hl=pt-PT&sa=X&ei=p5YkU9uFF8Gt0QWI6ICoCA&ved=0CFEQ6AEwBQ#v=onepage&q=bauman%20%2B%20o%20processo%20civilizador%20%20%C3%A9%20entre%20outras%20coisas%20%20um%20processo&f=false>

- FREUD, Sigmund – *Psicologia das Massas e Análise do EU e outros textos (1920-1923)*. [Em linha]. Obras completas vol. 15. Companhia das Letras, 2011. [Consultado a 15-03-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://ideiaeideologia.com/wp-content/uploads/2012/10/freud-sigmund-obras-completas-cia-das-letras-vol-15-1920-1923.pdf>

- HAYDEN, Patrick – *Political Evil in a Global Age: Hannah Arendt and International Theory*. 1ª Edição. New York: Routledge, 2009.

- HOBBSAWM, Eric - *Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991* [Em linha]. 2ª Edição, 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. [Consultado a 10-10-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/hobsbawm-a-era-dos-extremos.pdf>

- KISSINGER, Henry - *Diplomacia*. 3ª Edição. Lisboa: Gradiva, 2007.

- TODD, Allan – *The European Dictatorships: Hitler, Stalin, Mussolini*. 6ª Edição. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- VALLS, Álvaro L. M. – *O que é Ética*. [Em linha]. Coleção Primeiros Passos nº 177. Editora Brasil, 1994, pp. 62-70.[Consultado em 05-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.fara.edu.br/site/servicos/downloads/colecao/etica.pdf>

- WELCH, David – *Hitler, Perfil de um Ditador*. Lisboa: Edições 70, 2002.

Artigos:

- ARENAS, Ángel Díaz – *Jorge Semprún: Retrato de una movida vida*. [Em linha]. [sem data]. [Consultado a 02-11-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://toulouse.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/autores/semprun.pdf>

- CHAVES, Luíza Santana – *Entre o (in)dizível e o (in)vivível: Imagens da dor e do mal em Jorge Semprún. Literatura e Autoritarismo*. [Em linha]. Dossiê Imagem e Memória de Janeiro de 2012, (2012), pp. 125-139. [Consultado a 20-11-2013]. Disponível na internet: <URL: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/RevLitAut_art09.pdf

- CORREIA, Adriano – *Arendt e Kant: Banalidade do Mal e Mal Radical*. Argumentos. Ano 5, nº 9 (2013), pp. 63-78.

- CORREIA, Adriano – *O Conceito de Mal Radical*. Trans/Form/Ação. Vol. 28, nº 2 (2005), pp. 83-94.

- FELÍCIO, Carmelita Brito de Freitas – *Do Mal Radical à Banalidade do Mal: Entre Kant e Arendt*. Revista Fragmentos de Cultura. [Em linha]. Vol. 15, nº 3 (2005), pp. 531-546. [Consultado a 13-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://professor.ucg.br/siteDocente/admin/arquivosUpload/3725/material/Mal%20radical%20e%20banalidade%20do%20mal-Rev%20Fragmentos.doc>

- HARRISON, Hope M - *The Berlin Wall, Ostpolitik, and Détente*. German Historical Institute [Em linha]. (2003). [Consultado a 10-10-2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.ghi-dc.org/files/publications/bu_supp/supp1/supp-01_005.pdf

- HENRIQUES, Fernanda Gabriela Sousa – *Holocausto Judeu: Didactização*. [Em linha]. [sem data]. [Consultado a 21-02-2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.aph.pt/docs/recursos_downloads/holocausto.pdf

- MADRAN, Cumhur Yilmaz – *The State Villainy in Orwell's 1984*. [Em linha] [sem data]. [Consultado a 06-01-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.inter-disciplinary.net/wp-content/uploads/2010/08/madranpaper.pdf>

- MARCO, Valeria de – *A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado*. Lua Nova. [Em linha]. Nº 62 (2004), pp. 45-68. [Consultado a 12-11-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf>

- MILGRAM, Stanley – *Obedience to Authority*. [Em linha]. [sem data]. [Consultado a 03-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.gyanpedia.in/portals/0/toys%20from%20trash/resources/books/milgram.pdf>

- MORE, Rodrigo Fernandes - *A Guerra Fria: 1945-1987* [Em linha]. [Consultado a 11-12-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.more.com.br/artigos/Guerra%20Fria.pdf>

- NASCIMENTO, Lucy Miranda do – *O Corpo para e no Nazismo: As cicatrizes indeléveis dos escritores sobreviventes do Holocausto*. Revista LetrasMil. Vol. 1, nº 3 (2012), pp. 8-22.

- OLIVEIRA, Lucas Amaral de – *O Testemunho Literário como Documento Empírico: uma reflexão metodológica sobre a memória a partir da obra de Primo Levi*. [Em linha]. [sem data]. [Consultado a 20-11-2013]. Disponível na internet: <URL: http://www2.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts_lleics/gt20/g20_lucasamaraldeoliveira.pdf

- RABINOVITCH, Gérard – *Preocupa o teu próximo como a ti mesmo: Notas críticas a Modernidade e Holocausto de Zygmunt Bauman*. Ágora. [Em linha]. Vol. 6 nº 2 (2003), pp. 301-320. [Consultado a 02-03-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n2/v6n2a08.pdf>

- RIBEIRO, António Sousa – *Cartografias do não-espaço: Viagens ao fim do mundo na literatura do Holocausto*. Revista Crítica de Ciências Sociais [Em linha], nº 83 (2008), pp. 5-18. [Consultado a 10-11-2013]. Disponível na internet: <URL: www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=1007>

- WEINERT, Matthew S. – *Hannah Arendt in a Global Age: Political Evil and International Theory*. Human Rights & Human Welfare. [Em linha]. Vol. 12, (2012). [Consultado a 13-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.du.edu/korbel/hrhw/volumes/2012/weinert-2012.pdf>>

- ZUBOK, Vladislav M. - *Khrushchev and the Berlin Crisis (1958-1962)*, Cold War International History Project. Woodrow Wilson International Center for Scholars [Em linha]. Working Paper nº 6, (1993). [Consultado a 09-11-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ACFB7D.pdf>>

Artigos em periódicos (online):

- [Sem indicação do autor] (2005) – *O Bem e o Mal depois de Auschwitz*. (Diário do Minho, 30-01-2005). [Consultado a 14-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.diariodominho.pt/opiniao/19811>>

- [Sem indicação do autor] (2011) – *Semprún, toda una vida a través de su obra*. (El Cultural, 08-06-2011). [Consultado a 13-01-2014]. Disponível na internet: <URL: [http://www.elcultural.es/noticias/LETRAS/1733/Semprun toda una vida a trav es de su obra](http://www.elcultural.es/noticias/LETRAS/1733/Semprun%20toda%20una%20vida%20a%20trav%20es%20de%20su%20obra)>

- BELÉM, Euler de França (2012) – *Jorge Semprún ‘delatou’ Marguerite Duras*. (Bula Revista, 23-11-2010). [Consultado a 02-11-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://acervo.revistabula.com/posts/livros/jorge-semprun-delatou-marguerite-duras>>

- OCARANZA, Nicolás (2013) - *El Mal como Instrumento Político*. (La Tercera, 07-11-2013). [Consultado a 31-01-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://papeldigital.info/ltrep/2013/09/07/01/paginas/030.pdf>>

- RAUCH, Jonathan (2011) - *When Moralism isn't Moral*. (The New York Times, 07-10-2011). [Consultado a 31-01-2014]. Disponível na internet: <URL:

<http://www.nytimes.com/2011/10/09/books/review/political-evil-by-alan-wolfe-book-review.html? r=1&>

- SEMPRÚN, Jorge [Sem data] – *Interview with Jorge Semprún*. (The White Review). Entrevista concedida a Gwenaél Pouliquen e Pierre Testard. [Consultado a 12-01-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.thewhitereview.org/interviews/interview-with-jorge-semprun/>

- SEMPRÚN, Jorge [Sem data] – *The Art of Fiction*. (The Paris Review). Nº192. Entrevista concedida a Lila Azam Zanganeh. [Consultado a 12-01-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.theparisreview.org/interviews/5740/the-art-of-fiction-no-192-jorge-semprun>

- SEMPRÚN, Jorge (2007) – *Sin memoria, yo no existiría, entre la política e la vida*. (El País, 16-12-2007). Entrevista concedida a Juan Cruz. [Consultado a 10-12-2013]. Disponível na internet: <URL: http://elpais.com/diario/2007/12/16/eps/1197790011_850215.html

- SEMPRÚN, Jorge, (2010) - *La Literatura me facilitó la ruptura política y la política, la ruptura literaria*. (El Cultural, 12-11-2010). Entrevista concedida a Nuria Azancot. [Consultado a 02-02-2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.elcultural.es/version_papel/LETRAS/28156/Jorge_Semprun

- WOLFE, Alan (2011) – *Author Meets Critics – Political Evil: What it is and How to Combat it*. (Boston Review, 21-11-2011). Entrevista concedida a Erik Owens. [Consultado a 05-02-2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.bc.edu/content/dam/files/centers/boisi/pdf/f11/AlanWolfe_BoisiCenterInterview2011.pdf

- WOLFE, Alan (2011) – *The Devil is Back*. (The European, 07-11-2011). [Consultado a 30-01-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.theeuropean-magazine.com/alan-wolfe--2/417-political-evil>

Teses, dissertações e outras provas académicas:

- BELING, Romar Rudolfo – *Uma Poética da Memória: O Holocausto na obra de Jorge Semprún*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2007. Dissertação de Mestrado.

- LILLY, Meredith - *Bureaucracy and Thoughtlessness: Totalitarian Evil in the Political Theory of Hannah Arendt*. [Em linha] Calgary: University of Calgary, 2013, pp. 1-33. Tese de Mestrado. [Consultado a 14-02-2014]. Disponível na internet: <URL: http://theses.ucalgary.ca/bitstream/11023/874/2/ucalgary_2013_lilly_meredith.pdf

Registos vídeo e sonoros:

- *Auschwitz: The Nazis and the 'Final Solution'*. [Registo vídeo]. (BBC, 2005). Série documental de 6 episódios com 45 minutos cada um, aproximadamente.

- *Den Blodiga Tide*. [Registo vídeo]. (Erwin Leiser, 1960). Filme documental com 1 hora e 58 minutos.

- SEMPRÚN, Jorge (2005) – *Jorge Semprún, o sobrevivente*. [Registo sonoro]. (TSF, Abril de 2005). Entrevista concedida a Carlos Vaz Marques. [Consultado a 11-02-2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?audio_id=893733&content_id=917512

Fontes:

- A. Bartolomé, Artigo sobre o caso Guerra de 12 de Março de 2012. [Consultado a 23-11-2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.larazon.es/detalle_hemeroteca/noticias/LA_RAZON_441018/2435-del-caso-guerra-a-mercavilla-y-el-per#.Ut06yfSp2IV

- Cleber Baessa Mestriner, *O Bem e o Mal na Filosofia: Em crise, conceitos polarizados perderam sua essência universal entre os homens e a sociedade*. Revista Filosofia. [Consultado a 28-01-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/20/imprime152006.asp>

- Departamento de Estado dos Estados Unidos, sobre as crises de Berlim. [Consultado a 11-03-2014]. Disponível na internet: <URL: http://future.state.gov/when/timeline/1946_cold_war/berlin_crisis.html

- Harry Truman, Discurso do Presidente americano Harry Truman sobre a bipolaridade mundial a 12 de Março de 1947. [Consultado a 25-11-2013] Disponível na internet: <URL: <http://www.trumanlibrary.org/teacher/doctrine.htm#speech>

- Jorge Semprún, *What being "European" means to me*, em 8 de Junho de 2011. [Consultado a 20-03-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://www.opendemocracy.net/people-debate-36/article-322.jsp>

- Radoslaw Harabin, *Collapse of democracy: Comparing Z. Bauman's Modernity and the Holocaust with H. Arendt's philosophy in prism of jewish question*, de 1 de Novembro de 2010. [Consultado a 25-02-2014]. Disponível na internet: <URL: <http://ipdemocracyandreligion.blogspot.pt/2010/11/collapse-of-democracy-comparing-z.html>

- Willy Meyer, Comunicado sobre a morte de Jorge Semprún em 8 de Junho de 2011. [Consultado a 23-11-2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.pce.es/pl.php?id=4634>